VIDA, E FEITOS

DE

FRANCISCO MANOEL GOMES DA SILVEIRA MALHAÕ.

FOi taxado este livro em papel a duzentos e cincoenta reis. Meza, 12 de Janeiro de 1792.

Com tres Rubricas.

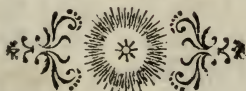
VIDA, E FEITOS

DE

FRANCISCO MANOEL GOMSE DA SILVEIRA MALHAÕ,

Escrita por elle mesmo:

Com as obras, quantas compoz em prosa, e verso até ao anno de 1789, o solemne de sua formatura, semeadas pelo corpo da obra nos seus respectivos lugares, com as rubricas mais competentes: e com as posthumas de seu Irmaõ Antonio Gomes da Silveira Malhaõ.

TOMO I.

LISBOA

NA OFFIC. DE FRANCISCO LUIZ AMENO.

M. DCC. XCII.

Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

Porque naõ vá ſem Epigrafe ,
ei-lo a pedir de boca.

Ruim ſeja o que por ruim ſe tem.

Bent. Per. no Theſour. da Ling. Port. p. 2. pag. 237.

PROLOGO.

DEPOIS que cheguei á desejada meta do abalisado dia de minha solemne formatura, olhando para o muito que fiz, em contemplaçaõ do nada que dos meus recebia, subiome á lembrança escrever mil acontecimentos já venturosos, já tristes, que passaraõ por mim, ou eu por elles, no dilatado espaço de oito annos, que para conseguir a empreza foi preciso demorar-me em Coimbra: e isto naõ só por cumprir com a manîa de escritor, que sempre tive; mas tambem para animar os desfavorecidos, e desamparados, a fim de que sempre trastejem os meios mais competentes daquella vida, para que os faz descambar a sua inclinaçaõ; mostrando intrepido o rosto aos obstaculos, e ás barreiras, que se oppozerem a seus desejos, deixando o negocio nas mãos da fortuna, a qual, por antiquissimo capricho, ajuda aos atre-

atrevidos, e arremessa de si aquelles, que saõ cobardes: certificando-os tambem de que tanto he maior a gloria, quanto he maior o perigo em que nos metemos, e as difficuldades, que vencemos (naõ sendo com temeridade).

Este era o meu designio; porém tornado aos campos da patria, elles me pozeraõ presentes outros muitos successos anteriores, que olhando-os por todos os lados, me pareceraõ dignos de recommendar-se á posteridade; e a conversaçaõ dos amigos, companheiros no piaõ, bilharda, rourow, e carapeta, me suscitou outros muitos, capazes de enterter os meus leitores, e que tambem, posto que indirectamente, desarraiguem da sua ociosidade, capricho, ou pusilanimidade alguns, que por seu mal se achem na situaçaõ triste, em que eu me achava, e que arrojando-se ao que me arrojei, consigaõ o mesmo que eu consegui: desejando que fiquem certos, de que toda a gloria, que vem ao homem (neste mundo)

só

só tem principios solidos nos trabalhos do mesmo homem, olhados respectivamente á diversidade de bemaventuranças, com que sonharaõ os Filosofos no meio das suas preoccupações: porque eu naõ chamo heróes áquelles, em nome de quem se venceraõ as batalhas, mas sim áquelles, que foraõ presentes aos maiores riscos dellas, e que, com perigo de suas vidas, compraraõ aquelle nome, taõ seu proprio, que posto morressem nellas, sempre de justiça se lhes devia ás cinzas, e ás suas mesmas sepulturas.

Por esta razaõ escrevi a minha vida desde aquelle tempo, em que pude achar por mim, e por outros authenticas noticias della; cuja historia comprehende de entaõ até ao dia de minha formatura: e talvez que, se ella me durar, escreva o resto; pois naõ me falta materia attendivel, e recemnascida nos dois annos, que lhe tem succedido na occupaçaõ de Advogado nos Auditorios da minha terra.

Como porém o que se acha escrito

crito he muito para hum ſó volume; reſolvi-me a repartillo por tres. Eſte primeiro conſta de quatro Epocas, e nellas ſe expoem os acontecimentos, largamente circumſtanciados até o dia de minha primeira matricula. O ſegundo conſta de outras tantas, que os abrangem dahi até ao da formatura. O terceiro do que nelle veráõ os leitores; e iſto eſcrevendo quantos verſos fiz nos ſeus reſpectivos lugares, dando as cauſas, e os motivos para ſua melhor intelligencia; e para ao menos com eſte adubo disfarçar o máo ſabor, que de certo haõ de fazer a paladares delicados.

Feita aſſim, e aſſim delineada, e completa a obra, chegou huma attendivel, e ponderoſa difficuldade, a ſaber: na occurrencia de tantos Amigos, a qual delles deveria eu dedicar eſte parto de meu engenho? Vacilei com effeito; porque, em pontos de amiſade, naõ ſoube reſolver a qual déſſe a preferencia; e por me ſafar da rede, com deſcargo de minha conſciencia, e ſem fazer injuria a ne-

nenhum , dedico-a a todos , com o protesto de que todos em geral , e cada hum em particular , tome igual parte em toda , e qualquer parte da seguinte Dedicatoria ; em fé do que me assino do final de que uso nos Auditorios desta Villa.

Silveira Malhaõ.

AMPLIS-

AMPLISSIMA AD SODALES
DEDICATIO.

AMIGOS que ainda o ſois, Amigos que já o foſtes, e Amigos que ainda o ſereis: entre tantas peſſoas

a

a quem privativamente podia dedicar a minha obra , ſempre vos tive atraveſſados na goéla ; porque debaixo deſte nome de Amigos , acho tudo , quanto póde excogitar-ſe para a Dedicatoria de huma obra muito ponderoſa , que ella fora , quanto mais de taõ pouco momento , quer pela ſua materia , quer pelo ſeu Author : por quanto,

Se o ſer de naſcimento illuſtre exige huma Dedicatoria , entre os meus Amigos ha Illuſtres , Illuſtriſſimos , Excellentiſſimos , e Eminentiſſimos. Se o ſer ſabio a pede , eu tenho Amigos ſabios , e ſapientiſſimos : Se o ſer rico a ſolicita , eu conto Amigos ricos , e riquiſſimos ; e finalmente ſe póde haver razaõ de dedicar-ſe huma obra a hum pobre , eu tenho baſtantes Amigos pobres : em huma palavra , naõ pude achar melhor ſabida para vencer eſta difficuldade de eleiçaõ , do que dedicalla aos meus Amigos , pela vantagem de que debaixo deſte nome comprehendo Fidalgos , Sabios , Ricos , e Pobres ;

e

e venho por consequencia a ter defensores junto do Throno, nas Cadeiras, na Praça do Commercio, e nos Hospitaes, Albergarias, Soalheiras, e Palheiros do Reino: conseguindo além desta defeza, o dar-vos tambem mostras de agradecido aos favores, que vos devo; asseverando-vos, que em quanto eu pudér articular palavra, naõ deixarei de confessar, que a existencia, que de Deos recebi, por intervençaõ de meus Pais, fostes vós quem ma conservou, por favor do mesmo Deos: de maneira que para existir tive hum Pai, e para a conservaçaõ desta existencia, tive Pais aos centos.

Amigos pois, e Pais meus, aqui vos dedico os acasos, e acontecimentos da vida, que ajúdastes a conservar, e de que fostes testemunhas em parte oculares, e em parte de ouvida: e porque depois que nos separámos, tereis muitas vezes fallado em mim, ou nas vossas casas, ou nas casas dos outros vossos Amigos, e talvez vos naõ estejaõ presentes as heroicidades, e os

ver-

verſinhos que lhes accendiaõ , neſta obra vos ponho tudo á viſta , ou para contar de novo , ou para revalidar o já contado ; ſe bem que eu eſtou certo , que naõ preciſais documentos para authorizar as voſſas palavras.

Peço-vos muito , que acceiteis a offerta , que de boamente vos faço ; e que nenhum de vós deixe de ter na ſua eſtante huns livros , que vos ſaõ dedicados ; que eu vos prometto tambem adornar com elles a minha , e com outros que faço voto de comprar com o producto da meſma obra.

Agora , Amigos meus , ſó reſta que viſto eſte livro levar o Epigrafe da moda , leve tambem , por ir á moda , no ſeu frontiſpicio o retrato do Author ; pelo que , a pezar de naõ ſer retratiſta de pincel , nem de buril , como tambem ſe fazem retratos em verſo , e eu ainda me naõ deſobrigo de Poeta , naõ ha de a obra padecer o dezar da falta do dito retrato ; e como tenho todo o conhecimento da minha fyſionomia , a cuja viſta devo a maior parte de meus deſenganos ;

aqui

aqui me copeio, para aquelles que naõ me conhecem; e os meus conhecidos diráõ (ſendo chamados a teſtemunhas) ſe eu occultei, neguei, modifiquei, ou accreſcentei na copia qualquer das feições, que Deos me poz, ou mandou que a maõ do Tempo alteraſſe no circunſpecto do original.

RETRA-

RETRATO DO AUTHOR em talha poetica.

SONETO.

CAbello hirſuto , aonde os lizos pentes
A' força furaõ ; teſta apoquentada ;
Sobrancelha , e peſtana carregada ;
Olhos pardos , em alvo globo aſſentes ;

Longo , adunco nariz ; quebrados dentes ;
Redonda a barba ; a face abochechada ;
O colo em conta ; a eſpadoa dilatada ;
Bojuda a pança ; os braços concernentes :

Cintura á proporçaõ ; coxa roliça ,
Que quando ao meu eſpelho me vou pôr
A julgo ou de argamaſſa , ou de cortiça ;

Delgada a perna , por igual theor ;
Eſte o retrato : farte-ſe a cobiça ,
De quem buſca o retrato do Author.

EPO-

EPOCA I.

CAPITULO I.

§ I.

ESCREVO a minha vida, e as minhas obras poeticas; e em huma narraçaõ meio séria, e meio jocosa, apparelho aos meus leitores huns casos para rir, outros para chorar; e de mistura moralidades de todo o importe para aquelles, aos quaes a fortuna tiver tratado de igual maneira, que a mim me tem tratado; pois naõ só julgo digna de remetter-se á posteridade a memoria dos heróes, que fazendo gemer a terra debaixo de seus pés, escreveraõ os seus nomes com o sangue dos seus vencidos.

§ II.

Sete Cidades diſputaraõ antigamente a gloria de ſer patria de Homero: naõ faltou quem pertendeſſe roubar a Mantua, e a Cremona a honra de darem berço ao Epico Latino: e porque naõ ſó entre os Latinos, e Gregos tem havido ſemelhantes duvidas, mas tambem entre os meus nacionaes; pois que o noſſo Camões tambem o jazem huns de Lisboa, e outros de Coimbra, temendo que pelo eſcorregar do tempo aconteça o meſmo, ácerca do lugar do meu naſcimento; declaro, que naſci na nobre, e ſempre leal Villa de Obidos, a cuja deſcripçaõ naõ poſſo poupar-me, em contemplaçaõ ao muito que a eſtimo, e ao pouco de que lhe ſou devedor.

§ III.

He Obidos huma Villa da Eſtremadura, doze leguas ao Norte de Lisboa, ſete ao Poente de Santarem, tres ao Sul de S. Martinho, e tres ao Naſcente de Peniche. Ignora-ſe o tempo da ſua fundaçaõ; mas Authores de boa

boa nota querem, que exiſtiſſe já trezentos annos antes da vinda de Chriſto. Quer exiſtiſſe, quer naõ, ella foi das ganhadas aos Barbaros pelo fundador do noſſo Imperio; e nas contendas entre D. Sancho, e ſeu irmaõ D. Affonſo, ganhou o nome de ſempre leal, de que ainda ſe ſerve. Ella foi abrigo á Rainha D. Leonor, quando ſe retirou, chorando a morte de ſeu filho precipitado de hum cavallo na Villa de Santarem, e lhe deu por armas huma rede, em memoria daquella em que á ſua preſença lho trouxeraõ huns peſcadores. He titulo dos Grandes de ſeu nome, dote das Soberanas deſte Reino, e com aſſento em Cortes. Eſtá ſituada ſobre hum lugar alto, e cingida de fortes, e levantados muros. Por todos os lados apreſenta aos olhos ou colinas, ou montes povoados de pomares, e vinhas, e planicies ferteis em trigo, e milho, e que mais o ſeriaõ entregues a melhor cultura; e para ſeu maior ſortimento tem diſtante meia legoa a la-

goa de ſeu nome, de que tira fartura de peixe, e abundancia de caça. Encerraõ ſuas muralhas quatro Paroquias, e todas Collegiadas. He aſſento de hum Vigario Geral, que o he tambem das trezes Villas dos Coutos de Alcobaça, e das Villas do Cadaval, Atouguia da Balêa, e de Peniche. Tem Juiz de Fóra, de Orfãos, de Vallas, Coutadas, Direitos Reaes, Capitaõ mór, e hum Monteiro tambem mór. Foi patria de Paulo de Seixas, celebre na embaixada do Martabam, de que falla Fernaõ Mendes Pinto, e da inſigne pintora Joſefa de Ayala, cuja vida eſcreve em ſumma Damiaõ de Froes Perym no ſeu Tratado das Mulheres inſignes. Ainda hoje naõ deixa de ſer productora de homens raros, e theſouro de muitas maravilhas. Entre os ſeus habitantes nacionaes apparecem dois moucos, dos quaes hum ſuſtenta a converſaçaõ, percebendo tudo pelo bulir dos beiços, de maneira que os eſtranhos o naõ julgaõ mouco ſenaõ fallando-lhe

em

em alguma poſtura, ou diſtancia, em que elle naõ veja o movimento da boca. O outro percebe tudo, eſcrevendo-lhe em ſecco com o dedo, ou ſobre huma taboa, ou na palma da maõ, ainda que ſeja com muita velocidade, e encadeando a figura dos caracteres. As maravilhas ſaõ: primeira, a rara uniaõ da juſtiça com a miſericordia; ſegunda, ter Alcaide mór, e naõ ter cadêa; terceira, caſa que ſe arruina, nunca ſe levanta; quarta, de vinte e quatro Beneficios, que haverá nas quatro Collegiadas, ſó tres ſe achaõ providos em filhos ſeus. Naõ he povoaçaõ grande, mas bem o podia ſer, pois podia para o Naſcente alargar-ſe muito, e muito mais para o Sul. Naõ tem paſſeios, jardins, eſtatuas, lagos, theatros, e viſtoſas praças, porque lhos naõ fizeraõ. Naõ tem cõmercio de navegaçaõ, porque alli naõ chega braço de mar, que ſe elle banhaſſe as faldas de ſeus montes, como dizem fizera em outros tempos, he crivel que foſſe viſitada das embarcaçóes,

que alli viessem. Os seus habitadores saõ habeis , prendados , de estatura além da marca , quasi todos distinctos, e sabios , sem o trabalho de aprenderem.

§ IV.

Nesta Villa pois tal , e qual eu a descrevo , foi o meu nascimento aos 22 de Setembro da era de Christo de 1757 , dia de S. Mauricio , como consta da Folhinha. Dia em que talvez nascessem outros muitos heróes , de que eu naõ tenho noticia.

§ V.

Raros saõ os homens de vulto , a cujo nascimento naõ tenha precedido algum agouro ou bom , ou máo : a mãi de Meleagro vio o celebre tiçaõ , que as Parcas tiraraõ do fogo ; a de Virgilio sonhou , que paria hum ramo de louro : naõ sei se a minha teve alguma visaõ ; he de presumir que sim ; mas o seu silencio nesta parte privou os meus leitores de o saberem agora , visto ser este o lugar , em que disto devera fazer-lhes expressa menção.

çaõ. Com tudo, quando naõ precedesse, succedeo; porque apenas nascido, fui levado a huns montes, aonde de huma camponeza recebi o alimento necessario á vida, e proprio dos primeiros annos: e se naõ vim depois a ter o prestimo de Moysés, e Romulo expostos nas aguas, sempre vim a servir, do que se irá vendo de taõ importante historia.

§ VI.

Ao dia oitavo de meu nascimento recebi as saudaveis aguas do Baptismo na Freguezia da Roliça, termo de Obidos. Foi minha Madrinha N. Senhora do Rosario, e Padrinho Domingos Ferreira dos Casaes de Alemtejo, marido da ama que me criou. Baptizou-me o Bacharel Carlos Joseph da Serra, Paroco entaõ da dita Freguezia, e que sendo depois meu na Freguezia de S. Pedro de Obidos, e Promotor das Justiças daquelle Arcediagado, foi assombrado de hum raio na Igreja do Senhor Jesus da Pedra; e recolhendo-se ao Bombarral, de

de donde era oriundo, ahi veio a morrer pateta.

§ VII.

Provado eſtá pela experiencia, que o ſangue dos pais influe ou pouco, ou nada na indole dos filhos; pois que Terencio diga: *Que os filhos saõ taes quaes ſeus pais querem que elles ſejaõ*; e Horacio: *Que os filhos imitaõ muito as acções, e coſtumes de ſeus pais*, importa pouco; porque vemos todos os dias diverſidades de coſtumes nos que naſcem do meſmo ventre, e vemos pais ſantos, e filhos endiabrados.

§ VIII.

Igualmente o ſer illuſtre, ou naſcer humilde, produz os meſmos effeitos; porque Horacio era Liberto, e iſto naõ lhe obſtou a fazer as delicias do ſeu tempo; Virgilio era de ordinaria familia, e fez a gloria da ſua naçaõ. Naõ quero porém dizer que naõ poſſa unir-ſe huma couſa, e outra; porque Ovidio era da antiga familia dos Nasões, e Anacreonte cor-

corria-lhe o ſangue real por entre o furor poetico.

§ IX.

Toquei neſta materia em razaõ do furor da fidalguia, cuja deidade hoje vê em ſeu ſequito homens, que ella nem conhece por informaçaõ; e para que os vindouros naõ preſumaõ, que ſe me pegou o contagioſo mal do meu ſeculo, como a algum dos meus parentes, declaro que naõ ſou fidalgo; nem que o fora, faria ſó diſſo a minha gloria; porque infeliz daquelle, que para fazer alguma figura no mundo, carece deſenterrar os oſſos de ſeus antepaſſados, e baptizallos, ſegundo lhe convem ás vezes, para fazer o explendor de huma arvore, que riſca em papel baſtardo.

§ X.

Foraõ meus pais, como conſta da certidaõ de meu baptiſmo, o Bacharel Agoſtinho Gomes da Silveira, filho de Joſeph Gomes da Silveira, (por alcunha o Ramires) homem chaõ, e abonado, e que vivia de ſuas fazen-

das:

das : e minha mãi D. Maria da Conceiçaõ Diniz , filha de Eſtevaõ Correa Malhaõ , natural do Lumear , termo de Lisboa , como conſta das inquirições de meus irmãos o Padre Manoel Leonardo Gomes da Silveira , e Feliciano Gomes da Silveira.

§ XI.

Já eu tinha dois annos , quando fui reſtituido á caſa de meus pais ; e ahi nos braços de huma fortuna , que promettia ſer duradoura , achei mais dois irmãos , que fazendo as ſuas delicias , naõ tinhaõ eſgotado os ſeus corações , de tal modo que me naõ deixaſſem participar de huma grande porçaõ do ſeu amor : principalmente no coraçaõ de minha Mãi , que ora foſſe por ſer eu primeiro fructo do ſeu ventre , ou porque adivinhaſſe , que nunca me eſqueceria do ſeu nome, ſempre a achei para comigo de huma ternura , de que naõ poſſo lembrarme , e ter os olhos enxutos. Ella foi ſempre a primeira a caſtigar os meus erros da puericia , e nunca a ultima a

dar

dar louvores, e premios ás boas acções, que eu entaõ fazia, ainda que sem conhecimento de causa; fazendo-se deste modo ganhar aversaõ aos vicios, e adquirir amor á virtude.

§ XII.

Isto que ella comigo praticava, acontece raras vezes em pais; porque elles, pela maior parte, cegos do amor de seus filhos, deixaõ-lhes impunes muitos crimes, os quaes se lhes pintaõ ou galantarias, ou travessuras da idade, e que tomando consistencia com o andar do tempo, vem a tomar a natureza das viboras, que quando nascem, he com o prejuizo da vida de suas mãis. Pelo que (com o respeito devido) aconselho aos pais de familias, que deixem conhecer a seus filhos o amor, que lhes tem, no meio dos castigos que lhes daõ: pois comigo podia mais que tudo o ver minha Mãi, entre o amor, e justiça, castigar-me (as mais das vezes) com os olhos arrazados de lagrimas, que depois limpava com a mesma maõ,

com

com que tinha feito correr as minhas.

§ XIII.

Na presença da boa uniaõ, que entre meus pais reinava, cheguei á idade, que pedia se me dessem as instrucçóes proprias ao fim para que elles me criavaõ; e as acçóes de christaõ caminhavaõ apar daquellas, que deve ter quem se destina a ser util cidadaõ; e a verdade me instiga a fazer confissaõ ingenua, de que o muito que tenho de máo, nunca o bebi no seu exemplo.

§ XIV.

Huma abundancia de quanto he necessario á vida do homem, fazia entaõ deliciosa morada no aposento dos meus; e unicamente se me negava aquillo, que nascia de mero appetite, e me poderia ser damnosa a sua concessaõ, sem o costume de se me negar algumas vezes.

§ XV.

Cuidava-se pois da minha educaçaõ, pelo que pertencia ás letras, unico fim a que elles me destinavaõ.

Se-

Segundo o coſtume da minha patria, eraŏ entaŏ os Theſoureiros das Collegiadas os Meſtres, em poder dos quaes eſtava o jus, e norma de fallar em materias de ler, e eſcrever. Ao que entaŏ o era de S. Joaŏ do Moxarro, por nome Joſeph dos Reis, foi incumbido o dar-me as inſtrucções preciſas, e abrir-me as portas do ſaber por meio da eſcrita, e da leitura.

§ XVI.

Ou foſſe, que me adivinhaſſe o coraçaŏ, que pouco adiantamento me dariaŏ as letras, ou quando me augmentaſſem os conhecimentos, a fortuna ſempre ſeria pouca; para mim naŏ haviaŏ horas mais triſtes, do que todas aquellas, em que havia ou eſtudar, ou entrar na minha eſcola. Iſto ganhou-me hum ſem numero de ſurras, e grozas de palmatoriadas; com a infelicidade de ir perdendo o medo ao caſtigo, á proporçaŏ que me acoſtumavaŏ a elle. Pelo que ſou de voto, que os Meſtres promovaŏ a applicaçaŏ dos ſeus diſcipulos por meio de eſti-

eſtimulos de vergonha, brandura, e emulaçaõ, e raras vezes pelo do caſtigo: porque eu, certiſſimo da ſóva, que me eſperava, já mais deixei de perder a eſcola pelo prazer de jogar a bilharda, e o piaõ, pela caça dos lagartos, armaçaõ de eſparrellas, e pelo goſto de nadar nos rios; iſto entaõ com rapazes, que ſó o acompanhar com elles me conſtituia criminoſo de pena ultima; o que naſcia do muito que me tinhaõ familiarizado com os caſtigos da eſcola: paſſando por mim o em que concorda Ovidio, quando diz:

Dextera precipuè capit indulgentia mentes,
Aſperitas odium, ſævaque bella movet.

§ XVII.

Entre gázios, e traveſſuras completei os meus dez annos; e foi entaõ que me julgaraõ com as preciſas inſtrucções de ler, e eſcrever.

§ XVIII.

Sem offenſa da verdade poſſo dizer de mim, que tendo hum genio inquieto, naõ deixava de emprender couſas gran-

grandes no ſeu genero; e porque o publico naõ perca a noticia dellas, aqui lhas conto juntas; pois pelos meſmos tempos ſuccederaõ humas, e outras.

§ XIX.

Achava-me certo dia em huma quinta, que os meus poſſuem perto de Obidos, por nome a *Pégada*; e vendo que meu Pai deſembolçara baſtantes toſtões por humas carradas de junco ſecco para ſervir á empa das vinhas, entrei na empreza de poupar eſta ſomma, ideando o modo de preparar o junco da maneira que aquelle ſe me pintava, que nada mais tinha do que eſtar ſecco, macio, e louro. Entrei neſta utiliſſima cortimenta; e para o amaciar, pareceo-me, que o pollo de molho era deſcoberta de meſtre: aſſim o julguei, e aſſim o fiz: e tomando huma bacia de arame, enchi-a de juncos verdes; e aviſinhando-me a hum tanque, debrucei-me a enchella de agua: mas como a bacia depois de cheia ganhou hum pezo ſu-

perior

perior ás minhas forças, por mais que lidei por ſubilla ao bordo, naõ foi poſſivel conſeguillo; porque obſtando de huma parte o pezo da bacia, e da outra a teima de ver o fim da minha deſcoberta, cedeo o menor ao maior, e de cabeça abaixo viſitei o fundo do tanque á viſta de meu irmaõ ſegundo, cujos gritos trouxeraõ alli hum moço, o qual lançando-ſe á agua, fez com que neſta occaſiaõ naõ pagaſſe o atrevimento de minhas experiencias.

§ XX.

Depois de lançar pela boca a muita agua, que havia bebido, meteraõ-me na cama ainda mal convalecido: porém apenas acabei da minha modorna, a primeira couſa por que perguntei, foi pela bacia dos juncos. Paſſados tres dias, em que já me julgaraõ convalecido, para que me naõ eſqueceſſe, recebi por premio ás minhas boas intençóes, huma deſtemperada ſurra de açoites, dada pela maõ de meu Pai, e de ediçaõ mais delicada, do

do que aquellas de que até entaõ me tinha feito prefente.

§ XXI.

Ainda eu tinha mal apagadas as nodoas no lugar em que me açoitaraõ, quando a minha forte me deparou outros por outro igual motivo. E foi o cafo. Trazia meu Pai muito em vifta hum meloal, que tinha feito para feu divertimento; tinha fido delineado por elle, femeado por elle, capado por elle, e fó por elle he que era regado. Para ifto deftapava a bomba do tanque, deixando correr a agua com tanta parcimonia, que era pequena a tarde para regar-fe o dito meloal. Eu, que além de naõ fer dotado de tanta pachorra, tinha de ir com elle para parte de meu gofto, e já fe apurava o foffrimento, fui-me ao tanque, e tirei-lhe a bomba toda: fahio a agua com tanta abundancia, que dando fubitamente fobre o campo do meloal, naõ fó o privou do feu divertimento, mas até lho deftroçou, alagando-lhe os canteiros, e arrancando-lhe pela raiz

muitas das ſuas melhores caſtas : para minha infelicidade houve quem me viſſe no acto do delicto, e tirei por fructo da minha preſſa, naõ ir á funçaõ a que foraõ os mais, porque fiquei pranteando a ſurra, a pezar de quantos esforços minha Mãi fez para livrar-me della.

§ XXII.

Pouco tempo depois ſe auſentou da minha patria hum preſepio de bonecos, no qual ſe repreſentavaõ varias ſcenas ſagradas, e profanas, e em que bailavaõ varias ambolinas de páo : nelle fallava hum Meſtre-ſala, e hum Chantre, couſa delicada ! Pois huns galleguinhos ! iſſo era couſa, que entrava até ás ultimas gavetas do meu coraçaõ. Aſſiſtia a todas eſtas repreſentações com o maior prazer, de que eu entaõ era capaz, ſem que faltaſſe huma ſó vez em todo o tempo que alli ſe demoraraõ. A primeira noite em que ſenti a ſua auſencia, foraõ taes as ſaudades, que penſei naõ chegar ao outro dia. Toda a noite me reſidio na

fan-

ſantaſia aquella comica, e parecia-me ouvillos, e vellos, e na ſegunda chorei amargamente a ſua auſencia.

§ XXIII.

Ouvindo ao terceiro dia, que eſta famoſa companha ſe achava com ſeu theatro armado em S. Mamede, lugar que da minha patria diſta meia legua, naő me ſoffreo o coraçaő deixar de viſitallos: e poſto naő ſabia o caminho, como quem ama, a tudo ſe arriſca, lá pela tarde cavalguei huma jumenta branca, que em caſa durava deſde a mocidade de minha Avó, e conduzi-me ao dito lugar, aonde abracei, e fui abraçado dos linguas, e paſſei logo a viſitar os bonecos, aos quaes me parece que tambem abracei.

§ XXIV.

A falta que eſta noite fiz em caſa, poz minha Mái n'uma melancolia profunda, até lhe ſocegarem o eſpirito as noticias de minha derrota. Vi a repreſentaçaő daquella noite, e ao romper do dia ſeguinte, com os olhos nos bonecos, diſſe adeos a ſeus donos;

e cavalgando a jumenta, vim destorcendo o meu caminho. Por todo elle me acompanhou hum susto, e hum receio taõ forte, que me poz de beiço cahido. Quanto he preságo o coraçaõ!

§ XXV.

Perto da quinta encontrei meu Pai, e no rosto lhe soletrei a fixa tençaõ de meu castigo; e taõ energico se me apresentou, que desamparando a cavalgadura, por ser ronceira, confiei-me nos pés; e dando-me azas o meu temor, me acolhi ao abrigo de minha Mãi. Ella conhecendo o meu delicto, sim me agazalhou; mas vendo que naõ devia ficar impune, foi a mesma que me entregou nas mãos de meu Pai: e foi entaõ que eu blasfemei contra quantos bonecos havia nas quatro partes do mundo.

§ XXVI.

Daqui se vê o grande genio, que eu tinha para cousas de theatro; o que fez que entrasse em varias representações, nas quaes de lacaia passei a dama, e de dama a rei de comedia; nem

me faltou eſpirito para tentar progreſ-ſos na navegaçaõ: e porque na lagôa viſinha á minha patria vi navegarem as bateiras, de que ſe ſervem os peſcadores, perſuadi-me de que todo, e qualquer caixaõ era hum azado batel. O inverno tinha entaõ inundado os campos viſinhos, e as aguas tocavaõ as raizes do monte, ſobre que ſe levantaõ os muros da minha patria. Aqui foraõ os mares deſtinados ás fadigas, e deſcobertas do Colombo Obidenſe.

§ XXVII.

Promptiſſimo a pôr em execuçaõ quantas extravagancias me occorriaõ, deſpreguei a tampa a huma arca de páo preto, e com hum prego, e hum ſeixo, e varias eſtopas, entrei a calafetar as juntas do meu navio. Iſto feito, acompanhado de hum meu irmaõ, ſubimos a arca em cima da burra, que me havia levado aos bonecos; e quando ninguem o ſonhava, caminhámos ao porto, que mais commodo nos pareceo para lançarmos ao mar a noſſa embarca-

barcaçaõ. Dei-a finalmente ás aguas; e meti-me nella, tendo na maõ hum varapáo, com que intentei ſupprir a falta de remos, vélas, e leme. Ao principio naõ tive mais incommodo, do que andar-me o caixaõ á roda, e tombar muito para as ilhargas; mas a poucos paſſos as aguas entraraõ com tanta violencia, que aſſentando o caſco no fundo, me deixaraõ como tomando banhos no bojo da minha tina. Ainda eſte ſuſto naõ tinha feito a ſua retirada, veio outro peior.

§ XXVIII.

Soube-ſe logo deſta empreza, e deſpedio-ſe em noſſo alcance hum criado, o qual aportando alli a toda a brida, com palavras de conſolaçaõ me foi conduzindo ao coſtumado premio de minhas heroicas tentativas. Foi entaõ que eu entrei a ganhar averſaõ ás minhas heroicas deſcobertas; porque eſtas ſurras já me envergonhavaõ á face da viſinhança, a quem incommodavaõ meus amiudados berreiros, por mais propoſitos, que fazia de as levar

á

á calada ; e mudando de projectos ; entrei no gosto de adquirir prendas.

§ XXIX.

Dei-me em primeiro lugar a tanger viola, e consegui por ella muita reputaçaõ, combinando o auge da prenda com a escaceza de meus annos: o certo he, que nos sons corridos ninguem me desbancou aquellas quatro leguas em redondo : e o fandango bailado por mim fazia crer a quem me via, que eu era natural de Castella, ou pelo menos filho de Borba.

§ XXX.

Dei-me ao jogo da espada preta, e tanto amor lhe ganhei, que inda hoje será muito custoso puxar pela branca. A caça foi huma das prendas a que me dei com muito excesso ; e começando por espingarda de cana, passei a meter á cara a legitima com tal ar, e frenesi, que fui por muitos annos declarado inimigo de patos, narcejas, perdizes, e gallinholas.

§ XXXI.

A picária deveo-me consideravel attençaõ,

tençaõ, e com huma esporinha no pé fui verdugo de quantos burros me cahiaõ debaixo dos calções. Depois avancei-me a bestas mais decentes; e contarei o que destas felistrias me coube por sorte.

§ XXXII.

Como eu naõ podia executar a brida, senaõ quando meu Pai dormia a sésta, mal o apanhava entregue ao somno, montava-me no cavallo, e n'um instante corria quantos arneiros confinavaõ com a quinta. Montei-me pois a cavallo com o indefectivel cuidado de meter os bicos dos pés para dentro; e escaramuçando na fórma do costume, aconteceo firmar o bruto a pata sobre hum bespeiro, que alli me deparou a minha fortuna; e dando com a abobeda em baixo, sahiraõ as vespas de enxurrada, e cobriraõ o cavallo de ferroadas: de tal modo o fizeraõ desesperar, que naõ obstante a sua muita fidelidade, deu a correr, e a saltar despropositadamente, que em huma curva me pario pelas ore-

lhas

lhas fóra, e me desabou sobre hum monte de pedras, onde tive a felicidade de me derrear pela cintura: e taõ maciamente foi, que ainda agora quasi todas as luas me recordo deste passeio desgraçado.

§ XXXIII.

Até aqui tenho dado noticia exacta de minhas descobertas, e prendas; e como, segundo a ordem dos tempos, he que teço a minha historia, as outras apparecerãõ pelos Capitulos seguintes.

CAPITULO II.

§ I.

ENtro agora a fallar da idade, em que eu já me applicava á Grammatica Latina. Tive a felicidade de ter por primeiro mestre hum Clerigo da minha patria, o qual tambem me dava lições de musica, e de rebeca: era elle, e inda hoje he, homem digno por suas virtudes, e exemplar conducta, de que sem offensa de outros

bons

bons confeſſe naõ conhecer algum que ſeja melhor.

§ II.

O coſtume da terra, e penſo que de todas, he que já neſtes annos cada hum arrebita o ſeu topete, e paſſeia a certas horas, que chamaõ o correio da noite, que vem a ſer as a que outros chamaõ horas de deſpegar da agulha. Eu começava entaõ a ſentir em mim hum naõ ſei que, o qual me repreſentava as patricias da minha idade, humas melhores do que as outras.

§ III.

Ha tradicçaõ, que neſte tempo era eu hum rapaz bonito, o que talvez naõ creia quem deſintereſſado pozer hoje em mim os olhos: eu meſmo o naõ acreditara, a pezar do que diz Terencio na ſua Andria, conhecendo quanto póde a filaucia.

Verum illud verbũ eſt, vulgo quod dici ſolet,
Omnes ſibi malle melius eſſe, quàm alteri.

A naõ lembrar-me de ſer muitas vezes Anjinho nas Procisſões, para os quaes em

empregos coſtumaõ procurar crianças, que ſejaõ bem parecidas. Porém iſto mudou, e vejo verificada em mim a ſentença de Ovidio.

Forma bonum fragile eſt, quantumque accedit ad annos
Fit minor, & ſpatio carpitur ipſa ſuo.

§ IV.

Como quer que aſſim foſſe, naõ faltava tambem de entre ellas alguma que goſtaſſe mais de me ver, ou menos de me ouvir. O certo he, que eu já naõ andava taõ bem por humas ruas, como pelas outras: e tanto aſſim, que a peior da minha patria neſte tempo me parecia a mais bonita de todas.

§ V.

He de ſaber, que já neſte tempo traduzia as Eclogas de Virgilio, tendo hum Diccionario ao pé, lia as Rithmas de Camões, e de outros que depois vieraõ, e as ſuas delicadezas, ainda que as naõ conhecia pelo miudo, encantavaõ-me aſſim meſmo em groſſo. Tudo iſto, e as noticias de que

hum

hum Tio meu fora poeta, fizeraõ-me cócegas de o ſer tambem.

§ VI.

Como aquella paixaõ, a que poucos eſcapaõ, já ſe havia declarado em mim, e a cauſa della me motivava algumas vigilias, ora me lembrava dar-lhe hum deſcante á viola, ou paſſar-lhe pela porta montado no cavallo, que me tinha derreado; ou finalmente fazer-lhe na preſença tres, ou quatro fintos de eſpada preta. Mas como eu já naõ era taõ tolo, que naõ conheceſſe, que os verſos tinhaõ para iſſo huma energia mais maciça, quiz que elles foſſem os pregoeiros da minha paixaõ; porém a total ignorancia, em que eu eſtava ácerca de metrificaçaõ, prendia-me os voos de huma muſa, á qual queriaõ ir rebentando as pennas.

§ VII.

Principiei pois a contar os verſos de huma Decima, a ver os que entre ſi rimavaõ, e de quantas ſillabas ſe compunhaõ, as quaes ſillabas eu entaõ

taō contava com toda a liberdade, e tudo isto com a infelicidade de achar poucos versos, em que verificar o juizo, que tinha formado depois de longas meditações. Até que Apollo para se rir de mim me trouxe ás unhas a Arte de Borralho, e entaō lá fui pescando onde aquillo dava comsigo pouco mais, e nada menos.

§ VIII.

Hum dia, que a minha Magalia (este foi o nome com que poeticamente a crismei) me deu a primeira occasiaō de ciume; porque indo a saltar hum ribeirinho, se aproveitou do braço de outrem com injuria do meu; vim para casa, dobrei papel, aparei a penna, bati na testa, rohi as unhas, escarrei, assoeime, e fiz-lhe esta Decima, primeiro parto da minha musa.

Lá me agoniou Magalia,
Que fosses comigo tiranna,
Sendo tu huma Serrana,
Melhor que a bella Accidalia.
A maō de jasmim de Italia,

Ou

Ou de outro qualquer jaſmim,
Se lha dás, naõ ſei o fim;
Mas parece-me razaõ,
Se elle ſe contenta co' a maõ,
Seja o coraçaõ ſó para mim.

Daqui pódem ver os meus leitores ſe os Gigantes ſe conhecem, ou naõ conhecem pela alarvaria dos dedos. Li-a trinta e tantas vezes com tal ſatisfaçaõ da obra, que ſe Homero quizeſſe trocar comigo a gloria, que lhe adquirio a Iliade, com alguns toſtões em cima, eu naõ aſſentia no contrato.

§ IX.

Copiei-a em papel de pezo com ſangue de gallinha, e levei-lha muito inchado, e vaidoſo da minha remeſſa. Recebeo ella o preſente, e depois de a ler, reſpondeo-me: *Innocentemente foi voſſa mercê preterido na eſcolha do braço; mas nunca o foi, nem ſerá na poſſe do coraçaõ.* Iſto deu novos azos á minha muſa; e vindo para caſa, fiz eſta quadra, que intentei gloſar-lhe.

Ain-

Ainda que ſempre ouvi dizer,
Que mulheres ſaõ mulheres,
Dá-me tu o coraçaõ,
E dá lá o braço a quem quizeres.

O goſto de apreſentar-lhe eſte conceito deſvaneceo-me da gloſa, e por iſſo a naõ produzo aqui, como tambem por ſer eſte o lugar em que devo fazer mençaõ do primeiro mimo, que recebi das mãos de Cupido.

§ X.

Tinha a dita minha Senhora Magalia parentes robuſtos, e deſtemidos, os quaes percebiaõ a innocencia da noſſa amiſade; mas que antevendo, que de pequenino ſe torce o pepino, por cortarem no principio, o que depois poderia vir a ſer funeſto, eſpreitaraõ-me huma noite, na qual para minha deſgraça fui fallar-lhe em hum beco, para onde ella tinha huma janella com grades de cadeia: ſitio aonde os meus ouvidos recebiaõ apenas huma conſolaçaõ liſongeira. No meio

do

do meu prazer aſſaltaraõ-me de repente, e pegando-me com toda a cortezia, me deitaraõ as calças abaixo, e pondo-me ao ar aquella parte, em que a gente coſtuma ſentar-ſe, deſcarregaraõ ſobre ella huns açoites dados com tanto amor, que me fizeraõ nodoas, com que podia requerer á juſtiça, ſe o ſitio foſſe daquelles, que ſem faltar á decencia, póde apreſentar-ſe a qualquer Magiſtrado.

§ XI.

Grande era o amor, que eu lhe tinha; mas maior foi o horror que eu concebi aos açoites, por naõ eſtar já taõ familiarizado com elles: e no vacilar de naõ haver, ou de levar outros, aconteceo retirar-ſe eſta familia para huma aldêa algum tanto diſtante, á qual o diabo quiz levar-me algumas vezes; mas a lembrança da ſurra, que os ſeus me deraõ, e a de meu Pai pela viſita dos bonecos, foraõ-me demorando, até que o tempo curou eſta chaga; e tanto me eſqueci della, quanto ella ſe eſqueceo de

de mim, donde se seguio naõ nos lembrarmos mais hum do outro, e ficarmos ambos esquecidos.

§ XII.

Acabada esta amisade aos golpes da ausencia, fiquei eu continuando a minha Grammatica, na qual fui adiantando os passos; porque para me applicar mais já tinha hum embaraço de menos; mas esta liberdade durou muito pouco tempo, e eu tornei a suspirar de novo enredado nas esparrellas de Cupido: e foi o caso.

§ XIII.

Achava-se em minha casa huma criada, que por nome naõ perca, a qual tinha servido em outra distante huma legua da minha: e ou porque a saudade lho pedisse, ou as obrigaçõe lho merecessem, desejou visitar a familia; de cujo serviço se havia despedido. Para melhor o conseguir, conhecendo quanto minha Mãi se interessava no meu divertimento, com as supplicas, que fez para a sua licença, misturou rogos para se lhe conce-

der, que eu foſſe na ſua companhia; e aſſim conſeguio o que ella, e eu deſejava. Montámos cada hum em ſua beſtiaga, e depois de hum tombo, que ella deu no caminho, e varias pirraças, que eu fiz ao miſeravel jumento, que me conduzia, entrámos na dita, aonde eu fui muito bem recebido.

§ XIV.

Entre as peſſoas de que eſta familia ſe compunha, havia duas meninas muito falladoras, que naõ ſendo formoſas, de feias naõ tinhaõ muito. Alli converſámos, e nos olhámos como crianças; mas que naõ teriaõ horror a tratar-ſe mais vezes. Ellas andavaõ entaõ na meſtra, e talvez preſumindo muito no talhe de ſua letra, pediraõ-me que eſcreveſſe o meu nome: obedeci, e ſaltei de contente ao ver, que a mais velha lhe pegou com toda a ambiçaõ, e o guardou comſigo. Roguei a meſma graça, e ella tomando a penna, lançou o ſeu nome, o qual eu com a meſma avareza apa-

nhei,

nhei, beijei, e meti no peito. Aqui nos rimos nós hum para o outro; mas de hum modo, que cheirava a inclinaçaő, ainda que de rapazes, muito expreſſivo no ſeu genio. Veio em fim a noite mais cedo do que eu entaő deſejava, e obedecendo á recommendaçaő de tornar cedo, tornei a minha caſa, na qual entrei mais penſativo, do que tinha ſahido.

§ XV.

Paſſaraő-ſe varios dias, em que eu me recordei do ſeu nome; mas o tempo, unica medicina para ſemelhantes chagas, quaſi as tinha cicatrizadas, quando os meus deſtinos trouxeraő a dita menina á minha patria, e quando eu menos o eſperava, puz os meus nos ſeus olhos em huma Igreja, aonde fui cumprir com a minha obrigaçaő chriſtã. Naő foraő baſtantes os tempos que tinhaő corrido, nem as poucas horas em que eſtivemos hum com o outro, para nos eſquecermos das noſſas feiçőes, antes ao vernos, ſoltámos aquelle meſmo rizo, que nos merecémos a

primeira vez , que nos fallámos.

§ XVI.

Apenas eu a vi , entrei logo no desejo de ſaber a ſua habitaçaõ , e o motivo que alli a trouxera. A primeira curioſidade me ſatisfez o conhecimento da familia com que a via , e a ſegunda ella meſma , que á ſahida da Igreja me diſſe : *Eu já cá fico , e os meus cedo ſe mudaõ de todo para eſta terra.* Alegrei-me ſobre maneira ; e paſſados tempos , ſe verificou o que ella me diſſe.

§ XVII.

Com eſta mudança , a noſſa amiſade foi-ſe ateando mais , e mais , e ſuccedendo-lhe o meſmo , que ao fogo morto , quando o vento lhe ſopra a geito : vindo por muitos tempos a ſer a inveja dos amantes da patria pelo ſério , e honeſtidade com que nos correſpondiamos hum ao outro , a pezar de alguns diſſabores , que por iſſo recebemos de noſſos Pais.

§ XVIII.

Quem ama tudo ſe lhe pinta facil ;

pe-

pelo que parecia-me , que as noſſas vontades eraõ huma lei , á qual elles naõ podiaõ reſiſtir , maiormente havendo entre nós aquella igualdade , que ſe requer , e unindo-ſe a ella o fim , e os meios mais ſizudos , que pódem conſiderar-ſe em paixões ateadas entre macho , e femea , e naquella idade , em que nós eſtavamos entaõ.

§ XIX.

Aſſim hiamos paſſando os dias deliciosamente com o unico prazer de nos aviſtarmos huma , ou duas vezes por dia , em diſtancia de hum tiro de arcabuz. He de advertir , que a pezar da repugnancia , que entre noſſos Pais havia , noſſas Mãis naõ hiaõ longe deſta conta. A minha diſſe-me algumas vezes com a ternura , com que ſempre me fallava : ,, Meu filho , eu ,, naõ te aconſelho eſtado ; mas peço-,, te , que ſe caſares , naõ dês o menor ,, incommodo a tua mulher , ſeja qual-,, quer que ella for , ou tu a eſcolhas, ,, ou della te façaõ eleiçaõ ; porque ,, nenhum homem penſa quanto a hu-

,, ma

„ ma mulher ſizuda ſe faz ſenſivel,
„ hum pequeno ſinal de enfado na face
„ de ſeu marido; maiormente quan-
„ do cautelas indiſcretas naõ concluin-
„ do, ſuſcitaõ ás vezes lembranças,
„ que he preciſo empenhar a virtude
„ para lhe reſiſtir: quando pela ou-
„ tra parte a confiança he hum freio
„ ſuave, com que huma alma obedece
„ a tudo, que deſcobre ſer deſejo da
„ outra „.

§ XX.

Taõ preſente eſtou nos acontecimentos da minha vida, que me acordo muito bem ſer-me dito poucos dias antes da ſua morte. Dia fatal, em quanto eu viver naõ paſſarás da minha lembrança; pois de ti começo agora a contar a Epoca das minhas triſtezas, deſgoſtos, e infelicidades! A minha idade era curta, mas a minha alma, ainda tenra, ſoube ſentir o que perdia. Os meus deſejos naquella hora eraõ acompanhalla á ſepultura. Oxalá que as taboas, que cobriraõ os ſeus oſſos, cobriſſem tambem

bem os meus; porque naõ veria o tropel de acontecimentos triſtęs, que choveo ſobre a habitaçaõ dos meus, e que ácinte eſcolheraõ a ſenſibilidade do meu coraçaõ para o alvo de ſeus tiros. O certo he, que ainda que os futuros nos ſaõ vedados, o coraçaõ parece vellos de longe, e começa a ſentillos como preſentes.

EPOCA II.

CAPITULO I.

§ I.

NEſte tempo, por diſſensões que houve entre meu Pai, e o Meſtre, que nos enſinava, aſſiſtia em caſa hum Clerigo do Biſpado de Leiria, o qual nos dava lições de Grammatica Latina. A emulaçaõ, hum dos meios por que elle promovia o noſſo adiantamento, teve o triſte fim de deſordem entre mim, e hum de meus irmãos, o qual eſtava debaixo das viſ-

viſtas de meu Pai, occupando no ſeu coraçaõ o meſmo lugar, que eu occupara no coraçaõ de minha Mãi. Paſſou-ſe de argumento a punho ſecco; e como eu o excedia em forças, levei a vitoria; mas com a infelicidade de naõ poder gozar della no campo os tres dias do coſtume; porque me vî forçado a fugir á horroroſa tunda, que me eſperava, a qual o medo me pintava com funebres cores, ſem o abrigo de minha Mãi.

§ II.

Diſpuz a minha fugida taõ acceleradamente, que nem me vieraõ á lembrança providencias para a boca, e para o veſtuario, do qual neceſſariamente havia de carecer, desfeito pouco a pouco o com que entaõ me achava coberto. Pelo que ſahi de caſa com toda a ſem ceremonia, e caminhando a paſſos largos, ſó dei fé de mim, quando cheguei a S. Mamede, celebre lugar, aonde eu fui viſitar os bonecos.

§ III.

Aqui, como regiſtando-me, achei que todo o meu trém ſe compunha do ſeguinte: Hum gabinardo em meio uſo, huma caſaca de ſaragoça preta, veſtia, e calçaõ preto, meias pretas, e fivelas pretas, o que tudo teſtemunhava o lucto de minha Mãi. Iſto quanto ao exterior: pelo que toca ao interior, conſtava de huma bolſa verde por fóra, e negra por dentro, e de hum coraçaõ mais negro, que huma baeta negra.

§ IV.

Neſte ſitio me ſahiraõ ao encontro as ſaudades de Marcia, que aſſim chamava eu á menina, que mudou a habitaçaõ para a minha patria. Grande foi o repelaõ, que tive, e muito o deſejo de tornar para traz; mas ainda que o amor podia muito comigo, o medo da giribanda, que me eſtava imminente, foi-me movendo os pés, que ora mais tardos, ora mais apreſſados, me levaraõ eſta tarde a hum lugar chamado a Mouta dos Ferreiros,

ros, duas legoas ao Sul da minha patria.

§ V.

He de ſaber, que já neſte tempo eu tinha ido a Lisboa mandado por minha Mãi, ſem outro fim mais do que ver Lisboa. O criado, que me acompanhou, teve a curioſidade de levar-me por Mafra, com o fundamento de moſtrar-me, e ver eſte ſumptuoſo edificio, o qual obſervei cheio de todo o eſpanto, encantando-me mais que tudo o ouvir minuetes tocados por ſinos, e campainhas: daqui naſceo a razaõ de minha derrota, por ſer por eſta parte a nnica eſtrada, que eu ſabia para Lisboa.

§ VI.

Cheguei pois á Mouta dos Ferreiros, quando o Sol ſe enterrava pelo horizonte abaixo, e como além de fatigado já o eſtomago me annunciava eſtar quaſi em maré vazia, por ter repartido mais largamente com os membros, occupados aquelle dia em exercicio fóra do coſtume, fui-me che-

chegando para huma casa, que alli vi mais alta, e por tal me pareceo mais agazalhadora: com effeito naõ me enganei, e a poder de mentiras, resolvi os donos della a usarem comigo de boa *hospitalidade*; ceei, e dormi, e dando-me ao outro dia de almoçar, me enviaraõ com hum preto de casa, que nessa mesma occasiaõ hia para Lisboa a levar humas cargas de fruta. Depois de lhe contar pelo caminho muita peta, e de lhe empurrar por tres vintens huma navalha, que valeria trinta reis, chegámos a Torres-Vedras seria quando muito huma hora da tarde. Despedi-me delle, por naõ poder, nem querer acompanhallo, e comprando os meus dez reis de queijo, e hum vintem de paõ, dei soccorro á praça, e fui lentamente seguindo o meu caminho em direitura á Villa de Mafra.

§ VII.

Segue-se logo a Torres-Vedras huma calçada, naõ só extensa, mas muito ingreme: e como eu já hia bastantemen-

temente pizado, quando me vi no alto della, reſpirei, e dei parabens á minha fortuna. Sentei-me, e huma profunda melancolia começou entaõ a ſenhorear-ſe de mim. De huma parte o canſaço, em que me achava, e a falta de provimento; da outra a minha ſaudade, pintaraõ-me menos horroroſos os açoites a que hia fugindo: mas como eſtava no meio do caminho, e ou voltaſſe, ou continuaſſe a jornada, ſempre era a meſma; e porque tambem me parecia deſdouro deſiſtir da couſa começada, fui deſcendo pela calçada, que ſerpentea pela outra parte do monte, e depois de me aſſentar muitas vezes pelo caminho, cheguei a hum lugar a que chamaõ o Truxifal de Torres.

§ VIII.

Quando aqui aportei, era por horas de meia tarde; entaõ me aſſentei á porta de huma bodega, que eſtava á entrada do dito lugar, á qual chegou pouco depois hum almocreve deſtes que vendem ſardinha. Apenas elle ſe aſſen-

assentou, bebeo o seu copo, e mandou assar humas sardinhas. Eu a seu exemplo lezei-me nos meus cinco reis dellas, e dei com este reficiente nas tripas. Em quanto nós comiamos sobre huma banca, aonde a porcaria fazia sua residencia, fui eu continuando na já usada prelenga de meus infortunios; e de tal modo manejei a minha eloquencia, que reduzi o almocreve a levar-me a Lisboa, e a fazer-me os gostas do caminho, com a promessa de ahi ser pago: mas como ainda lhe restava dar consumo a alguma de sua fazenda, e a sua habitaçaõ era em Torres-Vedras, fui obrigado a sentar-me entre as canastras, e a correr os casaes daquelles contornos feito caixeiro do meu compassivo conductor.

§ IX.

Já era noite, quando elle foi largar o resto em hum lugar chamado a Serra da Villa, na casa de hum sujeito, por sobrenome Quaresma: eu fiquei de fóra, porém o sardinheiro communi-

municou-lhe o que entre nós ſe havia pacteado, e por tanto me fizeraõ entrar: o dono da caſa depois de me cauſticar com perguntas, para mim enfadonhas quanto era poſſivel, concluio, que eu hia fugido: neguei-lhe a concluſaõ aos pés juntos, a pezar de quantos proteſtos elle fez de entregarme nas mãos da Juſtiça. Finalmente depois de perlengas varias, foi eſta a primeira occaſiaõ, em que me ſervi de minhas prendas. Vá de hiſtoria.

§ X.

Achava-ſe na dita caſa hum botas, o qual em quanto durou eſta pratica, eſteve temperando huma viola, na qual começou a deſcarregar taõ fortes pancadas, e golpes de unha, que a miſeravel em vez de ſoar, ſuava. Compadecido della, e de quem a ouvia, pedi-lha attentamente, e tangi com approvaçaõ dos circumſtantes: vãglorioſo diſto, paſſei logo a dar minhas voltas de fandango, que tiveraõ huma eſtimaçaõ igual. Muito me ale-

alegrei de haver contentado; mas muito mais, quando a troco de minhas prendas, me pozeraõ de cear com asseio, e com fartura.

§ XI.

Isto acabado, caminhei com o meu Mentor; caminhámos á sua habitaçaõ, e nella dormi essa noite enroscado em hum providente palheiro, no qual fui visitado por elle, e mais dois camaradas da mesma ordem, os quaes depois de me estarem medindo, lhe disseraõ: *Leva-o, que elle naõ tem cara de enganar ninguem.* Isto encheo-me de consolaçaõ, naõ só por lhe ver approvado o designio de levar-me, mas tambem por ouvir na minha cara os elogios da minha mesma cara.

§ XII.

Ao outro dia montei a cavallo, e fui seguindo minha jornada, na qual elle me tratou como eu quiz: lá pela tarde encontrei no caminho hum Compadre de meus Pais, por nome Joaõ da Mata, o qual me havia conhecer,

e

e estranhar encontrar-me em semelhante figura. Foi entaõ a primeira vez, em que eu soube prevenir o futuro, e para o outro naõ fazer apprehensaõ em mim, gritei-lhe muito desenfastiado: *Criado Senhor Joaõ da Mata, diga lá á minha gente, que cá me vio de saude.* Assim escapei áquelle encontro funesto; e dando ás pernas, e sacodindo a arreata sobre a cavalgadura, aportei a Lisboa pelas nove horas da noite em casa de Joaõ Simões na rua dos Alamos, a quem eu conhecia, por ser da amisade de minha casa.

§ XIII.

Apenas elle me vio, logo conheceo a tratada; mas fez-me muita festa, e com toda a guapice, pagou ao homem, e lhe agradeceo com dinheiro, além do ajuste, o bem que havia feito. Isto acabado, fomos á cea; e pelo decurso della depuz fielmente ao meu amigo Simões, o que teimosamente neguei ao amigo Quaresma. Disse as causas, contei a jornada, e participei-lhe a minha tençaõ, a qual

era

era aſſentar praça em hum dos Regimentos da Corte. Pois ainda que os Poetas naõ naſceraõ propriamente para a guerra, alguns houveraõ, que ſerviraõ a patria, tendo em huma das mãos a penna, e na outra a eſpada.

§ XIV.

Mas o meu Simões, que tinha juizo, e appetecia o meu deſcanço, e igualmente queria dar a meu Pai eſta prova da ſua amiſade, deu-me razaõ em tudo, e concordou com o meu projecto: porém neſta meſma noite paſſou aviſo a Pedro Joſeph Rixer, ſocio de meu Pai em algumas negociações, o qual ao amanhecer entrou pela porta dentro; e dando-me huma banda de conſelhos, concluio, que neſſe meſmo dia havia voltar para caſa. Eſtava a partir o Correio das Caldas; e como era Domingo, fui ouvir Miſſa ao Convento dos Camillos; mas no meio delles, em ar de deſertor, em que ſe fizera apprehenſaõ; pois ainda que eu diſſe, que eſtava prompto, elles naõ me deraõ tanto credito

como o almocreve de Torres; antes na minha cara differaõ o contrario, do que já fe me tinha dito na minha cara.

§ XV.

Dando-me dinheiro para a jornada, e entregando-me aos moços do Correio, que vigiaraõ em mim como tres Argos, me enviaraõ para Obidos com algumas cartas de recommendaçaõ, que o foraõ de feguro para efcapar á fóva, a que eu tinha dobrado a jufti-ça com o deftempero da minha defer-çaõ. A vigilancia dos linces, que me conduziraõ, naõ foi baftante, para que eu me naõ fumiffe a feus olhos logo á entrada da minha patria, temendo comparecer naquelle tribunal, fem que primeiro as cartas foffem hum emoliente, que desfizeffe a dureza, que meu Pai havia de neceffidade ter concebido contra mim.

XVI.

Entregaraõ-fe as cartas, e fó quando eu tive noticias certas de que elle fe abrandara, e differa: *Para feu caf-*

tigo

tigo basta-lhe o que passou, e a vergonha com que vem, he que subi as escadas mais morto, do que vivo, e appareci como réo na presença do juiz, o qual pondo de parte o *allegata, & probata*, me absolveo da pena, conhecendo no meu rosto, o que se passava na minha alma.

XVII.

O alvoroço de meus Irmãos he hum bastante argumento da amisade, que entaõ me tinhaõ: porque a pezar de dormirem, ao saber da minha chegada, se ergueraõ alguns embrulhados naquillo de que primeiro poderaõ servir-se, e correraõ a mim como a ver hum Irmaõ, que já suppunhaõ morto; e isto me fez crer, que a minha falta lhes era muito sensivel.

CAPITULO II.

§ I.

RESTITUIDO á casa de meu Pai, fui continuando na minha Grammatica Latina: e a noticia que tive do

ſentimento, que a minha Marcia concebera pela minha fugida, fez augmentar o fogo, que já era baſtante para abrazar-me dois corações, quanto mais hum. Mas eſtes foraõ os tempos, em que o Senhor D. Joſeph I. deu providencia ácerca da educaçaõ da mocidade, mandando por todo o Reino pôr Meſtres habeis para fim taõ util, como neceſſario a ſeus Eſtados. Por occaſiaõ diſto foi provido na Cadeira da Villa de Pombal o Clerigo, que tinhamos em caſa, e como meu Pai ſempre amou a educaçaõ de portas a fóra, dizendo: „ Que era „ conveniente, que os filhos ſe acoſ- „ tumaſſem a viver longe do bafo de „ ſeus pais; porque a troco de algu- „ ma liberdade, que podiaõ adquirir, „ adquiririaõ tambem hum conheci- „ tó do mundo, couſa de ſi muito pre- „ ciſa a quem nelle vive “. Mandoume pois com elle, e mais a quatro Irmãos, para que debaixo de ſua diſciplina acabaſſemos os conhecimentos de noſſos primeiros eſtudos.

Eſta-

§ II.

Esta Villa naõ sómente agradavel pela sua situaçaõ, e visinhança do fresco Arunca, mas ainda mais pela bondade, e agazalho de seus habitadores, foi hum dos theatros, em que a minha pessoa representou scenas celebres per si, e por suas circumstancias.

§ III.

Viviamos quatro rapazes debaixo da inspecçaõ de hum professor sabio nas materias pertencentes á sua Cadeira, mas dado á caça com taõ desatinado furor, que a maior parte do tempo nos deixava abandonados ao nosso querer; por cuja razaõ jogava-se a petisca, e o vinte e hum; bailava-se o fandango; hia-se ao rio pescar, e ultimamente castello, e mais castello.

§ IV.

O Mestre seguia o sistema, de que a parcimonia da comida tem hum distincto lugar naquelles, que se applicaõ ás letras. E porque o seu modo de pensar assim, e de assim o pôr em pra-

pratica, chegou á noticia das peſſoas mais condecoradas daquella terra, eſtas nos convidavaõ a ſuas caſas, e a titulo de ſermos crianças nos davaõ ſuas merendas; e era entaõ que as noſſas tripas recobravaõ a ſua antiga elaſticidade. Tal ſe portou ſempre comigo, e com meus Irmãos a caſa do Sargento mór, de Joſeph Ferreira Felix, Antonio Xavier, a dos Silvas, e outras, cujos nomes eſcrevo aqui, viſto ſer eſte o unico modo com que poſſo agradecer-lhes os obſequios, que delles recebi; por iſſo que a confiſſaõ do beneficio he recompenſa honroſa a quem nem póde dar outra, nem quando pudera, lhe ſeria acceita.

§ V.

Aqui meſmo me acompanhou fielmente a tentaçaõ de ſer Poeta; e poſto que meu Pai me tinha diſſuadido diſto, fazendo-me perſuadir, por outras palavras, do que Ovidio a ouvio da boca do ſeu

Sæpe Pater dixit ſtudium quid inutile tentas?

Ajun-

Ajuntando-lhe o meſmo, de que ſe queixa o noſſo Garçaõ:

(bairro,
Almotacé que queiras ſer de hum
Excluido ſerás ſendo Poeta.

Iſto naõ obſtante, eu ſempre me puxava a inclinaçaõ para fazer o meu verſinho; porque Ovidio no meio de ſeus infortunios diſſe:

Gratia Muſa tibi: nam tu ſolatia præbes:
Tu curæ requies, tu medicina mali.

§ VI.

Pela maior parte os verſos, que eu fazia, eraõ dirigidos á minha Marcia; porque aſſim como Catulo os fazia a Lesbia, Ovidio a Corina, Petrarca a Laura, Tibulo a Delia, Caſtilegio a Anna, Garcilaſo a Galatêa, Carthagena a Oriana, e Horacio a Lydia; aſſim eu os fazia á dita Marcia, pela regra de que Quem o feio ama, bonito lhe parece.

§ VII.

Achava-me em certo dia no alpendre-

dre de huma Ermida de Santo Antonio, fundada ſobre hum pequeno monte, todo povoado de oliveiras, que fica junto á Villa do Pombal: neſte meſmo dia ſe baptizava huma filha do meu amigo Antonio Xavier. O acompanhamento era luzido; pouco depois delle ſeguia-ſe a Comadre em huma carruagem, que acompanhava montado á gineta hum ſujeito por nome o Miguel da Eſtalagem: apenas elle vio gente, quiz meter o cavallo em obra, o qual azedado das eſporas, fez ſuas curvas, com que lhe cuſtou a haver-ſe, e no meio dellas cahio-lhe o chapeo, e perdeo as eſtribeiras; dezar inſanavel entre os meſtres da cavallaria. A eſte aſſumpto abortou a minha Muſa a Decima ſeguinte.

Stando no monte olivete
Vi vir huma carruagem
Co' Miguel da Eſtalagem
Montado n'um canivete.
Suou-lhe bem o topete

Pa-

Para a ſerpe governar,
Pois entrou a eſpernear
Com tanto furor a faca,
Que os peneiros da caſaca
Lhe peneirou pelo ar.

Aſſim paſſava eu os meus dias ora doces, ora azedos, quando o dito Meſtre deu em ajuntar ao ſiſtema da comida o de promover o noſſo adiantamento por meio de caſtigos violentos; e o peior que elle podia excogitar, foi o prohibir-nos a entrada naquellas caſas, de que já fiz mençaō; privando-nos aſſim do unico refrigerio de noſſas tripas. Como finalmente o ventre naō admitte delongas, e eu eſtava acoſtumado a paſſar com fartura na minha caſa, agoniei-me de tal modo, que communicando a hum de meus Irmãos o deſignio, com que eſtava, e approvando-o elle, em huma madrugada deſapparecémos de Pombal, & *pedibus calcantibus*, tivemos a habilidade de aportar a hu-

ma

ma eſtalagem, chamada a do *Barros*, vindo a jornada deſte dia a ſommar oito legoas e meia, que nos faça bom proveito.

§ IX.

Veio o outro dia, e nós caminhando com a meſma preſſa, por parecer que o Meſtre viria em noſſo alcance, chegámos a aviſtar os muros da patria do alto de hum monte, no qual olhando para meu Irmaõ, e elle para mim, ſoltámos huma torrente de lagrimas, que por longo eſpaço nos embargou ſoltar huma ſó palavra: até que deſabafando no pranto, começámos a reflectir no que haviamos feito, e quaſi nos reſolvémos a naõ apparecer em caſa: eſte era o voto de meu Irmaõ; eu porém que além de mais atrevido, tambem me inſtigavaõ as ſaudades de Marcia, conſegui delle, que ao menos foſſemos ahi paſſar tres noites eſcondidos em caſa de huma Tia, a quem todos devemos ſempre muito amor, principalmente eu; e por iſſo re-

reſervo a narraçaõ deſta divida para lugar mais competente.

§ X.

Eſcondemo-nos pois em hum monte, viſinho á minha patria, e chegada a noite entrámos nellas com a maior cautela que póde ſer, e acolhemo-nos a caſa de minha Tia: ella cheia de eſpanto exigio de nós a razaõ de alli nos acharmos; e depois de informada nos recolheo em parte aonde naõ foſſemos viſtos, recommendando á familia, que naõ chocalhaſſe a noſſa vinda.

§ XI.

Eu naõ pude conter-me, que de noite naõ appareceſſe a algumas peſſoas da minha amiſade, a fim de ſuſcitar os meios de aviſtar a minha Paſtora ſequer huma vez. Iſto conſeguio-ſe; mas como o ſegredo andou por boca de mulheres, aonde dura tanto como ſebo em nariz de caõ, foi paſſando de humas a outras, até que ſe encaixou nos ouvidos de meu Pai: apenas elle o ſoube, tomou hum fogo extraordinario; porém reſolveo-ſe em caſtigo mais

mais ajuſtado ; e como ſabe que ninguem deve ſer julgado, ſem que ſeja ouvido; admittio-nos por procurador no ſeu tribunal recto.

§ XII.

Tinha elle entaõ em caſa hum criado, o qual manhoſamente governava em parte de ſua vontade, e em ſua fazenda toda, e para quem eu ſempre olhei debaixo do texto.

Numquã te fallent animi ſub vulpe latentes.

Eſte foi incumbido da embaixada, a qual elle deu por eſcrito, dizendo: „ Que viſto meu Pai eſtar tanto contra „ nós, tambem a elle competia moſ„ trar-ſe parcial no ſeu enfado “. Até onde pódes chegar ó felicidade de hum domeſtico! Dizia pois o authentico bilhete, que apreſentaſſemos as razões da noſſa vinda. Reſpondémos, allegando o pouco tratamento, e o muito caſtigo, cuja allegaçaõ mereceo eſta ſentença final: „ Que á viſta do alle„ gado; naõ entrariamos mais em ca„ ſa, ſem que primeiro foſſemos a

„ Pom-

„ Pombal do meſmo modo, que tinha-
„ mos vindo para Obidos, *id eſt*; no
„ cavallo dos Capuchos ‹‹. Aſſim, e
ſem recebermos ſoccorro algum para
a jornada, porque no-lo naõ quizeraõ
dar, partimos á pata, e tivemos o diſ-
ſabor de nos encontrarmos com o dito
criado, montado no noſſo cavallo de
caſa, em que ſempre andava, acom-
panhado de hum homem de pé, que
fazia a deſpeza de oito vintens por
dia, tudo á cuſta da barba longa. Fi-
nalmente entrámos em Pombal com a
maior vergonha, que tive na minha
vida.

§ XIII.

Naõ deixava de azedar-me o ver,
que huma fuga para caſa tiveſſe peior
caſtigo, que huma ſortida para fóra
de caſa; e uſando de varios raciocinios,
concluia, que a razaõ tinha ſido o ir
a pé, e fixo na tençaõ de naõ ficar em
Pombal, obriguei o Meſtre a alugar-
nos beſtas, e a remetter-nos par caſa,
á qual chegámos finalmente, e meu
Pai lendo a carta, que levava-mos do
Meſ-

Meſtre, franqueou-nos a entrada; mas neſſa meſma noite nos deu hum carcere privado, com eſta eſpecie de caſtigo, que lhe accreſcia.

§ XIV.

Havia huma caſa, na qual nenhum de nós entrou mais depois da morte de minha Mãi, por ſer ella o theatro daquella ſcena fatal a toda a ſua deſcendencia: por iſſo meſmo foi eſcolhida para noſſo calhabouço. Pintar a minha ſaudade, e o ver-me naquelle ſitio, aonde recebi tantas provas de amor; lembrar-me a falta que ella me fazia; penſar na ſérie de trabalhos, em que me via mettido; e achar-me nas circumſtancias de naõ ter liberdade, ou paſſar faltas de alimentos, foraõ reflexões, que me poſſuiraõ de tal modo, que duas noites inteiras naõ pude, nem paſſar pelo ſommo, nas outras dormi muito pouco, e dahi em diante ſempre em huma inquietaçaõ terrivel.

§ XV.

Aſſim vivémos hum mez, ou perto del-

delle, em cujo espaço me fez sempre huma cruel força o discorrer desta maneira: „ Que eu fosse castigado quan-„ do fugi de casa, isso parece-me ra-„ zaõ; mas que o seja por fugir para „ casa, isso naõ se conforma com a „ minha razaõ “. Mas tudo valia nada, porque os Pais de portas a dentro saõ Reis, e os filhos tem quasi a condiçaõ de servos, e o direito do mais poderoso naõ se dobra por argumentos.

§ XVI.

Já neste tempo elle queria levantar o interdicto, mas queria tambem fazello de maneira, que rescendesse a favor, e naõ a satisfaçaõ, que tivesse do nosso castigo, para assim nos mostra, que hum crime destes, sem intervir clemencia, era inexpiavel. Minhas Irmãs aconselhavaõ-nos, que lhe fossemos pedir perdaõ, e licença para gozarmos da nossa liberdade; mas nós que estavamos perros, porque deste humor sahimos quasi todos, e tambem porque erradamente pensava-

mos

mos ſer-nos menos decoroſo o ped'r
eſte perdaõ, ſendo eſta acçaõ a mais
louvavel, que póde fazer hum homem
na preſença daquelle a quem offendeo,
quanto mais a ſeu meſmo Pai,
embirrámos por alguns dias, até que
por hum modo manhoſo o viemos a
fazer, e a conſeguir a noſſa liberdade:
e foi o caſo.

§ XVII.

Achavaõ-ſe entaõ no Sobral da Lagôa
huns Miſſionarios Varatojanos,
que com o ſeu coſtumado zelo, prégavaõ
áquelles póvos a penitencia de
ſeus peccados. A eſta Miſſaõ concorria
gente de diverſas partes; e miſturando
entaõ a vontade do noſſo reſgate,
com o deſejo de ouvir a palavra
de Deos, rogámos a faculdade de lá
ir tambem, e deſta embaixada incumbimos
huma Irmã, á qual foi facil
obter as licenças neceſſarias: pelo que
ſahimos pela primeira vez da noſſa
maſmorra, e fomos ouvir a palavra
de Deos da boca de ſeus Miniſtros.
Voltámos a caſa, e já neſta noite fo-

mos

mos admittidos á meza, e se nos concedeo dormir cada hum no seu antigo aposento, e liberdade de visitar amigos, e parentes.

§ XVIII.

Naquelles primeiros dias portei-me com todo o socego; porque dandome na cara com a *encommenda dos cabritos*, eu naõ tinha reposta que dar, por ser esta a segunda que fazia; e a modestia forçada, com que levava estas vaias, fez crer a muita gente, que eu de certo tomaria novo sistema de vida: mas quem assim pensou enganou-se de meio a meio; porque passada huma semana entrei de novo a dar com o pé na pêa: e como as minhas inclinaçóes duravaõ, o meu maior prazer era a postar-me, com a boca aberta, em parte aonde avistasse ao menos o telhado da minha Pastora. Deste modo consumia os dias, e as noites hiaõ-se lendo Camões, Joaõ Xavier, Quita, e outros Poetas do nosso tempo; e quando Deos era servido, fazendo meus esforços por imi-

tallos. Isto deu occasiaõ a varias composições, de que naõ posso fazer presente aos meus leitores, pelo descuido que tive de naõ guardar em cypreste, ou cédro os meus pequenos manuscritos.

§ XIX.

Chegaraõ finalmente os tres Irmãos, que haviamos deixado em Pombal, e para justificar a causa, por que de lá tinhamos fugido, naõ foi preciso mais do que a sua presença; pois nas suas caras estava patente a falta das bochechas, que para lá tinhaõ levado, e por esta razaõ determinou meu Pai mudar-nos de educador.

CAPITULO III.

§ I.

Tinha-se erigido neste tempo hum Collegio no Mosteiro de Alcobaça á imitaçaõ do de Mafra; e porque nelle se ensinava Rhetorica, e Filosofia, e tinha a circumstancia de ser mais perto de casa, resolveo-se meu Pai

Pai em mudarnos aqui a darmos fim, huns á Grammatica, outros principio á Rhetorica, o que foi assentado em Agosto, e posto em execuçaõ no Outubro seguinte.

§ II.

Em hum dia dos mais terriveis, de que eu me lembro, deu vélas ao vento o comboio seguinte: Cinco rapazes; huma velha, que nos havia fazer a cozinha; o criado, que nos deu a embaixada por escrito, e hum moço de pé. Naõ houve huma hora no dia, em que naõ chovesse; e como a idade de alguns de meus Irmãos por curta, e a da ama por comprida naõ admittiaõ cavalgadura muito possante, eraõ por isso conduzidos em alimarias burricaes. O dito criado por fóra muito zeloso nos interesses da familia, e por dentro idolatra da sua commodidade, metteo de galope, e com o farizaico pretexto de nos ter na Villa da Séla apparelhada huma grandiosa fogueira, zombou do tempo; e quando nós lá chegámos, sem ter já hum fio enxuto,

to, já elle ſe achava jantado; porém chorando por hum olho vinho, e pelo outro o eſtado em que nos via, e rindo por dentro da trabuzana, a que tinha eſcafedido, e por eſtas, e por outras, de que ſempre me recordo, quando elle me lembra, ponho na minha boca as palavras do Poeta.

Sunt lacrimæ rerum & mentem mortalia tangunt.

§ III.

Chegámos em fim a Alcobaça, e depois de tantos acontecimentos, e deſcrepações das couſas, fizemos os noſſos exames, e de cambada tornámos para a Grammatica; porque os Examinadores aſſentaraõ, que della naõ tinhamos os preciſos conhecimentos.

§ IV.

Aqui fomos paſſando, ſem que neſte tempo houveſſe heroicidade de que faça expreſſa mençaõ, além de huma briga em que moleſtámos as cabeças a alguns rapazes, do que nos quizeraõ

raõ armar carrapata, e de huma funçaõ á Nazareth, para a qual me servi da burra de hum barbeiro, invito domino, e de huma jornada a Obidos na mesma ſége, que a de Pombal, ainda que com melhor acontecimento. Mas para honra minha devo confeſſar, que em quanto alli me demorei, achei ſempre nos moradores daquella Villa huma amiſade ſincéra, principalmente a huma minha Comadre, e a taõ reſpeitavel Communidade obſequios, que duraõ, e duraráõ na minha lembrança; e ao ſeparar-me deſte paiz, ſeria inconſolavel a minha ſaudade, a naõ lembrar-me tanto da patria, por cauſa de quem lá tinha deixado.

§ V.

Tornámos finalmente a caſa, aonde paſsámos tres mezes de ferias; acabados os quaes meu Pai me levou a Lisboa, por cauſa da ſagraçaõ de hum contraparente noſſo, e de Lisboa a Mafra, aonde me deixou em caſa de hum bom Clerigo, para neſte abaliſado Collegio me applicar á Rhetorica,

e

e á Filosofia.. Aqui fui examinado, e approvado em Grammatica Latina, e passei ao estudo da Rhetorica debaixo das vistas de hum Mestre, que dando naquelle tempo honra ao seu Collegio, hoje se distingue nas Cadeiras da Universidade; e por mandriar algum tanto, tornei no anno seguinte a applicar-me a ella debaixo do cuidado, do que lhe succedeo na Cadeira; por causa de seu despacho, a qual rege com o mesmo desempenho.

§ VI.

Continuei com a minha continuada perguiça; porém como a materia me dava muito no goto, maiormente por que a Poetica era muito da attençaõ de meu Mestre, sempre a sua liçaõ me deveo maior cuidado, do que a esterilidade da Grammatica Latina; e como elle conheceo em mim tentaçaõ com as Musas, deu-me varios assumptos para me exercitar em verso, e incumbio-me de huma Elegia á morte do Patriarca Saldanha, que elle approvou relativamente aos meus annos.

To-

Todas eſtas obras eu conſervava, e outras do meſmo genero; mas perdendo-lhe o amor com a carreira do tempo, dei tudo ao fogo, do que me tem chegado algum arrependimento depois que delineei eſta importantiſſima hiſtoria, e neſte importantiſſimo eſtilo.

§ VII.

Eu grangeei huma boa amiſade com os Meſtres, e Padres daquelle Moſteiro, e com as peſſoas mais qualificadas daquella Villa; e a huns, e a outros ſou devedor de beneficios, de que farei a confiſſaõ nos ſeus lugares proprios. Acabado eſte anno, vim paſſar as ferias em caſa, aonde continuei com a minha inclinaçaõ já com maior diſſabor de meu Pai, e do pai da minha Marcia; ainda que tanto hum, como o outro naõ tinhaõ outra razaõ para della naõ goſtar, mais do que huma antipathia, que reinava entre ambos.

§ VIII.

No anno ſeguinte voltei a Mafra, e

e matriculei-me em Filoſofia Racional, e Moral, tendo por Meſtre hum homem ſabio, e hum de meus bons amigos. Os progreſſos foraõ ordinarios; porque neſte tempo já eu tinha minhas amiſades, naõ ſó na terra, mas em Torres-Vedras, e por todo o ſeu termo, paiz amavel, em que eu paſſei hum bom tempo, e na melhor eſtaçaõ dos meus annos: por eſta razaõ trocava a hora da minha aula pela doce converſaçaõ dos meus amigos; e naquellas em que de noite devia eſtudar, já para o écco fazer chançonetas, tanger viola, e cantar modinhas.

§ IX.

Entre os meus amigos tinha por tal neſta terra hum eſtudante da Serra da Villa, lugar aonde eu fui dar fim á Sardinha; cuja familia coſtumava feſtejar a Mãi de Deos, debaixo da invocaçaõ de Noſſa Senhora da Pena. He funçaõ, que eſta Caſa faz com a grandeza com que faz tudo. Alli ſe ajuntaõ as peſſoas de bem daquella viſinhança; e depois da feſta da Igreja, paſ-

paſſa-ſe a hum eſplendido jantar, naõ deſtes em que brilhaõ mais as porçolanas, do que os guizados, mas dos chamados á Portugueza. No fim delle ha ſaltos, ditos agudos, tortura de baldas, e outras couſas pertencentes ao *Deus nobis hæc otia fecit.*

§ X.

Convidou-me elle para a funçaõ, e dei palavra de naõ faltar na veſpera de feſta. Tinha eu alugado huma beſta, com a qual me faltou o borracho do arrieiro: agoniei-me mais do que era preciſo; e zeloſo de cumprir com a minha palavra em couſas poſſiveis, e mais que muitos talvez eſperaraõ de Poetas, lembrado de minhas antigas fugas, lá fui dar comigo, *pedibus calcantibus*, e em taõ boa hora, que alli me ficaraõ amigos, os quaes para o diante me valeraõ de muito, principalmente os daquella caſa, com quem deſde entaõ até hoje conſervo huma eſtreita amiſade, e de quem tenho recebido beneficios grandes, e continuados; e ſem offenſa da verdade,

poſ-

posso affirmar, que entre outras casas agazalhadoras, que eu conheço, gente taõ candida, e corações taõ sincéros, como os de toda a familia do Capitaõ Jorge Nunes da Fonseca, saõ raras nos dias, em que vivemos.

§ XI.

Diverti-me muito, comi bem, bebi melhor, e entrou o mundo a parecer-me outra cousa. A minha tentaçaõ para os versos foi abrindo, e já entaõ eu glosava o meu verso de repente, e como Lucilo fazia trinta quadras estando sobre hum pé; metia a bulha, dizia minhas chufas, graças, e equivocos, sempre debaixo do ponto de vista de naõ fazer desconfiar dizendo, nem desconfiar ouvindo, nem resvalar em caturra; e por estas, e por outras era desejado para muita funçaõ: pelo que naõ houve festa em Torres, a que eu naõ fosse; naõ foi cirio a S. Juliaõ, Labogueira, e Piedade, que eu naõ acompanhasse; nem barafunda, a que eu naõ assistisse. Aqui me dei por muito amigo do Quaresma, a cu-

ja

ja caſa fui com o meu Sardinheiro, e entaõ lhe agradeci os bons conſelhos, que me deu, e com toda a verdade lhe contei entaõ qual era a minha patria, a cauſa por que fugira, para onde, com que fim, e o reſultado deſta expediçaõ.

§ XII.

Ao retirar-me para Mafra, viſitei no Truxifal (terra aonde em outro tempo me ajuſtei com o meu Sardinheiro) hum Cavalheiro, com quem fiz conhecimento na Serra da Villa, e delle fui bem recebido, e de ſua familia; e he tambem das caſas, á qual ſou devedor de agazalhos, e de amiſade, que ainda hoje dura: fallo da caſa dos Carneiros para diſtinçaõ de outras a quem devo alguns obſequios. Daqui me tornei a Mafra, aonde fui continuando no exercicio de minhas aulas, e na convivencia de meus condiſcipulos..

§ XIII.

Foi eſte anno, em que o Senhor D. Joſeph I. deſceo do throno á ſepultura,

ra, e em que por consequencia se lhe fizeraõ as devidas exequias, e ceremonias de quebra escudos. Passados poucos dias a esta triste funçaõ, me appareceraõ á porta huns cegos, a quem o diabo me tentou ajustar para nessa noite apresentar hum descante. Esta gravana toda filha do meu genio, fez com que eu me compozesse, e mais outros amigos, todos de capas cahidas, bacalháos de papel, e varapáos na maõ, e ao som de duas sanfonas, e dois pandeiros, corremos a Villa toda. Entre a muita gente, que seguia a galhofa, hia hum celebre cabelleireiro do Collegio, o qual ergueo a voz, e disse: Chorai nobres, chorai povo, &c. Como o Juiz, que entaõ era, naõ me tinha a maior affeiçaõ, servio-se de chamar a isto assuada, e desfeita á Justiça no acto funebre do quebra dos escudos, e no outro dia calmou com todos na cadeia; e foi pela primeira vez, que estive prezo por ordem de Justiça, e com prognosticos de ir ver o berço, em que nasce a aurora, mon-

tado

tado em hum cavallinho de páo : porém tudo Deos faz pelo melhor, e sahimos passados dois dias e meio : e naõ he nada, aqui temos nós como o diabo as arma ás vezes.

§ XIV.

Eu andava na Filosofia, e era costume irmos aos Sabbados argumentar aos estudantes de Rhetorica nas suas Sabbatinas. Havia entre elles hum, ao qual Deos tinha, só pelo que parecia, concedido o senso commum ; e que além de gago, naõ concluia periodo sem parvoice. Era este hum dos defendentes : tratava-se de preceitos sobre a Tragedia : argui-lhe eu, por mais que o apertei para sacar-lhe huma palavra do buxo, naõ foi possivel : pelo que conclui-lhe o meu argumento com o Epigramma seguinte.

Quem vos chamará tiranno,
Vendo que sobre Tragedias
Estareis callado hum anno?

§ XV.

Pouco tempo depois acompanhei

meu

meu Meſtre, que hia prégar a Santo Antonio do Tojal, e encontrei meu Pai no caminho, que naõ goſtando ao principio de alli me ver, depois ſe contentou preſenciando a eſtimaçaõ, que o dito Padre de mim fazia; e querendo eu voltar com elle, naõ conſentio; porque para hoſpedallo em Mafra lá tinha hum meu Irmaõ, que neſte anno começou a acompanhar-me na carreira de meus eſtudos. Na jornada fiz a affrica de levantar hum jumento teimoſo, ao qual naõ faziaõ erguer tres homens á bordoada, e iſto com hum unico bicapé, que lhe dei na tromba com admiraçaõ dos circumſtantes, e vãgloria da minha bota. Feita a funçaõ, recolhemo-nos a Mafra, aonde em verſos, deſcantes, romarias, e deſtemperos, acabei o anno, e parti a gozar o tempo das ferias no regaço da patria, por quem ſempre ſuſpirava, naõ ſó pelo natural amor, que todos lhe temos, mas tambem por ſer alli o ſitio, em que reſpirava aquella por que eu entaõ morria.

EPOCA III.

CAPITULO I.

§ I.

ACabadas que foraõ as ferias, esperava eu ser enviado a Mafra a continuar na carreira, que tinha começado; porém meu Pai, que olhava para meu Irmaõ com lente muito diversa daquella com que me via, determinou mandallo só, com o pretexto de eu ter já Filosofia, e elle naõ; accrescentando que o conhecimento da Fysica experimental era desnecessario para os estudos de Leis, e Canones. Eu que via muito bem, que o fim era por-me de parte, e que ainda naõ sendo este, sempre recebia o damno de expor-me ao esquecimento do que já tinha adquirido, escrevi, a hum Religioso muito da minha amisade, a quem devi de entaõ até hoje huma protecçaõ decidida (fallo de D. Duar-

Duarte da Incarnaçaõ) dando-lhe parte do que me eſtava a acontecer. Elle com zelo de verdadeiro amigo, mandou-me em reſpoſta, que ainda que meu Pai me negaſſe mezada, ſempre eu foſſe em Outubro, que elle me dava palavra, que naõ me faltaria couſa alguma; e foi de entaõ que eu fiquei totalmente orfaõ, tendo Pai vivo, e a quem Deos avivente.

§ II.

Chegou finalmente o tempo, e dando eu parte de que deſejava voltar a Mafra, recebi de meu Pai eſtá reſpoſta: „ Naõ me peças nem beſta, nem „ dinheiro, e vai-te para onde tu qui- „ zeres „. Em conſequencia diſto me trepei ſobre hum jumento, e viſitando as minhas amiſades de Torres, Sèrra da Villa, Truxifal, e Gradil, dei fundo em Mafra, e fui para huma caſa, que o Padre me havia alugado, na qual me ſerviaõ de todo o neceſſario, que ſe pagava á cuſta daquella piedoſa Communidade; a qual a rogos do meu amigo unanimemente con-

cordou

cordou em ſe me fazer eſte beneficio.

§ III.

Sobre eu ſeguir, ou naõ a Fyſica experimental, houve queſtaõ; porque como reinava entaõ, e ainda hoje ſe naõ extinguio de todo, huma certa antipathia dos Profeſſores de Coimbra para com os diſcipulos de Mafra, quiz D. Duarte, que eu me ſeguraſſe outra vez na Rhetorica, e Filoſofia, tanto em razaõ do Collegio, como por cauſa de evitar a capitis diminuiçaõ de hum *R*, e o prejuizo de hum empate em Coimbra. Eu concordei facilmente, porque a quem daõ naõ eſcolhe, e comecei de novo na Rhetorica, á qual me appliquei entaõ com outro esforço; pois que já começava para comigo a cantar ſó comigo, e com os meus amigos.

§ IV.

Meu Irmaõ, que igualmente ſe achava em Mafra, tinha hum genio decidido para a Poeſia, e era acompanhado de huma facilidade ſumma em fazer os verſos, unindo a iſto hum enthu-

ſiaſmo extraordinario, que ſó quem o ouvio, e vio póde fazer delle hum ajuſtado conceito. Elle era de hum temperamento colerico, ſem ſer em demaſia; e por iſto tinha comigo ſuas quebras, de que ſempre ficava mal, porque eu moia-o, ou com a minha fleuma, ou com o primeiro páo, que me cahia á maõ de ſemear. A emulaçaõ entre nós creſcia, o qual abortou muitas obras, que he pena tellas engolido o tempo, privando aſſim o publico de ſoltar hum pár de gargalhadas; mas naquellas, que reſtaraõ, naõ deixará de ter por onde conſole o goto.

§ V.

Aſſim viviamos ora eſtudando, ora brincando, ſem outra afflicçaõ, que me incommodaſſe, mais que as ſaudades da minha Marcia, quando (até lembrarme diſto me faz arripiar quantos cabellos tenho na cabeça) quando (oh dia infauſto!) quiz quem tudo póde, que eu foſſe accommettido de huma febre podre, moleſtia que entaõ

graſſava naquella Villa, e ſeus contornos. Eu meſmo conhecendo-lhe a gravidade, pedi confiſſaõ, e roguei os ſantos Sacramentos; e tanto a tempo, que rindo-ſe alguns da minha preſſa, o outro dia me deraõ amens, quando viraõ que neſſa noite o morbo creſceo de modo, que amanheci treſvaliado, em cujo delirio me conſervei por quatro dias; hoje morre, á manhã morre; mas finalmente naõ era chegada a hora: e tanto eſcapei, que agora meſmo vou contando da batalha.

§ VI.

Neſta enfermidade uſaraõ comigo de ſumma caridade. Aquella Communidade, o Capitaõ mór Joſeph Maximo de Carvalho, o Beneficiado Ignacio Rapoſo, e outras peſſoas, cujo beneficio durará na minha lembrança em quanto eu durar, e ſe poſſivel he, irá comigo além da ſepultura; porque naõ houve remedio de que eu precizaſſe, aſſiſtencia de que eu careceſſe, e appetite que eu tiveſ-

ſe, que logo ſe me naõ cumpriſſe. O Medico tratou-me com hum zelo, naõ ſó de Medico, mas de amigo; e os amigos todos deſejavaõ ſer meus medicos, naõ contentes de ſerem meus deſvelados enfermeiros. Os meus amigos de Torres todos mandavaõ ſaber de mim, e muitos foraõ; e tanto os que foraõ, como os que mandaraõ, igualmente me preſentearaõ de boas gallinhas, outros mimos, e franco offerecimento de tudo quanto encerravaõ as ſuas bolças.

§ VII.

Em quanto iſto ſe paſſava em Mafra, chegou a noticia á minha caſa: meus Irmãos ſentiraõ todos a nova; mas como filhos familias, que nada podiaõ, nenhum ſoccorro me mandaraõ, mais que algumas gallinhas, que poderaõ furtar aos direitos. Meu Pai he certo que a ſentio; porque elle deu franca licença a meus Irmãos para me irem viſitar: todos foraõ, e lá ſe ſuſtentaraõ á cuſta dos meus amigos. Melhorei finalmente, e para vir convaleſ-

valeſcer me foi de caſa hum cavallo desferrado , e doze vintens para as deſpezas do caminho , tendo-ſe remettido para meu Irmaõ , que eſtava de ſaude , hum com ferraduras , e meia moeda para as precisões de ſua jornada.

§ VIII.

Como eu fiz caminho por Torres , nada me foi preciſo , que naõ tiveſſe ; e depois de alegrar os amigos com a minha viſta , que elles julgaraõ nunca mais teriaõ , cheguei a minha caſa , na qual meus Irmãos me receberaõ com tantas lagrimas de goſto quantas eſpalharaõ quando me viraõ em outro tempo depois da minha fugida para Liſboa. Porém meu Pai acceitou-me de hum ar taõ ſombrio , que eu tive todo o deſejo de me tornar a Mafra , e o fizera a naõ me prenderem os rogos de minhas Irmãs. Finalmente paſſados huns tempos , pelo decurſo dos quaes os meus oſſos ſe cobriraõ de alguma carne , e a cabeça de cabello , de que á navalha tinha ſido roteada , tornei

ao

ao lugar da batalha, no qual Deos foi ſervido, que eu triumfaſſe da morte.

§ IX.

Iſto foi alli quinze, ou vinte dias depois de Paſcoa: e de entaõ até ás veſperas de S. Joaõ, continuei eu nos meus eſtudos com algum fervor, e na minha vida com mais propoſito, e manſidaõ. Porém como o muito favor de alguns Padres me fez deſmerecer a amiſade dos outros, entrou a calar huma intriga contra mim, pela qual foi preciſo, que eu me privaſſe do favor que recebia. O tempo das aulas eſtava acabado, e na minha alma preſente o modo, com que meu Pai me tinha recebido ainda doente, fazendo-me tirar a conſequencia do que faria agora, indo eu muito são, e muito eſcorreito: de maneira que eu ſó penſava no como me poderia arranjar; de ſorte que eſcuſaſſe a aſſiſtencia de minha caſa.

§ X.

Eſtavaõ para fazer-ſe em Villa-Franca de Xira humas eſtrondoſas feſtas em hon-

honra da Mãi de Deos, debaixo do titulo do Carmo, ás quaes concorria gente de todas as partes. Hum dos meus amigos de Torres-Vedras estava convidado por hum primo, que tinha na Alhandra, que hoje nesta Villa exerce o cargo de Capitaõ mór por nome Joaõ Daniel Palmeiro; convidou-me elle, para que eu o acompanhasse; naõ duvidei hum instante; e chegado o tempo parti para Torres-Vedras a ajuntar-me com o amigo Joseph Cesar, e na companhia de outros, chegámos a casa de seu primo, e foi pela primeira vez que eu vi a Villa de Alhandra.

§ XI.

Fomos hospedados ás mil maravilhas, e assistimos á funçaõ, a qual constou de festa de Igreja com toda a solemnidade, e de touros corridos com aquella destreza, e sciencia, de que saõ dotados todos os moços do paiz. Acabados os touros, todos os Fidalgos, que alli se achavaõ, Senhoras, e Rapazes prendados, partiaõ a

Alhan-

Alhandra a ajuntar-ſe na caſa de Joaõ Daniel, aonde ſe fazia huma decente, e magnifica aſſembléa, conſtante de jogo, cantorias, danças, e verſos. Entre outras colchêas, que entaõ ſe deraõ, me lembro apparecer huma, que allegorizava aos zelos de hum Medico, e dizia aſſim:

A moleſtia do ciume
Naõ a cura a Medicina.

Eu, que tambem me avançava á minha gloſa, ſabendo do chiſte, deſenrolei-me com a ſeguinte gloſa.

O meſmo eſtrago, que o lume
Em Troia, e Carthago ha feito,
Vai fazendo no teu peito
A moleſtia do ciume.
Quem dar-lhe cura preſume,
Com a cura em vaõ atina;
Pois he queixa taõ mofina,
E com tal violencia abraſa,
Que inda cahindo-lhe em caſa,
Naõ a cura a Medicina.

Paſ-

§ XII.

Paſſaraõ-ſe em fim aquelles tres dias em huma harmonioſa ſociedade, nos quaes eu me namorei do dono da caſa, e elle de mim; e como eu receava recolher-me a Obidos, lancei maõ do enſino de ſeus pequenos filhos, e a titulo diſto fiquei na ſua caſa, aonde fui tratado com reſpeito de meſtre, e ſinceridade de filho, gozando alli em todo o eſpaço, que medêia de Julho a Janeiro, huma vida muito tranquilla, e muito divertida; porque humas vezes ſe fazia a companhia em caſa, outras em Póvos, algumas em Villa-Franca, e muitas pelas quintas alli viſinhas.

§ XIII.

Em Villa-Franca havia entaõ hum rapaz tentado com a poeſia, e ſobre ella tinha feito mais eſtudo que eu; porém o Pegaſo era-lhe renitente, ao meſmo tempo que a mim me naõ negava o arrimo das clinas, para a ſegurança dos precipicios. Iſto fez naſcer a emulaçaõ; e como elle era do paiz,

le-

levava já ſeus verſos de caſa, os quaes ſabia, que haviaõ produzir-ſe nas aſſembléas, e que elle moldava difficultoſos na rithma. Naõ obſtante iſto, eu ſempre cantei mais victorias delle, que elle de mim; ainda antes de deſcortinar o eſtratagema. Lembro-me de huma colchêa, que elle me fez dar em Villa-Franca, e que naõ quiz gloſar, depois que ouvio a minha gloſa.

Co' a vara empurra o batel
Do negro Averno o barqueiro.

Cheronte hirſuto, cruel,
Magro, immundo, e macilento,
Lá nos lagos do tormento
Co' a vara empurra o batel.
Qual depoſito fiel
He dos manes paſſageiro:
E ou a eterno cativeiro,
Ou ao Elyſio jucundo,
Vai paſſando a todo o mundo
Do negro Averno o barqueiro.

§ XIV.

Finalmente depois de levar por aquel-

quelles paizes huma vida regalada, a inconſtancia do meu genio, e as ſaudades da minha Marcia me fizeraõ appetecer de novo a ſombra dos telhados de meu Pai, á qual me acolhi nas veſperas de Natal, levando comigo as duas primeiras Eclogas de minhas Rithmas, imaginando levar nellas o theſouro de Colchos; e como naõ he juſto que naõ eſcondaõ o roſto, eilas que apparecem na bochecha aos meus leitores

ECLOGA I.

Da minha puericia.

NO roto ſeio de huma penha dura,
Ao rouco ſom do vento, que bramava,
Os troncos meneando na eſpeſſura,
O deſditoſo Alcido ſe queixava
De Limiana ingrata, e ſuſpirando
Eſtas vozes afflictas eſpalhava: =
Té quando durará, Ninfa, té quando
Tua dureza, e minha deſventura
Nos dias que apreſſados vaõ paſſando?
Ai, que tu, q̃ eſta penha inda mais dura,
Ouves meus ais, eſcutas meus gemidos,
Sem darme leve indicio de brandura!
Abran-

Abrandaõ-ſe os leões enfurecidos;
Tem ſentimento brando, e brando peito
Tigres bravos, no Caucaſo naſcidos;
E tu, q̃ tens de humana o lindo aſpeito,
Ouves-me ſuſpirar, e naõ te abrandas
Suſpirando, ò cruel!, por teu reſpeito?
Ou es féra da Hircania, q̃ envolt'andas
Neſſe corpo gentil, e por meu mal
Neſtes montes o nedio gado mandas;
Ou ſe es paſtora, Limiana, es tal,
Que eſta aldèa naõ cõta outra em meus dias
Taõ cruel, taõ perjura, e desleal!
Pelas margens do Tejo lavras frias,
Todos ledos explicaõ ſeus amores,
Eu ſó explico minhas agonias.
Todos achaõ mil graças, mil favores;
Amaõ, e ſaõ amados; eu, tiranna,
Amando, em premio encontro diſſabores.
Quantas vezes ao ſom da branda cana
Os montes me eſcutàraõ, e os meus gados
O teu nome cantando, Limiana?
Quantas vezes nos valles matizados
De brancos lirios, de vermelhas roſas,
Louvei, cruel, teus olhos engraçados?
Outras Paſtoras meigas, e formoſas
Melhor me pagariaõ tal fineza,
Sendo comigo menos rigoroſas.
Mas a pezar de achar-te de dureza
Armada contra mim, a ti ſó quero,
Em ti ſó acho graça, em ti belleza.

De abrandar-te taõ pouco desespero,
Que amor forças me dá; amor tem força
Para brando tornar teu peito fero.
Amor faz que ame o cervo a leve corça,
As aves outras aves, e que a dura
Braveza do leaõ tambem se torça.
E se póde o que digo, por ventura
Crês tu, cruel, que escape a seu poder
O tiranno poder da formosura?
Ainda estes Pastores me haõ de ver
Adorado por ti; que o coraçaõ
Preságo nunca cessa de o dizer.
Pois consentindo amor fossem em vaõ,
Mil ais, e mil suspiros espalhados,
Quem já mais lhe daria adoraçaõ?
Inda juntos verei os nossos gados
Por estes campos, fartos de verdura,
E n'um só convertidos dois cajados.
Mas ai! que ditas fórma a conjectura?
A ver naõ chegarei quanto imagino,
Pois póde mais que amor minha ventura.
He, Limiana, força de destino,
Que suspire por ti tanto, e sem sizo
Cuide brando fazer peito ferino.
He louca extravagancia do juizo
Pintar-me alta ventura, em que pensando
Com mais tino depois, já naõ divizo.
Assim me faz meus dias ir passando
Cercado de tormento, e d'esperança,
Mil suspiros em vaõ ao vento dando.

De

De minha té pintar meu goſto cança ;
E depois de alcançar glorias ſonhadas,
Corre a viſta do acordo , e nada alcança.
Ah triſtes, triſtes lagrimas cançadas,
Sem pejo dos Paſtores venturoſos ,
Correi por minhas faces deſcoradas !
Vamos regar , meus olhos deſditoſos,
Os campos que ella piza , regar vamos
O raſto curto de ſeus pés formoſos.
Deſtas montanhas horridas ſaiamos,
Veja a dura Paſtora o triſte eſtado
A que nos faz chegar quem tanto amamos.
Mas ai de mim ! que roſto delicado
He o que vejo vir da pobre aldêa ,
Caminhando a fazer viſtoſo o prado ?
He Limiana : que ditoſa eſtrêa
Tiveſtes olhos meus ! como galante
Enterra os brancos pés na ruiva arêa !
As graças traz no ſeu gentil ſemblante,
Cõ que as almas cativa : oh quanto he bella,
A pezar de enganoſa, e de inconſtante !
He entre as mais Paſtoras como a eſtrella
Da manhã entre as outras que affugenta ,
Taõ brilhante , que a viſta cança em vella.
Ah Ninfa , ſe naõ foras taõ izenta ,
Taõ falta de ternura , quam ditoſo
Ficaria no mal que me atormenta !
Porém teu lindo geſto , o mais formoſo,
Que neſtes montes raia , por meu mal ,
Com aquelles que vence , he rigoroſo

O

O que te obriga a ſer-me desleal?
O meu amor he grande; eu tambem tenho
Trigos no campo, gados no curral.
Nas danças, e nas luctas bem me avenho:
Nem taō disforme ſou; tambem nas fontes
Criſtallinas a ver meu roſto venho.
Outros mais toſcos pizaō noſſos montes;
E ſe tem quem lhe acceite ſeus agrados,
Naō he bem que tu ſó dos meus te affrontes.
Mas ai meus olhos ſempre allucinados!
Limiana naō he, he Deopêa
Dura guerra de fundas, e cajados.
Oh como amontoando a minha idéa
Vai meios de affligirme! o bem me pinta,
Com elle eſta alma afflicta liſongea.
Depois vai ao painel mudando a tinta,
E para magoarme com a ſaudade,
Deixa do objecto a imagem nunca extinta.
Ah tiranna Paſtora! Se naō ha de
Abrandar-ſe o teu genio deſabrido,
Mata-me de huma vez por piedade.
Que andar a mortes mil offerecido,
Cercado de afflicçoēs, e de tormento,
He pena, he dor, he mal deſenſoffrido.
Acaba de huma vez meu ſentimento.
Mas a quem fallo? ai triſte! ſe eſtas queixas
Ouvem ſó duras penhas, ſurdo vento?
Eu naō ſei, Limiana, porque deixas
Padecer quem perdeo a liberdade
Na ſuave prizaō deſſas madeixas.

Quem

Quem dispoem do regalo da vontade
Ao arbitrio do teu, quem te enamora
Tratas com tal dureza, tal crueldade?
Com que te has de vingar, dura Pastora,
De quem for inimigo de teu rosto,
Se tratas desta sorte a quem te adora?
Mova-te de huma vez o meu desgosto,
Mostra-me leve indicio de brandura,
Verás trocado o meu pezar em gosto.
Ouvirás ao nascer da aurora pura
Cantares de louvor, e de alegria
Retumbarem no seio da espessura.
Verás com tenue fio na agua fria
Pescarte o barbo, e a boga saborosa,
Com a truta nas locas onde cria.
Verás na casca da alta faia umbrosa
O teu nome gravado, e presumida
Ir-se elevando á esfera nebulosa.
Na campina de flores revestida,
As flores cortarei, de que na aldêa
Entres com a loura trança guarnecida.
Olha que a Nize, e á bella Deopêa
Esta dadiva agrada, inda que pobre,
Por ser de amor, seus gostos lisongea.
Tu, cruel, desprezando-a fazes dobre
A força meu tormento: por ventura
Es que Nize, e Deopêa inda mais nobre?
Naõ nego, Limiana, em formosura
Tanto as excedes, quanto o sol dourado
Excede em luz a espessa noite escura.

Mas

Mas ſe cuidas, que ſangue afidalgado
Anima tuas veias, de que importa,
Se comnoſco nos montes guardas gado?
Por eſſa vaidade, ſe a tens, córta:
A vaidade he loucura, e fidalguia
Sem teres da ventura, he couſa morta.
Mas onde vai voando a fantaſia?
Que idéas vai formando a conjectura,
Se eu naõ vejo mais que eſta penedia?
A quem diſſe os meus males? q̃ loucura!
A quem diſſe eſtas queixas? inſenſato!
Foi, Límiana, á penha fria, e dura,
Que he por dura, ó Paſtora, o teu retrato.

ECLOGA II.

Tambem da minha puericia.

Arando, e *Marilis*.

QUando por entre nuvens no Oriente
Vem Phoſphoros rozando os horizontes,
Quando ſe ri o prado, e brandamente
Murmuraõ na eſpeſſura as claras fontes,
Atraz do gado o ruſtico innocente
Tange a frauta ſonora ſobre os montes,
E os paſſaros em garrulo concento
Cantaõ do novo dia o luzimento.

Hum ſobre a declivoſa, inculta ſerra
Dos filhos diligentes rodeado,
Volve com ferro agudo a ſecca terra
Eſtendendo o caſal ao curvo arado:
Sem ouvir o terrivel ſom da guerra,
Vive feliz, e morre afortunado,
Sem pompa, ſem ornato os dias paça,
Os golpes naõ temendo da deſgraça.

Outro de amor tiranno a paixaõ dura,
Que n'alma ſente, diz cheio de goſto,
Buſcando acautelado na eſpeſſura,
Ver da ſua Serrana o gentil roſto:
Até que reclinado na verdura,
Fazendo no ſeu cólo molle encoſto,
Entre caſtos amores enredado,
Maldiz o longo dia de apreſſado.

Eſte com leves cães na mata eſpeſſa
Bradando, a caça timida affugenta,
Ou quando o ſol ardente o curſo apreſſa,
Ou pela tenebroſa noite lenta:
Aquelle ſó ſe occupa, e ſe intereſſa
Na carreira, e na lucta violenta:
Aſſim hum dia paſſa, e outro dia,
Trasbordando-lhe o peito de alegria.

O guardador da altura do rochedo
Se ouve cantar ſonoro: mais além
Hum grava pelos troncos do arvoredo

O

O nome da que impressa na alma tem :
Outro no valle fundo , inda mais cedo ,
Que o sol affugentando as sombras vem ,
Communica aos penhascos da alta serra
Singelamente , quanto o peito encerra.

Mas Arando Pastor , a que a ventura
Robora com a fazenda aquelle gosto
De ver risonho , e alegre na espessura
Da Pastora , que amava , o lindo rosto :
Sentado sobre fria pedra dura ,
Triste , e afflicto (imagem do desgosto)
De Marilis na fonte se queixava ,
A tempo em que a Serrana alli chegava.

Ao vella de repente a cor mudando ,
O peito reclinou sobre o cajado ,
Com magoado pranto o chaõ regando ,
Que já pizou contente com seu gado :
Mudo, e quedo algum tempo foi passando ;
Té que ouvindo do pote o som delgado ,
Temendo a ausencia da que ver queria ,
Suspiros arrancando assim dizia :

Arando.

Ai troncos brutos , ai montanhas duras ,
Por quem Marilis me jurou firmeza ,
Já se mudou , e vós estais seguras ?

Abrandai, abrandai voſſa dureza,
Alcantiladas rochas, vós ulmeiros
Ponde-vos contra a voſſa natureza. (ros
Pois mais brandas, q'a lá dos ſeus cordei-
Ser havieis, ó ſerras, me dizia,
Primeiro que os ſeus ditos liſongeiros.
E que a raiz negando a terra fria,
O ulmo contra o uſo das mais plantas
Da ſua falſidade a accuſaria.
Da memoria cahiraõ juras tantas,
Já ſe mudou; abranda-te rochedo,
As folhas mete ond'ulmo o tronco encantas!
Mas inda em pé te vejo no arvoredo,
E já vejo Marilis demudada,
Sem ter á culpa horror, aos Deoſes medo!
A vós pois, que lhe ouviſte a fé jurada,
Por tantas, tantas vezes repetida,
Digo os porques de vella quebrantada =
Nos dias curtos da ditoſa vida,
Quando longo rebanho apaſcentava,
E da lá me veſtia a mais polida:
Quando quatro charruas governava
De vantajoſos bois, e meu celeiro
Altos montes de trigo me guardava:
Comigo ſe entertinha o dia inteiro,
Sopportando as manhãs do quente Agoſto,
Soffrendo as tardes frias de Janeiro.
Mas tanto que a fortuna deu de roſto,
Nem ſequer hum inſtante me apparece,
Por ver, que ſó de vella faço goſto.

Rom-

Rompe a luzida aurora, o ſol fenece;
Eu neſta fonte a eſpero, e por ſabello,
Poucas vezes da aldêa a fonte deſce.
Se chegou n'outro tempo a tal deſvelo,
Que por mim naõ temeo o ſol ardente,
Nem a lua do mais frigido gelo:
Já do que foi eſtá taõ differente,
Que nella a gentileza, e formoſura
Do que d'antes lhe achava, acho ſómente.
Ah tempos da preterita ventura!
Eu ſó invejo os teres, que lograva,
Porque entaõ vi Marilis menos dura.
Pois quando tanto bem me acõpanhava,
A queda de Menandro, e de Fabricio,
Oh quantas, quantas vezes me lembrava!
Eu porém naõ temi tal precipicio;
Porque deſta mudança, que hoje vejo,
Nunca tive ſequer hum leve indicio.
Mas ai! naõ digas mais louco deſejo;
Pois quem naõ teve pejo de deixarte,
Tambem das tuas queixas naõ tem pejo.

Marilis.

Arando, naõ me falles de tal arte;
Se te amei, foi porque quiz, minha vontade
Naõ jurei até morte ſujeitar-te.

Aran-

Arando.

Marilis, tens razaõ, iſſo he verdade;
Mas ſujeita a tiveſte, em quanto eu tinha
Povoado o curral, viçoſa a herdade.

Marilis.

Enganas-te, que nunca a tençaõ minha
Foi ſer tua; de mais naõ neceſſitas
De mim, quando lá tens a bella Anzinha.

Arando.

Porque traças, e enganos excogitas?
Naõ finjas ter ciumes, porque entaõ
N'outro crime maior te precipitas:
Pois ſe Anzinha nomeias, Limiaõ
Nomear-te bem poſſo, e com verdade;
Mas naõ foraõ ciumes, falſa, naõ.
Foi ſó por veres, que a neceſſidade
Me obrigou a reger o gado alheio,
Por manter-me na minha puberdade.
Mas inda neſte eſtado naõ receio
Ganhar-te o neceſſario, que quem lida
Para os dias paſſar ſempre acha meio.
Nada diſto te apraz, pois eſquecida
Vives daquelle exceſſo, que eu fazia
A fé ſatisfazendo prometia.

Eſ-

Eſqueces-te de que na manhã fria,
Antes que o ſol brilhaſſe no horizonte,
As felpudas caſtanhas te colhia?
Eſqueces-te de que na turva enchente
As trutas te peſcava, e lá no monte
Te caçava o coelho aſtutamente?
Mas ſe como ha de vir o dia de honte,
Eſtas couſas, que digo, haõ de lembrar,
Muito melhor ſerá que naõ tas conte.

Marilis.

Fazes bem; pois eſcuſas de gaſtar
O tẽpo em narrações de hũ vaõ queixume,
Que pouco, ou nada póde aproveitar.
Por ti confeſſo ardi de amor no lume;
Mas eſte incendio já chegou ao cabo,
Ou foſſe ſó por iſſo, ou por ciume.
Se me peſcavas peixe em frio lago,
Se me colhias caça em altos montes,
Faze agora o contrario, e ficas pago.
Além de que, eu tenho que deſcontes:
Tambem ſenti por ver-te alguns trabalhos,
Jà por ti os meus olhos foraõ fontes.
Quantas vezes ás ſombras dos carvalhos,
A' tua eſpera eſtive horas, e horas,
Sem receio a calores, nem orvalhos?
E quantas á choupana em q̃ inda moras,
Fui por mimo levar-te a minha cêa,
E com ella avelás, paſſas, e amoras?

Lem-

Lembre-te o mais que fiz por ti na aldêa,
Que entaõ naõ ſei, ò laſtimoſo Arando,
Das noſſas culpas qual ſerá mais fêa.
Mas calla-te, que o tempo vai paſſando,
E além de naõ valer-te o que me dizes,
Lá na choça por mim eſtaõ eſperando.
Se do ulmo vês na terra inda as raizes,
E duro o meſmo ferro, talvez ſeja
Porque tambem das juras te deſdizes?
Mas ai! Anzinha vem, naõ quero veja
Eſtou comtigo fallando; negros zelos
Meu coraçaõ ás outras naõ deſeja.
Faze por ella agora eſſes deſvelos,
Que fazias por mim, naõ negues nada,
Que eu ciumes por ti naõ chego a telos.

Arando.

Bem o ſei, pois da herdade, e da manada
Sómente te ciavas, receando
Que della a poſſe a outra foſſe dada.
Porém como já vês o pobre Arando
Sem rebanho, e lavoura, eſſa a razaõ
Porque te vás de ouvillo deſviando.
Ah Marilis! receia a dura maõ
Da fortuna infiel, que o que me fez,
Tambem póde fazello a Limiaõ?
Se tem cabana erguida, e muita rez,
O vento bravo póde por-lha em terra,
E affogarem-lhe as chuvas quanto vês

Ma-

Marilis.

Naõ me faças, Arando, nova guerra:
Ahi vem Anzinha, ou fica em paz com ella,
Ou vai ao gado, que jà ſóbe a ſerra
Eu ſei quanto por ver-te ſe deſvela;
De mais, Paſtor, he muito de teu goſto,
Naõ me negues, que he vá toda a cautela.

Arando.

(Agoſto,
Em Julho eſtou, mas eu naõ chegue a
Se deſde que me conheço, cativar-me
Póde, ſem ſer o teu, de alguma o roſto.
E ſe queres Marilis deſprezar-me,
Embora o faze, falta á fé jurada,
Mas deſſe teſtemunho has de livrar-me.
Se pura foi té agora conſervada
Minha fama, naõ quero deshumana
Me julguem reo de culpa taõ malvada.
Vai-te em fim, desleal, dura Serrana,
Que entre as outras, q̃ habitaõ neſta aldêa
Conhecida ſerás por vil tirana.
Taõ vil ingratidaõ, culpa taõ feia
De boca em boca irá, e ſeu horror
Fará, que todo o mundo a note, e leia.
E de mim ſe dirá: Eſte o Paſtor,
Que em quanto rico foi, foi adorado
De Marilis: foi-ſe iſto, foi-ſe amor.

O

O Ceo permitta que esse immenso gado,
Que appeteces, cruel, eu inda o veja,
Ou com ronha, ou sem pasto, ou affogado.
Para elle veneno a fonte seja;
A relva rosalgar, e desta sorte
Os Deoses te castiguem tanta inveja.
Nunca os trigos te sopre brando norte;
Boréas indignado em terra os deite;
O frio gelo as tenras plantas córte.
Nunca as cabras te dem nevado leite,
Mel as colmeias, e as claras aguas peixe,
As vinhas cachos, a oliveira azeite.
E já que dás motivo, a q̃ eu me queixe
Desprezado por ti, o Ceo permitta,
Que o que buscas, cruel, tambem te deixe.

Marilis.

Arando falla, desabafa, grita,
Pois com o muito que dizes, bruta fera!
A minha paciencia naõ se irrita.
Oh quem nunca em amor por ti ardera!
Mas isto foi-se: adeos, ahi vem Anzinha,
Limiaõ no casal por ver-me espera.
Mas já que tu desejas tanto a minha
Ventura, queira o Ceo igual a tenhas,
Ou ser podendo, ainda mais mesquinha.

Arando.

Vai-te fera, vai peito, que das brenhas
Herdaste a natureza; ordene o Ceo
De magoas, e suspiros te mantenhas.
Aprendaõ todos do infortunio meu
A naõ crer em mulheres, que em riqueza
Se funda todo o excesso, e affecto seu.
Humas vezes daõ gosto, outras tristeza;
Humas vezes saõ brandas, outras feras,
Mas sempre, sempre cheias de incerteza!
Quem soubera, Marilis, quem tu eras!
Que póde ser, cruel, aquelles passos,
Com que fugir-te quiz, naõ me tolheras.
Porém se prezo andei de pés, e braços,
Já livre estou, já torno á antiga vida,
Só me peza ser tarde, fementida,
O ver-me livre dos robustos laços.

Em quanto transportado isto dizia,
Marilis se ausentava, que do monte
Jà lá do cume Phebo apperecia,
Dourando com seus raios o horizonte;
E n'uma larga faia, que cobria
Com a copa o cristal da clara fonte,
Depois de mil suspiros em vaõ dados,
Lhe deixou estes versos entalhados.
Pastores, aqui deixo hum monumento,
Hum remedio efficaz a toda a aldêa:

Ne-

Nenhum Paſtor , ou pobre , ou opulento ,
Em falſas vozes de Paſtora crêa ;
Se he rico , niſſo poem ſeu penſamento :
Se he pobre , ſó por força a liſongêa :
E ſe julgas loucura iſto que ſigo ,
Marilis ſeja exemplo do que digo.

CAPITULO II.

§ I.

TOrnado á caſa de meu Pai , fui continuando nos meus progreſſos amatorios , ſendo ſatelite da minha Marcia , no paſſeio , nas viſitas , e em toda a parte , paſſando-ſe poucos dias em que eu lhe naõ fizeſſe o meu verſinho. Mas naõ tardou muito , que em razaõ diſto naõ foſſe outra vez mal olhado , e naõ ſentiſſe o incommodo de andar em continuas pegadilhas , e deſconcertadas balburdias : até que para meu deſcanço me tornei outra vez a Mafra , aonde o Capitaõ mór me recebeo benigno , e ſuſtentou grandioſo pelo eſpaço de quaſi hum anno , no fim do qual vim a dar comigo em Liſboa , aonde meu Irmaõ ſe tinha acolhido,

lhido, por fugir á entrada da Religiaõ, que meu Pai lhe eſcolheo por vocaçaõ propria.

§ II.

Metido eu nas confusões de Lisboa, e na lida acerrima, em que meu Irmaõ vivia, ſem mais hora de deſcanço, que aquella em que os ſeus amigos o deixavaõ, entrei a affracar; porque entre eſtes incommodos frigiaõ-me a paciencia as minhas reflexões, até que achei por mais barato ſervir a hum do que a hum cento, e pelo trilho de homens de bem, e perſeguidos, me ingeri eſcudeiro de huma Senhora, em cuja caſa paſſei perto de hum anno, vivendo com honra, e recebendo hum tratamento acima de criado; porque andei ſempre com o prumo na maõ, medindo as alturas, que hiaõ de meus amos a mim, e de mim aos outros criados.

§ III.

Deſte modo paſſava eu os meus dias com a conſolaçaõ de ſuſtentar-me do meu trabalho; mas com o deſgoſto re-

de reflectir, que isto era vida de poltraõ, que nem me enchia no presente, nem me promettia descanço na minha velhice, e em certo modo me envergonhava de principiar a ser util á sociedade, e acabar sendo inutil a mim mesmo. Nestas contemplações andava eu, quando passando pelo Campo grande dei com huma Tia minha, que alli se achava, em razaõ de mudança de ares para a ultima de suas filhas, as quaes lhe morreraõ todas tisicas; e que desta mesma molestia vio acabar o unico filho, que lhe restava, e a unica esperança da sua casa. Fallei-lhe eu, e como estava em vesperas de jornada, pelos desejos que minha prima teve de morrer, aonde suas irmãs tinhaõ morrido, fui por ella obrigado a despedir-me de minha ama, e a dizer o vale á minha vida de escudeiro, a qual eu julgo muito boa; mas para homens que neste mundo naõ tenhaõ prestimo para outra cousa.

§ IV.

Partimos em fim para Obidos, e de-

depois de ver no caminho hum poder de arrochos pendentes ſobre a minha cabeça, por brigas que houveraõ entre os caleceiros, e huns deſtes almocreves, que introduzem vinhos furtados aos direitos, e huma noite levada em hum palheiro, e os continuos carretos de minha prima para a liteira, e para fóra della; porque ninguem lhe queria pegar, em razaõ de ſua moleſtia, chegámos á patria, aonde a rogos de minha Tia fui recebido na caſa de meu Pai; e poſto que elle lhe cuſtou, cedeo aos ſeus rogos; porque ſobre maneira lhe vivia obrigado.

§ V.

Neſte eſtado hia eu vivendo ſem outra vantagem mais que os bocados da meza de meu Pai, os quaes elle ainda entaõ julgava deverme; mas quanto ao veſtuario era o preciſo levallo ao ultimo ponto de abſolutamente preciſo, e eſperança de adiantamento, ou de ſolidez de eſtado: niſſo naõ fallemos nós.

Paſ-

§ VI.

Paſſando o meu tempo em huma ocioſidade extrema, era eu fixo em quantas feiras, feſtas, e romagens ſe faziaõ, e celebravaõ por aquelles contornos. Saráos, deſcantes, folîas nocturnas, aſſuadas, e outras couſas proprias dos meus annos, e da minha liberdade, eraõ os meus recreios, e as prendas, em que eu me exercitava. Porque enfadado meu Pai de continuas licenças, que eu lhe pedia para eſtas gravanas, proferio huma ſentença para mim certamente goſtoſa; mas para as obrigações de Pai de familias, naõ ſei ſe a mais ajuſtada; e vem a ſer: » Vai para onde tu quizeres, com tan- » to que naõ me peças beſta, nem di- » nheiro ». Ora iſto que eu cuidei ſer deſafogo naquelle dia, continuou elle a dizer-me todas as vezes, que eu rogava eſtas licenças, que ſempre julguei ſer preciſo impetrar: até que mo repetio em voz taõ alta com tanto enjoo, e energia, que eu deitei maõ da palavra, e principiei a uſar da minha liber-

liberdade em toda a ſua extenſaõ, naõ conhecendo outra lei mais do que os meus deſejos.

§ VII.

Com effeito a pezar da boa vida, que eu levava, muitas vezes me argûia, de que eſta naõ era a vida, que devia ter; e como entre os continuos inſtantes da minha alegria, tambem era aſſaltado do humor melancolico, a que ſaõ ſujeitos todos meus parentes maternos, ſuccedia por iſto procurar algumas tardes lugares ſolitarios, onde hia curtir o meu camarço, a que vulgarmente chamamos *burro*. Neſtas occaſiões he que a minha alma reflexionava ſobre o actual, e o por vir, e naõ deixava de amargar-me ver que ninguem ſe incumbia de mim, e que hia perdendo o tempo proprio da minha applicaçaõ; tendo ſempre em viſta o formar-me na Univerſidade; pois quando naõ conſeguiſſe o deſpachar-me, ſempre tinha o refugio de huma banca, conhecendo que o officio

de Advogado naõ precisa provimento, nem paga renda.

§ VIII.

A todos estes bons desejos, e maduras reflexões, obstava cruelmente a falta de meios; e tentando algumas vezes a meu Pai, para que me ajudasse, com o que possivel lhe fosse, apenas me enchia das esperanças de ir; mas depois de se verificarem cousas, que se eu esperasse por ellas, seria sim, mas seria tendo já completos os meus sessenta e nove annos, com mais alguns mezes, semanas, e dias.

§ IX.

A esta vontade de meu estabelecimento accrescia o summo desejo de ligarme a Marcia com os sagrados vinculos do matrimonio; mas como eu naõ queria casamento de novella, e me lembrava, que nem o que eu tinha chegava para a sustentar a ella, nem o que ella tinha para me sustentar a mim, nem juntos os nossos patrimonios, sustentariaõ os filhos, se

os

os tiveſſemos; por iſſo olhava para o dia da minha formatura, como para hum meio de eſtabelecimento, de que muitos vivem na minha patria, e de que meu meſmo Pai ſe tem aproveitado na decadencia da ſua fortuna.

§ X.

He de advertir, que meu Pai, pela alliança de minha Mãi, fez huma caſa farta de bens patrimoniaes, contendo de ſeu os melhores predios, que cercaõ a Villa de Obidos; além diſto eſtabeleceo negocio, que o poz opulento, e certamente a oito filhos, que ainda conta, deixaria hum ſólido eſtabelecimento, ſe a ſua muita bondade, e confiança nos eſtranhos lhe naõ fizeſſem demittir abſolutamente de ſi, o vigiar ſobre os ſeus intereſſes, e de ſeus filhos; de maneira que elle entregou a ſua caſa, como huma náo eſquipada de tudo, e ricamente carregada, a hum piloto, que ſe utilizou do precioſo, e depois lha entregou até incapaz de crena. Porque o criado, em que elle fez toda a confian-

ça, mais attento aos ſeus intereſſes, que aos de ſeu amo, em quanto achou aonde os firmar, ſoffreo; mas apenas vio ameaçar ruina o edificio, que elle tinha minado, poz-ſe em lugar ſeguro, aonde, ſem ſuſto, podeſſe ouvir a quéda.

§ XI.

Por eſta razaõ, attendendo ao desfalque da minha caſa, he que a minha ſubſiſtencia em Coimbra ſe fazia penoſa ao reſto da familia; porém a tudo poderia dar-ſe hum decente geito, ſe naõ houveſſe huma natural, ou affectada repugnancia, a attender-ſe hum dia por alguem de caſa: de ſorte que o pouco, que eu pedia, bem ſe me podia dar, a naõ haverem peſſoas eſtranhas, que iſto meſmo julgaſſem ſer huma victima, que eſcapava ás ſuas mãos de arpîa.

§ XII.

No triſte encaramento da ruina da minha caſa, os meus deſejos naõ ſe abateraõ, e eu raciocinando, entre muitas reſurças, achava eſta por mais ſe-

ſegûra. Miguel Luiz de Ataide, Joſeph Aleixo Falcaõ, Vanzeler Gamboa, Antonio Pedro de Matos Caſtello-branco, e Antonio Joſeph Monteiro, que foraõ em Mafra meus condiſcipulos, e meus verdadeiros amigos, achaõ-ſe em Coimbra: qualquer delles de boamente repartirá comigo do muito que tem, por iſſo meſmo que qualquer delles me eſtima, e eſtima a qualquer a que poſſa ſer util: Eu irei, dizia eu, eu lhe contarei a minha ſorte, e elles, que ſaõ meus amigos, e me conheceraõ opulento, he provavel, que ſintaõ a minha deſgraça mais que a deſgraça de outro homem: e como eu pertendo pouco, e elles ſaõ capazes de fazer muito, os meus deſejos haõ de completar-ſe.

§ XIII.

Todos eſtes diſcurſos, que eu fazia, do meſmo modo que o digo, nada aproveitavaõ; porque eu me deixava cahir na meſma languidez, já pelo obſtaculo dos poucos meios, já pelo grilhaõ, que Marcia me enroſcava nos

pés;

pés ; porque em fim por mais que olhava ao meu eſtado futuro , o deſapegar-me do preſente , fazia-me huma força maior , que poderia fazerme hum elefante ; e diſto me ficou radicado o rifaõ da Proſodia : ,, Que ,, quando hum homem julga atalhar , ,, entaõ he que elle arrodeia ,,.

§ XIV.

Aſſim andava eu de funçaõ em funçaõ , ſem que no meio dellas deixaſſem ás vezes de aſſaltar-me os remorſos da minha languidez , e culpavel ocioſidade. Eu ſentia em mim forças para me fazer util a mim , e util ao Eſtado ; e eu conhecia muito bem ſerlhe devedor de tudo aquillo , de que eu foſſe capaz. Porém o golpe deſcarregado ſobre os meus lares , e a pouca vontade , que meu Pai tinha de contribuir , ſenaõ para o Eſtado Clerical , eraõ duas barreiras , a que as minhas forças , ainda que eſtimuladas , guardavaõ hum reſpeito , que quaſi paſſava a terror. Até que finalmente Deos , que tudo faz pelo melhor ,

lhor, e cujos myſterios o homem em vaõ pertende perſcrutar, deparou hum caſo, que parecendo á primeira viſta deſenvolver a minha deſgraça, me abrio o caminho para a minha fortuna: foi elle.

§ XV.

Pelas veſperas de entrudo, he coſtume romper-ſe a lingua de terra, que divide a lagôa de Obidos do mar Oceano, em hum ſitio chamado a Foz, onde o mar tem huma boca, entre a de Peniche, e S. Mrtinho, de cuja boca alguns querem tirar a etymologia deſta Villa, firmando-a nas tres palavras Latinas, *Ob*, *id*, *os*. Faz ſe eſte rompimento em razaõ de evacuar os campos das aguas do Inverno, e deixar livres aos colonos aquellas porções de que eſtaõ encarregados na varzea denominada da Rainha. Para eſte fim concorre alli a Camera, e muitas peſſoas, que tomaõ por doce o frio que alli ſe apanha, ou pelo prazer da ſociedade, ou pela boa ſazaõ da peſca, ou pela tentaçaõ da caça.

Fui

§ XVI.

Fui eu convidado por alguns amigos ; porém resisti a seus rogos , porque naõ tinha alcançado licença de Marcia , a unica que entaõ precisava pelo amplo dominio , e posse actual em que estava de dispor de mim , em razaõ dos direitos , que meu Pai me tinha dado sobre a minha liberdade.

§ XVII.

Ainda que eu facilmente a alcancei , nem por isso fui nesse dia ; e até já tinha formado tençaõ de naõ usar della ; porém ao outro dia , achandome ainda na cama , ahi me procurou hum compadre meu chamado Isidoro Correa , o qual na companhia de outro caçador , por nome Joaõ Leal , me resolveo a ir á dita brincadeira. Fui finalmente , e por lá me entertive gostosamente na companhia do estimavel Joaõ Ferreira Batalha , Juiz de Fóra , que entaõ era de Obidos , e o resto da Camera ; até que passados tres dias , tornámos a tomar o caminho de casa. Aqui vai ella agora.

De-

§ XVIII.

Depois de hum frio o mais avultado, que eu rapei nos dias da minha vida, em razaõ de huma peſca a que neſſa noite me tentou, naõ ſei ſe hum primo meu, ou ſe o démo em figura humana, démos fundo no Arelho, e ahi foi que me deraõ a noticia do meu ultimo ſentimento; e como preciſa commento, vá de hiſtoria.

§ XIX.

Tinha meu Pai por coſtume mandar vender os ſeus vinhos por hum moço fiel em huma adega das ſuas meſmas caſas, a qual ficava por baixo do quarto da minha cama. Aconteceo, que quem quer que foſſe, lhe ſacaſſe os vintens, que alli tinha deixado ajuntar; mas como eſte roubo foi feito de tal modo, que a porta que ſe achou aberta, naõ ſe achava arrombada, e elle tinha obſervado, que havia já tres dias, que eu faltava em caſa, eſquecido da ampla licença, que me tinha dado; e lembrando-ſe, que eu para me auſentar naõ tinha falta de moti-

vos.

vos, combinou, que eu naõ quereria ir desprovido para a jornada: pelo que naõ fez o menor escrupulo de me dar por author deste delicto, e ser o mesmo que o fizesse publico. Eisaqui a noticia, que eu recebi no Arelho. Agoniei-me bastante; mas como tinha tantas testemunhas da minha innocencia, naõ me envergonhei de apparecer em casa. Por quanto para eu vir da Foz, aonde fiquei com os outros a perpetrar este delicto, era-me preciso ser nigromante, e ter o auxilio das bruxas.

§ XX.

Apenas cheguei, logo meus Irmãos me contaraõ, o que a meu respeito se dizia; e eu fiado na minha innocencia, quanto áquelle facto, naõ me acordei do seguinte.

§ XXI.

He preciso saber, que meu Pai nunca consentio, que nós bebesse-mos vinho; mas esta lei naõ era taõ dura, que elle naõ fechasse a ella os olhos, todas as vezes que o vinho naõ sahisse

ſe da ſua adega. Eu que já neſte tempo andava muito mal enroupado, e até coberto com hum capote, que para o pôr era neceſſario conſultar onde exiſtia o cabeçaõ, e por que parte tinha o direito, padecia meus frios, a pezar de muitas vezes lhe ter expoſto a neceſſidade em que me via. Como nada o movia, reſolvi-me eu a cuidar no dito capote, e a ver ſe ajuntava com que o fizeſſe: puz-me a eſcrever á raza para todo, e qualquer Eſcrivaõ, que me dava papeis a traſladar; mas como neſte exercicio me apertava o frio, achei hum modo de aquecer-me: e foi o caſo.

§ XXII.

Como a adega ficava por baixo do meu quarto, arranquei os pregos a duas taboas do ſobrado, que deixei ſempre alluidas, e iſto debaixo da cama por onde deſci, e fiz hum furo em hum tonel, cujo furo me deu contra o frio alguns dias de vida. Eſte buraco dava taõ bom vinho, que eu delle dava a meu Pai, dizendo-lhe que era

era da Granja, e elle o gabava, com offenſa do meſmo que bebia. O tal buraco foi quem me fez reo, naõ do furto do dinheiro, mas das ſangrias, que dei aos toneis. Porque o moço deu com elle, e foi entaõ que depois de muita gritaria, eu fui obrigado a procurar a caſa de mirha Tia, e deixar para ſempre a caſa de meu Pai.

§ XXIII.

Tornado a caſa de minha Tia, fui nella recebido, mais como filho, do que como ſobrinho. Alli me chegavaõ continuamente as noticias do que em minha caſa ſe paſſava a meu reſpeito. O Juiz de Fóra, e os mais que eſtiveraõ na Foz, puniaõ pela minha innocencia; mas tudo era malhar em ferro frio: até que exeſperado de ouvir fallar em mim, diſſe que cedo remediaria tudo, pondo-me na India: e como ſabia, que meu Pai he executivo nos ſeus projectos, ainda que de poucos tenha viſto bons fins, lembrado que o amor paterno naõ ſeria quem revogaſſe a ſentença, intentei eu cum-

prilla

prilla com hum degredo voluntario; porque tirada a causa, cessa o effeito: mas nem isto pude, porque de seu punho recebi huma carta, cujo contexto se reduzia a que sahisse de Obidos, e seu termo, quando naõ, India.

§ XXIV.

Recebi o rescripto, e pensando sobre o pé, que estas cousas hiaõ tomando, entrei no projecto de Coimbra, e resolvi-me a dallo á execuçaõ; porque discorria eu: o sahir daqui he preciso: sahindo para qualquer parte que vá, hei de padecer: escudeiro naõ he vida: Coimbra tem muitos rapazes, e rapazes daõ-se huns com outros. Eu irei, dizia eu, e de boamente servirei a hum, que me sustente, e me deixe algum tempo livre á minha applicaçaõ. Isto foi assim pensado, e logo posto em obra; porque ao outro dia de madrugada, me puz na rua com capote ás costas, hum paõ na maõ, e na algibeira huma patente da Ordem Terceira, e sete vintens e meio.

EPO-

EPOCA IV.

CAPITULO I.

§ I.

NO dia 7 de Março de 1782, ainda o Sol naõ cuidava em pentear os cabellos, á viſta dos que habitaõ o noſſo Continente, já eu marchava a paſſos largos pelo ſitio, que chamaõ as Boxardias, a fim de naõ ſer viſto por algum patricio, ou homem das viſinhanças, que me conheceſſe, e que depois déſſe noticias deſte encontro; mas nem iſto conſegui, porque de cara a cara fui dar com hum Donato das Gaeiras, que a pezar de ſer alli moderno, me cumprimentou pelo meu nome, ſem lhe eſcapar huma ſó circumſtancia, a pezar de naõ ſer dos mais pequenos para peſſoa da minha eſteira. Bem lhe quiz eu meter na cabeça, que hia convidado para huma funçaõ de coelhos; mas nem

mo

mo deixou conſeguir o trage, em que eu hia, nem o conſentio o trage, de que elle ſe veſtia; e naõ tive mais remedio do que confeſſar a minha fuga, e pedir-lhe ſegredo, que elle prometteo; porém faltou, como ſe devia eſperar de ſua fraternidade.

§ II.

Neſtas perlengas fomos até á ponte de Selir do Mato, e alli nos ſeparámos; porque o tal reverendo hia pedir eſmolas por todos aquelles caſaes, e eu hia com a barba na malhada, de ver ſe me ſafava do caminho direito, para naõ ſer topado de hum criado do Prior da minha Freguezia, o qual tinha tomado o caminho da Villa da Batalha em procura de hum Medico para ſeu amo, que ſe achava doente; e deſſa doença deu fim aos dias da ſua vida; porque em o meio alqueire ſe enchendo, de que ſervem os Medicos, he de morrer com mais ſolemnidade.

§ III.

Apenas eu paſſei á Villa de Selir do

do Mato , larguei logo a eſtrada , e puz-me a peitos com hum monte , que fica á parte direita , o qual venci com muita pachorra , *& pedibus calcantibus* , me fui encoſtando á parte da ſerra ; mas atirando comigo para as bandas de Alcobaça , a fim de me ir outra vez metendo na eſtrada , alli pelas viſinhanças de Aljubarrota , para onde eu já naõ receava ſer encontrado do moço do Prior , nem conhecido daquelles moradores , como de certo o ſeria dos de Alcobaça ; e eſta era tambem huma das empreitadas , que eu levava muito em viſta.

§ IV.

Saõ muito de ſuppor as vezes , que eu penſaria no preſente , e no futuro , olhando para a minha bolça , e baga gem : na verdade caminhava eu na figura mais jocoſa , que ſe póde imaginar ; e como , por noſſos peccados , ſó nos lembra Deos vivamente , quando nos achamos ſem as creaturas (iſto ordinariamente) foi entaõ que a devoçaõ veio mais fortemente em meu auxi-

auxilio ; e levantando huma voz triſte , e ao meſmo tempo devota , fui por aquellas eſtradas entoando o Bemdito , e louvado , cujo Terço rezei muitas vezes por dia.

§ V.

Iſto naõ obſtante , ſempre tinha minhas diſtracções , e fazia o objecto dos meus diſcurſos a falta de provimento : niſto hia eu , quando aviſtei huma azenha , em cuja levada batiaõ roupa humas camponezas , perto das quaes eſtava ſentado hum homem , cuja cabeça lhe branquejava em roda , e luzia no meio : quero dizer , que era calvo , e conſervava ainda humas moiteiras de cabello branco , ralo , e curto. Fui-me aproximando , e vindo-me de repente á lembrança , que além de naõ ſer delles conhecido , a minha figura teſtemunhava hum deſertor ; e tambem que a ſe-lo, era melhor fingir-me de Reinos eſtranhos , pela regra de que *ninguem he profeta na ſua patria* ; comecei pela mudança de idioma , e por ter lido D. Quixo-

te, e outras novellas castelhanas; este foi o de que me comecei a servir, por ser mais facil de ser entendido, e poder explicar os meus pensamentos.

§ VI.

Isto era perto de meio dia, segundo o andar do Sol; e segundo a minha barriga, sem offensa dos relogios, bem se lhe podiaõ chamar tres horas. Feita a minha saudaçaõ muito atrapalhadamente, quanto á frase, mas ao cortejo de chapéo, e cabeça com toda a civilidade insinuante, fui igualmente correspondido. Como eu naõ sabia de que modo iria fazendo jus a algum mantimento de boca, fui-me chegando para a levada; tirei de hum lenço, que principiei a lavar; no meio deste exercicio fui soltando alguns suspiros, e resmungadelas, que ouvidas do velho, me perguntou a razaõ de minha queixa. Eu que vi o primeiro effeito de minha astucia, puz-lhe os olhos fitos; e ou fosse temor de ficar mal do intento, ou porque o meu estado era bastante para elles, soltei hum

hum par de lagrimas, as quaes moveraõ o bom homem a chegar-se a mim, e consolando-me sem saber de que, me perguntou a causa do meu pranto. Entaõ sentando-me eu junto delle, comecei a contar-lhe o seguinte, por estas, ou por outras palavras; mas o caso foi este, quanto á substancia, e em castelhano quanto á frase.

§ VII.

Meu rico amigo, naõ posso por-vos os olhos, sem que chore; porque vós sois o retrato de meu Avô, o qual sendo o meu unico arrimo, porque muito cedo fiquei sem Pai, este se vio obrigado a deixar a patria, e a deixar-me a mim. Aqui tornei eu a chorar; e o velho mostrando muito dó do meu estado, perguntou aonde caminhava eu? Respondi-lhe, que em procura delle, por me dizerem, que se refugiara em Portugal, e que eu tanto havia mendigar, até que o achasse. Isto tudo ouviaõ as raparigas com muita magoa, chamando-me coitadinho amiudadas vezes, até que o velho disse

a huma que fosse apromptar o jantar; e me convidou para elle, o que eu acceitei de boamente; e depois de me atacar, tornei a dar ás gambias, jurando, que em quanto durasse a peregrinaçaõ, naõ seria Portuguez nem huma só hora.

§ VIII.

Entoando outra vez o Bemdito com huma voz mais ajudada pela fartadela dos feijões, e de huma assorda, que os Anjos a comeriaõ, e mais huma tarrafada de aguapé caseira, fui trepando montes, e descendo valles, até haver vista de Evora de Alcobaça, da qual povoaçaõ me fui affastando, em razaõ de haver ahi gente, que me conhecia; e fazendo hum passo de conversaõ á esquerda, aportei a hum Convento de Arrabidos, chamado a Magdalena.

§ IX.

Depois de descançar nos poiaes da portaria, tirei da minha patente da Ordem Terceira, e toquei a sineta. Veio, segundo o costume, hum Religio-

ligioſo, ao qual eu a entreguei depois de beijar a manga; e levando-a ao Padre Guardiaő, veio eſte, e ſabendo, que o meu deſignio era alli ficar, mandou que entraſſe, e ſe me deſtinaſſe cubiculo, o que promptamente fez o Porteiro.

§ X.

Ainda o Sol naő tinha deſapparecido de todo, já o malho do refeitorio chamava para a collaçaő, a qual para elles conſtou de hervas, e nozes; e para mim, por vir de jornada, de feijaő fradinho, hervas, nozes, figos, e vinho, com cujo reficiente me fui pregar na cama, que ſendo de eſtamenha, dormi nella como ſe fora n'um thalamo imperial.

§ XI.

Como eu me recolhi muito cedo para o meu coſtume, tambem me ergui cedo quanto ao meu coſtume; e deſpedindo-me dos Padres, fui endireitando a prôa para Aljubarrota, aonde cheguei ſeriaő nove horas da manhã; e aqui foi que eu comecei a reſpirar

pirar livre de que me conheceſſem, e de ſer encontrado pelo moço do meu Prior.

§ XII.

Cuidei logo em procurar o Syndico da Ordem Terceira; e andando com a minha Patente, como de Herodes para Pilatos, ſempre vim a conſeguir ajuntar meio toſtaõ, aos ſete e meio com que tinha ſahido de caſa.

§ XIII.

Entrei em huma lója de mercearia, que poſto mal provida, ſempre achei nella paõ, e queijo, de que fiz hum ſortimento, que importou em cincoenta reis; e ſe bem mos deraõ, bem lhos deixei. Embrulhado iſto, foi agazalhado na algibeira, e tornei a proſeguir a minha jornada, e paſteando os olhos pela ſerra de Porto de Mós, e pelas arêas de Pataias, e Pederneira, cheguei a huma fonte, que eſtá adiante de Aljubarrota, aonde me aſſentei a taſquinhar o paõ, e o queijo, dos quaes comi ametade; e atacando o buxo de agua freſca, tornei

nei a montar-me nos çapatos, e a buscar o caminho da Batalha, cantando o Bemdito, e exercitando-me na minha linguagem nova, da qual só me naõ servia, quando me servia da Patente.

§ XIV.

A poucos passos cheguei á estalagem chamada de Barros, aonde me tinha já vindo agazalhar, e meu Irmaõ, quando fizemos a sortida de Pombal; e começando eu em huma castelhanada muito grande, fui conhecido da dona da casa; porque naõ eraõ taõ poucas as vezes, que por alli tinha passado. E foi entaõ que hum repente, igual ao que tive no encontro de Joaõ da Mata, quando hia para Lisboa com o sardinheiro de Torres, me desembrulhou desta difficuldade: e sem me turbar, lhe disse mesmo no meu castelhano: Que haviaõ sete annos, que residia em Castella, para onde tinha fugido por huma desgraça; e vindo outra vez á patria, me dera mal, e me tornava outra vez a Hespanha,

panha, razaõ porque me ouvia fallar meio Caſtelhano, meio Portuguez.

§ XV.

A peta engulio-ſe, e rendeo ſegundo almoço, e humas nozes, e paſſas de uvas para alguma occaſiaõ de aperto: e continuando na empreza, venci as malditas duas legoas, que vaõ á Batalha, tendo tambem fallado muito caſtelhano em Saõ Jorge, e por aquelles caminhos aos paſſageiros; e na falta deſtes a páos, pedras, e quanto encontrava com os olhos.

§ XVI.

Eſtava o relogio do Convento da Batalha dando as cinco horas da tarde, ao tempo que eu entrava neſta Villa; e como eſte magnifico edificio roubou ſempre as minhas attenções em todas as vezes, que por elle paſſei: primeiro que tudo puz-me á mirallo; e vendo eu que de huma lója viſinha ao ſitio, em que eu me tinha poſto, eſtava hum Clerigo moço, e huns eſtudantes obſervando o meu paſmo, lembrou-me fazer a couſa myſterioſa;

rioſa ; e chegando-me ao edificio , comecei de o medir com o páo , que levava , deitando no meio deſta veſtoria meus golpes de viſta *in altum* , *&* *profundum* , e de ilharga a ilharga ,. o que lhe fez a curioſidade de me chamarem no fim da minha mediçaõ.

§ XVII.

Quando eu parti para elles , obedecendo ás ſuas vozes , perſuadi-me , que no ſeu conceito já teria os creditos de hum archicteto da claſſe de Vignola ; e ſabidas as contas , o que elles penſavaõ de mim era , que eu padecia minhas manîas , a que vulgarmente chamamos loucura : porém apenas eu lhes fallei em lingua eſtrangeira , ficaraõ corridos , e mudaraõ de conceito ; porque loucos naõ os ha , ſenaõ em lingua Portugueza.

§ XVIII.

Finalmente depois de muitas averiguações , diſſe-me o Padre , que lhe cuſtava a perceber-me por pouco familiar no idioma Heſpanhol (como ſe foſſe Heſpanhol o que eu fallava ,

á

á excepçaõ de algumas particulas, e hum ſom gutural, que eu dava ao máo Portuguez que fallo.) Dito iſto deſenrólei quatro orações latinas, em que me expliquei melhor, e foi entaõ que elles ficaraõ todos de queixo cahido.

§ XIX.

Apenas eu os vi atuar, e como arrependidos de ſe meterem com eſtrangeiros, entrei logo a pôr á obra quantos defeitos eu pude ſonhar, os quaes elles approvaraõ; e depois de me darem cinco reis cada hum, fuime ſaracoteando para a eſtalagem; porque a pratica enterteve-me tanto, que já me faltava o tempo para aſtuciar a introducçaõ no Convento.

§ XX.

Recolhido eu á dita eſtalagem, cuidei logo em argenciar o barato da paſſagem, e a brevidade do commodo; porque os meus pés pouco coſtumados a eſtas feleſtrias, já me diziaõ que naõ, no meio das minhas preſſas. Eſte era o meu deſejo; mas como naõ fazia reſpeito, nem pelo traje, nem pe-

la

la bolça, acommodei-me quando elles quizeraõ, e em hum quarto, que fez a minha fortuna, podendo fazer a minha desgraça: por quanto.

§ XXI.

Achavaõ-se junto ao quarto, em que me alojaraõ, dois Religiosos moços, que desgostosos do estado, a que seus pais tiveraõ vocaçaõ, se tinhaõ naquella noite safado do Convento, e alli dispunhaõ o modo de se conduzirem ás suas casas. Hum delles casou naquella Villa, depois de muitas impugnações; e o outro, cujo nome me naõ lembra, he o que figura nesta historia; porque.

§ XXII.

Separando-se elles hum do outro, cada qual destinado ao seu fim, fiquei eu por visinho do quarto, sendo ouvidor das queixas do dito ex-religioso, as quaes se fundavaõ na intriga de querer fazer-se hum casamento a huma irmã: e para este fim sacrificarem-no a elle a abraçar hum estado, para que naõ tinha mais vocaçaõ, que a de seu

pai,

pai, e a do marido da noiva. Tudo elle contou chorando, e confesso que me fez chorar; e depois de elle acabar a sua, entrei eu na perlenga de meus infortunios: e porque *solatium est miseris socios habere camaradas*, lá nos fomos consolando; e depois de muitos choros, mandou elle vir o almoço, que devorámos ambos; e deixando-o na sua magoa, fui visitar o Convento, com o fim que vou a dizer-vos.

§ XXIII.

Achava-se entaõ neste Convento hum Religioso, muito bom Religioso, filho da minha patria, e grande amigo de meu Pai, por nome Fr. Joseph do Carmo, o qual exercia entaõ naquella Casa a dignidade de Mestre de Grammatica Latina, e de digno Prégador da sua Ordem: e como haviaõ passado muitos annos, que elle me naõ via, quiz eu fazer-lhe huma entrevista magana, conversando-o, sem o fazer sciente de quem era: se bem que fóra esta farça, tambem levava pen-

penſamentos de por elle adoçar a colera de meu Pai. Perguntei na portaria, e por hum Leigo fui conduzido ao lugar da ſua cadeira.

§ XXIV.

Entrei pela porta da aula em hum ar ſymbolico, e dei-me por curioſo; o que fez que o dito Padre me fizeſſe ſentar junto de ſi, e converſando comigo, me teve por Heſpanhol. Informando-ſe do meu deſtino, lhe diſſe depois de muitas mentiras, que hia á Univerſidade de Coimbra a ver ſe me acommodava com algum eſtudante, a fim de acabar o curſo de meus eſtudos, que por deſgraça naõ podera acabar em Salamanca. Louvou-me as minhas boas intençóes, e continuou no exercicio de ſua aula.

§ XXV.

Pelo diſcurſo das liçóes tivemos noſſa queſtaõ grammatical, e o Padre me fez a honra de gabar a minha viveza, e os conhecimentos que tinha naquella materia; o que talvez naõ fizera, ſe eu lhe fallaſſe Portuguez, naõ ſó

por-

porque melhor me entenderia, ſem a deſculpa, que era forçoſo me déſſe no modo de me explicar; mas tambem porque Portuguezes naõ pódem entender das couſas, ſem que o oiro dos cabellos ſe torne em prata; *dato caſu*, que ainda aſſim.

§ XXVI.

Acabou-ſe a aula, e á ſahida me conduzio á ſua cela, aonde tivemos huma larga pratica, no fim da qual elle me brindou com huma caixa de tabaco, hum covilhete de marmelada, e ſeis vintens para ajuda da paſſagem; e acompanhando-me ao dormitorio, entaõ he que lhe perguntei pela ſaude do pai, o qual por velho, e orfaõ de mais familia, tambem tinha deixado a patria para viver na companhia do filho. Por iſto he que o Padre me conheceo; e tornando-me a chamar á cela, me perguntou o que dava motivo a huma jornada, para a qual me via mal apercebido, e pondo por obra meios mais proprios de bigurrilha, do que de homem de bem.

Naõ

§ XXVII.

Naõ puz nisto duvida alguma, e tintim por tintim, pá, pá, santa justa, lhe narrei todo o succedido; e rogando-lhe, que intercedesse para se me dar alguma mezada, o deixei com muitos abraços, e me tornei á estalagem a procurar o dito religioso regresso, que achei em huma grande contenda com o Prior, e outro Padre Mestre, dos quaes elle se desenvensilhou na porfiada teima de naõ voltar ao Convento; e se bem o disse, melhor o fez.

XXVIII.

Apenas sahiraõ os ditos Padres, entrámos nós outra vez em pratica, e elle me rogou muito, para que alli me demorasse mais dois dias, em quanto se provia de vestuario secular, e trastes de jornada, promettendo-me besta, e companhia para Coimbra, aonde eu me encaminhava, e por onde elle havia passar: porém eu, que estava com o fogo no rabo, e tambem desconfiava, que os Padres nelle fizessem

zeſſem nelle alguma penhora, fui-me dando ás trancas para Leiria, aonde cheguei pela hora e meia da tarde, pouco mais, ou menos.

§ XXIX.

Lembrei-me logo de outro Religioſo Graciano, que alli ſe achava, e de quem eu tive conhecimento em Torres-Vedras, por nome Fr. Manoel Barata, e fui logo como huma xara pergunrar por elle á portaria: veio elle immediatamente, e entre abraços me levou á cela, aonde me deu de jantar, e ouvio as minhas aventuras com muita magoa; e por cumprir com a amiſade, que de ha muito me tinha, ajudou a minha reſoluçaõ com bons conſelhos, e a jornada com quatro mil reis, que vieraõ a pedir de boca, ſem que me foſſe preciſo abrilla, para que elle mos déſſe; e depois de outras demonſtrações de amiſade, conſegui delle deixar-me partir no meſmo dia; e caminhando com o deſcanço, que pedia a beſta, cheguei aos Machados, alli quando coſtumaõ recolher-

colher-ſe as gallinhas, e os homens de boa conducta.

§ XXX.

Entrei na dita eſtalagem, aonde para cear naõ havia mais que bacalhão com couves: miſtura que pela primeira vez teve a confiança de entrar na minha barriga, e de que naõ deſgoſtei; talvez que por ſer na occaſiaõ, em que era; ainda que eu nunca fui de muitos acepipes, nem dos mais biqueiros; e feito aſſim o papo, para entreter o tempo, puz-me a jogar o truque com hum botas, que a pezar de conhecer as cartas por dentro, e por fóra, ſempre deu para a deſpeza daquella noite.

XXXI.

Recolhi-me a huma cama tal e qual, com tençaõ de dormir; mas ainda bem eu me naõ tinha deitado, quando do quarto, que ficava immediato, principiaraõ a levantar-ſe huns ais muito enternecidos, que toda a noite me naõ deixaraõ pregar olho; e ſabidas as contas era a dona da caſa,

a quem Deos foi servido fazer mercê de huma cachopa, que lá pela madrugada sahio ao mundo com privilegios de aurora.

§ XXXII.

Como a noite foi levada entre gritos seus, e confortações da comadre, levantei-me logo, mal que vi luzir o buraco; e dando com hum copinho de aguardente nas tripas, fui arrojando os pés para onde chamaõ a Venda dos Gallegos, e lá cheguei, seriaõ dez horas da manhã; mas feito em sellada, por conta de naõ ter dormido, o que deu causa a que depois de comer huns ovos, me estendesse em huma mangedoira de bois, sobre a qual levei hum somno de boas quatro horas.

XXXIII.

Acordei eu satisfeito de somno, mas com os pés taõ dorîdos, que nem os podia firmar sobre a estrumeira; e receando vencer as tres legoas, que hiaõ dahi ao Pombal, aluguei huma jumenta, que por doze vintens me conduzio a esta Villa na companhia

de

de ſeu dono, ao qual pelo caminho menti em Caſtelhano quanto eu quiz.

§ XXXIV.

Aportado que fui ao Pombal, recolhi-me á eſtalagem; e tirando humas meias mais decentes, calcei-me, e puz a minha gravata; e largando o malote, ſahi muito direito a fazer-me ver dos amigos antigos, dos quaes abracei huns, e naõ pude abraçar todos por ſe acharem alguns fóra da terra, e outros debaixo da terra: no numero dos abraçados entrou Martinho Coelho, e ſeu pai o Sargento mór; os quaes me hoſpedaraõ muito bem, e ouviraõ a eſtudada perlenga da minha eſtada em Heſpanha, e outras aventuras, que fui fazendo á unha; o que tudo arrumei tambem ás ventas daquelle Boticario Manoel da Coſta, que tinha ſido grande amigo do Padre Meſtre Dionyſio Heitor da Silva, e a outros, que ſem me encommendarem o ſermaõ, tiveraõ a paciencia de ouvillo.

XXXV.

Ao outro dia fui paſſear pela margem

gem do rio Arunca, aonde elle he vi-
ſinho de hum boſque de faias, e frei-
xos, e em huma deſtas arvores vi por
minha letra o nome de Marcia, em
cujo tronco o tinha gravado, no tem-
po em que alli vivia: eſte encontro
deſafiou as minhas lagrimas, e as ſau-
dades me aſſaltaraõ; ſaudades naõ ſó
della, mas tambem do tempo em que
fiz eſta eſcrita; e tomando do meu
canivete, entalhei por baixo do ſeu
nome eſtes dois verſos dirigidos á faia.

Tanto quanto tu creſceres,
A ſua ventura creſça.

§ XXXVI.

Niſto eſtava eu, quando o Padre,
que tinha ſahido da Batalha, appareceo
já veſtido á ſecular, e montado em
huma boa mula, e com outra de car-
ga: fez-me feſtas, e offereceo-me lu-
gar entre as duas trouxas, que eu acei-
tei logo, e o invitei a eſperar-me na
eſtalagem, aonde elle ſe hia confor-
tar com o ſeu almoço ajantarado; e
dalli parti a fazer as minhas deſpedi-
das, acabadas as quaes, me tornei á
eſta-

eſtalagem , e emmalando o meu pouco aſſeio , trepei-me ao meio da carga , e na companhia deſte bom moço , fui dando vélas ao vento para a Cidade de Coimbra.

§ XXXVII.

A mula , que até alli naõ tinha tido trabalhos extraordinarios, para os ter, foi baſtante o eu montar-me nella ; porque na venda , que chamaõ do Diabo , ſahio o diabo de hum caõ ; e correndo a ella , porque me levava , peſpegou-lhe huma mordedella taõ forte , e em tal ſitio , que já meia legoa para cá da Redinha começou a manquejar , e o dono a temer , que ella venceſſe a jornada ; e dando , como a entender , que o pezo era muito. Como eu nunca goſtei de ouvir reſmungar ninguem, deitei-me logo abaixo , e até á Redinha me ſervi da beſta , em que fiz a mais jornada de Obidos até a Venda dos Gallegos , ainda que com ſentimento do meu Padre.

§ XXXVIII.

Chegados que aqui fomos , cuidou elle

elle logo em alugar-me cavalgadura; e á força de diligencias desencantou-se hum burro; mas com a comminaçaõ de me levar sómente até Condeixa, aonde o dono se devia achar no outro dia logo pela manhã. Assentámos nisto, e partimos logo muito contentes da nossa vida.

XXXIX.

Entrámos por este vistoso lugar seriaõ quatro horas da tarde, a tempo em que se cuidava na Procissaõ dos Passos; a gente era muita, e a pezar da devoçaõ, que pedia o acto, levámos nossas investidas, principalmente eu pelo vagaroso da cavalgadura; e tanto por ella, quanto por mim, ouvi mil improperios, e a minha mansidaõ me fez escapar a tantos murros, quantos levou o Arrieiro, por tornar dente ao que se lhe dizia; porque este povo altanado naquelle dia naõ admitte desforra a pessoa nenhuma.

§ XL.

Pagou-se ao dono do burro; comemos alguma cousa; e démos graças a

Deos

Deos quando nos vimos fóra daquella barafunda. O Arrieiro condoîdo de ver-me outra vez a pé, lá me facultou ir alguns poucos ſobre a mula; e em montadellas, e apeadellas, e varias vaias, e manopladas dos eſtudantes, que a galope hiaõ para a Prociſſaõ, aviſtámos finalmente a Cidade de Coimbra, a cuja viſta eu exclamei com o Epico Latino.

Poſt tantos labores totque diſcrimina rerum
Tendimus in latium.

§ XLI.

A ponte por hum, e por outro lado eſtava cheia de eſtudantes, que aos paſſageiros cantavaõ huma muſica de pulhas, que arripiaraõ os meus ouvidos, em quanto me naõ acoſtumei a ellas. Ao ſom deſta perlenga, paſſámos a ponte, e nos fomos apoſentar em huma eſtalagem chamada o Terreiro do Marmeleiro, aonde o Padre me deixou; porque me diſſe, que poſto andaſſe de noite, queria ir ficar aos Fórnos; porque tinha em Coimbra peſ-

ſoas,

ſoas, que devia viſitar, e naõ hia em termos diſſo. Deſpedimo-nos, e elle me brindou com meia moeda; e até ao dia de hoje naõ tornei mais a vello, nem delle tive noticias.

CAPITULO II.

§ I.

FIquei eu metido na eſtalagem, e muito amuado, e aſſim como o eſpargo no monte; porém fui cuidando em codêa, e em cama, e mal me pareceraõ horas, entreguei-me ao ſomno, de que naõ deſpreguei ſenaõ alto dia. Entaõ calcei as meias, que tinha calçado em Pombal, puz a minha gravata, dei crena aos meus çapatos, eſcovei a caſaca, lavai-me do pó do caminho, alizei as minhas farripas, ſacudi o chapéo, e puz-me n a rua, marcando as eſquinas por onde hia, para ſaber por onde havia voltar.

§ II.

Cruzando becos, e calcando lamas, fui ſahir ao largo de Santa Cruz, ou de

de Sanſaõ; e a viſta do edificio me fez entrar dentro, mas naõ para lhe fazer as mediçóes, que fiz ao da Batalha; porque eu a eſte tempo já naõ era Caſtelhano; mas ſim para ver ſe nelle ſe achava acaſo algum dos meus amigos; porém nem os vi, antes ſempre me cuſtou a achallos neſtes lugares, além das horas da ſua Miſſa.

§ III.

Sahi da dita Igreja, e tomei pela rua chamada das Figueirinhas, e entrando o arco de Santo Agoſtinho, fui dar á Sé velha; e trepando pela rua das Cóvas, ſurgi a S. Joaõ; e indo a voltar pela rua que vai dar a S. Pedro, de humas caſas, que eſtaõ á direita, logo na eſquina, me gritou Ignacio de Almada de huma janella das meſmas caſas, cuja eſcada eu ſubi, e fui dar com huma roda de jogo, na qual ſe achavaõ o dono da caſa, Joſeph Aleixo Falcaõ, Miguel Luiz da Silva Ataide, Antonio Joſeph Monteiro, Antonio Pedro de Matos Caſtello-branco, e Pedro Joſeph Caupers.

Aqui

Aqui fui eu muito feſtejado , e fiz novo alarde de meus infortunios. Ouviraõ-me , e todos ſe compadeceraõ de mim ao ponto de todos me quererem em ſua caſa ; de maneira , que quaſi como por favor dos outros fui para a companhia de Antonio Pedro de Matos Caſtello-branco , e de Ignacio de Almada.

§ IV.

Neſta meſma noite fomos conduzir o meu fato , para o que naõ foi preciſo nem carro , nem beſta de carga , e depois fomos arguntiar , ſegundo o coſtume , fazendo das eſtrepolias , que pede a feiçaõ eſcolaſtica , e requer o viçoſo dos annos , dos que alli ſaõ enviados , nos dias em que a liberdade he mais doce , que os meſmos favos.

§ V.

Ao outro dia logo me pozeraõ o cabello ao modo eſcolaſtico , e me embrulharaõ em huma batina , a qual encobrio todas as cicatrizes do meu fato , e fiquei parecendo outro homem, naõ ſó no traje , mas até na creaçaõ

de

de huma alma nova. Sahi com elles, e contra o costume investi em lugar de ser investido; e dado hum grande passeio a ver o precioso da terra, que possivel nos foi, nos recolhémos á primeira casa em que entrei, na qual se achava hum rancho numeroso.

§ VI.

Depois de se haverem sacado baldas, e contado mil historias, lembrou-se hum delles de mandar vir huma viola, chegada a qual ma entregaraõ nas mãos, e logo me enviaraõ appenso a ella hum mote para haver de improvisar. Havia já tempo que eu naõ frequentava esta especie de poesia; mas como vi, que por alguma cousa devia dar principio ao meu tal ou qual estabelecimento, lancei maõ da banza; e espremendo o meu estro, quanto me foi possivel, fiz muitas quadras, entre as quaes appareceraõ algumas, que fizeraõ dobrar a cabeça dos circumstantes, ou fosse pela sua bondade, ou pela sua fraca intelligencia; mas o certo he, que eu fiquei

cara-

caracterizado do melhor Poeta escolastico, que aquelle tempo pizava os ladrilhos dos Geraes: digo escolastico para distincçaõ de Antonio Isidoro dos Santos, a quem se naõ póde negar quanto está da parte do homem, e cujos versos virá tempo, em que sejaõ restituidos á estima, que lhe tem roubado a intriga, e a solapada inveja.

§ VII.

Assim se passaraõ os meus primeiros dias; e posto que eu afracava neste continuado exercicio de cantarólas sobre cantarólas, como disto tinha feito a minha enxada, consolava-me o ver, que trabalhando só tres horas por dia, ganhava mais do que o ar estes, que puxaõ por ella, desde que nasce o sol até que he posto; de maneira, que a curiosidade dos primeiros que ouviraõ, e dos que me queriaõ ouvir pela vez primeira, me trouxe em hum moto continuo de improvisos á viola, de versos de outeiro, e de glosas para namorados. Por cuja razaõ em breves tempos me fiz conhecido até dos rapa-

rapazes da rua, com o diſtincto privilegio de nenhum me chamar o Senhor Aquelle, mas todos o Senhor Malhaõ.

§ VIII.

Como quer que aſſim foſſe, aſſim meſmo hia eu indo de funçaõ em funçaõ, ſem nunca me lembrar de couſa de eſtudo a excepçaõ de algum bocado de hiſtoria, e de alguma novella de goſto, por ſer já paſſado o tempo em que eu podia fazer os exames dos preparatorios. Outeiros em Lorvaõ, ſonſonetas em Sendelgas, paſſeios ás Torres, patuſcadas ao rio, eraõ os objectos da minha applicaçaõ, e as heroicas proezas, para que nunca deixei de ſer convidado, vindo a ſer o Coriféo deſtas cravanas.

§ IX.

Os eſtudantes facilmente me grangearaõ amiſade; porque além de eu naõ ſer caſmurro, tambem eſtudava os modos de lhes agradar, pela continua dependencia, em que eſtava dos ſeus favores, que nunca alcancei importuno, nem deſprezei ſoberbo. A gente

da

da terra pouco a pouco ſe familiarizou comigo; e poſto que eu veſtia batina, naõ me olhavaõ como para os outros irmãos deſta confraria. Eu entrava em muitas caſas ſérias, nas quaes me portei ſempre taõ bem, que as ſuas portas ſe me naõ fecharaõ até ao fim, antes ſe lá tornar, perſuado-me as acharei abertas.

§ X.

Eiſaqui a face primeira das minhas couſas na Cidade de Coimbra: e paſſado aſſim o reſto do anno literario, cuidei em apromptar-me para voltar á patria a dar allivio a meu coraçaõ com a viſta de Marcia, a qual igualmente ſaudoſa mo ſolicitava nas ſuas cartas. Sobejava-me a vontade, mas faltavaõ-me os meios. Fallei, e promptamente achei dinheiro, e o mais que ſe me fazia preciſo, e com a meſma promptidaõ cavalguei huma beſtiaga, e armado de manopla, vim eſtrugindo Villas, e Lugares até dar fundo em caſa de minha Tia, aonde fui recebido com muito alvoroço, e viſitado

do de minhas Irmãs, e Irmãos, a pezar do interdicto, que tinhaõ de nosso Pai para naõ fallarem comigo.

§ XI.

Dormi aquella noite muito, que assim o pedia o cansaço do caminho, e a estafadeira, em que me deixou a narraçaõ de minhas aventuras, que depois de cêa fiz aos meus Parentes. E lá pelas nove horas do dia sahi ás ruas, pelas quaes fui abraçado de muitos, huns por amisade, e outros por cumprimento, e passei aquelles tres dias primeiros contando historias de Coimbra, e seus arredores com muita satisfaçaõ de me chamarem Doutor, quando nem era estudante do primeiro anno.

§ XII.

A minha Marcia pulou de contente apenas me vio, e no seu rosto brilhou aquelle alvoroço, que naõ sabe faltar em occasiões semelhantes. Eu lhe contei as minhas saudades, ella me contou as suas, e continuámos dahi em diante na repetiçaõ de nossos galanteios amo-

amorosos, sendo o vella o maior recreio que tinha, e o naõ a ver o maior tormento, que accommettia a minha alma.

§ XIII.

No meio destes prazeres veio caminhando o tempo de eu voltar a Coimbra, e por se me ter exhaurido a bolça, nem querer ser mais pezado a minha Tia, tomei o caminho de Lisboa a fazer provimento, ou a arranchar-me com quem me fizesse as despezas da jornada. Porém a maior parte dos meus conhecidos já tinhaõ abalado; e recorrendo ao outro meio, achei quem me emprestasse tres mil e duzentos, que eu julguei bastante para a jornada, e certamente o seria, se naõ acontecesse o que se verá deste Capitulo seguinte.

CAPITULO III.

§ I.

TOmando todo o meu trém ás costas de hum gallego, sahi de casa acompanhado do meu bom amigo Joseph

ſeph Alberto Barral, em cuja caſa eſtava na poſſe de me hoſpedar ſempre que hia a Lisboa, do qual me deſpedi na Ribeira velha, entrando em huma moleta, que fazia viagem para Valada, e que na fórma do coſtume eſtava a partir. Porém iſto eraõ onze horas; e ſentado na prôa, ouvi huma da tarde, e ella ſempre a partir por inſtantes. Apertou-me a rafa, e ſahi fóra, e muito de vagar enchi a barriga de peixe frito, bebi-lhe bem: e como quem vai para o mar ſe avia em terra, comprei paõ, e queijo, e humas nozes, e fui-me conduzindo; porém vendo que aquillo tinha vagar, mudei-me para o barco da neve, que tambem hia para Valada, o qual deu á véla pelas duas horas da tarde.

§ II.

Apenas o barco partio, deſci eu logo a ver ſe me accommodava no leito da prôa; e eis ſenaõ quando acho nella tres rapazes meus conhecidos; mas com a infelicidade de ſerem todos ilhéos aſperos: muita feſta, muito

dito, muito eſtimo a tua companhia, e niſto fomos hum poder de tempo. Neſte tempo muda o vento, e começa a berrar com tanta força, e a fazer ſaltar o cavallinho de tal modo, que deſamparando o commodo do leito, viemos acima a ſer teſtemunhas daquelle eſpalhafato. Encoſtado ao bordo, vi com os meus olhos peccadores, que eſtavamos quaſi entrando na altura de Sacavem, e que quantas embarcações ſe aviſtavaõ, andavaõ todas a tombos: o rio era todo eſpuma, e taõ furioſo, que repetidas vezes atirava com ſeus eſcarros de prôa á poppa. Os homens a pezar de ſua natural animoſidade, eſtavaõ amarellos; e naõ obſtante a antiga chança do barco da neve, eſtiveraõ na neve para ir avante. Finalmente deraõ coſtas ao temporal, e em doze minutos deſtorcemos o que tinhamos vencido em duas horas, vindo a dar comnoſco em huma enſeada, que mora defronte do Grilo.

§ III.

Fez-ſe alli conſiſtorio ſobre o que ſe-

ſeria mais acertado, ſe voltar para Lisboa, ſe ficar por alli eſperando mudança de tempo, e paſſagem de barco. Eu eſtava por tudo; porém elles tinhaõ razões para naõ voltarem; e neſta conformidade aſſentámos em alugar huma beſta para as malas, e ir ficar a Sacavem, onde de certo diziaõ elles havia haver embarcaçaõ ao menos para Villa-Franca. Concordou-ſe niſto, e deſencantada huma égoa de albarda, carregou-ſe de malas, e nós ſeguindo os ſeus paſſos mamámos a pé huma reverenda legoa e meia, que os fez em trapos, e a mim nem móça, em razaõ de outras maiores a que me acoſtumou a minha deſgraça; e eiſaqui como huns infortunios ſaõ o remedio para os outros.

§ IV.

Chegados que fomos a Sacavem, entrámos na eſtalagem, que eſtá junto do lugar da barca, onde nos accommodámos, e depois de hum beberete, ſahimos a gozar o delicioſo

do paiz, e a obſervar a diverſidade de figuras, que vem, e vaõ; e eu tentado com os Poetas, lembrou-me a barca de Acheronte; e ſem que me convidaſſem, fiz a Decima ſeguinte.

Acheronte no exercicio
De reger a infernal barca,
Com quantos nas mãos da Parca
Encontraraõ precipicio,
Naõ tem mais penoſo officio,
Que o nauta de Saçavem.
Acheronte leva além,
E vem d' além deſpejado;
Eſte infeliz carregado
Sempre vai, e ſempre vem.

Rio-ſe muito com a lembrança, e fomos cuidando em ſaber ſe havia barco para Valada, ou ſequer para Villa-Franca: com effeito appareceo hum, que tinha alli chegado com carga de cal, e ſe affretou comnoſco para nos levar até Villa-Nova. Voltámos para a eſtalagem muito contentes da noſſa vida, e alli ceámos com o argel do

coſ-

coſtume ; e depois de muitas gargalhadas , humas naturaes , outras artificiaes , nos fomos abacelar na cama a deſcançar da caminhada , e a cozer o café do paiz.

§ V.

Alta noite , quando talvez o Sol ainda eſtaria no ſegundo ſomno , e nós nas delicias do primeiro , entrou a vozearia dos barqueiros , e fomos obrigados a deixar a cama , e a pormo-nos álerta para a viagem ; porém em quanto elles fizeraõ o papo , e nós o bico ao ſacho , levantou a aurora a cabeça , e rozou os horizontes ; e com a ſua chegada , o vento que toda a noite havia berrado , ou por canſaço , ou por paſmado , aquietou a teima de ſuas ſopradellas , e nos deixou tambem os corações mais livres de ſuſto , em que eſtavamos de entergar-nos outra vez ao furor do padre Tejo.

§ VI.

Metidos finalmente na dita embarcaçaõ , ſahimos do canal de Sacavem , e fomos coſteando em direitura á Alhan-

lhandra. Mas ainda nós naõ tinhamos vencido a altura da Povoa, quando o vento entrou com tantos deſpropoſitos, que n'um inſtante nos arrependémos mil vezes de haver cahido na fraqueza de embarcar. Porém como naõ havia outro remedio, fomos galopando ſobre as atrevidas taboinhas; e depois de termos invocado quantos Santos ha na Corte do Ceo, chegámos ao cáes da Alhandra amarellos como humas cidras, e molhados como humas ſopas.

§ VII.

Saltámos em terra, e fomos calcorreando para a eſtalagem: meus companheiros mandaraõ fazer a comida; mas eu, que tinha bolça aventureira comigo, e na terra a caſa de Joaõ Daniel Palmeira, cujos favores tinha certos, e provados com longa experiencia, naõ quiz entregar-me á deſpeza, e fui-me chegando a eſte bemparado. Entre os muitos, e ſincéros feſtejos, que recebi de todos de caſa, me aproveitei do ſeu jantar, grande, e bom

por

por coſtume, e tornei-me á eſtalagem a ter com meus companheiros, que já achei jantados, e reſolutos a entrar na meſma barca para ir-mos em demanda de Villa-Nova.

§ VIII.

O vento parecia eſtar mais acalmado; porém ſe o eſtava, ou naõ eſtava, iſſo naõ ſei eu; o que ſei he, que apenas nos embarcámos, e levantámos véla, era hum motim de ſopros, e entre montes de eſpuma fomos indo avante, até que hum bote, que com duas peſſoas nos ſeguia, naõ muito longe, á viſta de noſſos olhos ſe virou de quilha acima, deixando aos miſeraveis o unico refrigerio de ſe eſcarrancharem no coſtado, a fim de eſcaparem de ſer merenda de algum cardume de ſáveis. Iſto encheo a todos de horror, e a mim de tanto ſuſto, que me parece humedeci os calções. Gritou-ſe logo = para terra, para terra = e com muita fadiga nos lançámos ao cáes de Villa-Franca, no qual eu jurei ir antes a pé, do que tornar-me a embarcar.

§ IX.

Deſenganados todos de que o vento, e as aguas nos quereriaõ fazer alguma desfeita, entrámos na diligencia de beſtas para Santarem, e depois de immenſas voltas, e quebra cabeças com o Juiz de Fóra, achámos quatro burrinhos, em que nos conduzimos á Caſtanheira, na eſperança de ahi acharmos mais preſtaveis cavalgaduras. Porém nem huma beſta ſe achava na eſtalagem, nem na terra; em conſequencia do que fizémos apprehenſaõ nos meſmos burrinhos, para nelles nos tranſportarmos a Valada, animados da meſma eſperança: niſto ficámos, e papada que foi a cêa, atirámos comnoſco á cama.

§ X.

Pela madrugada erguemo-nos para continuar o noſſo caminho, quando nos foi dada a noticia, que hum dos homens dos burros, ſeria meia noite, tinha abalado com o que lhe pertencia, deixando-nos como a tres com hum çapato; porque nós era-mos qua-

tro , e ſó nos ficaraõ tres burros. Procurou-ſe outro , e naõ foi poſſivel deſencantar-ſe. Naõ houve por fim mais remedio , que irmos fazendo mudas ; e entaõ me deſenganei , que aquillo , que huns fazem por ter muito , fazem outros por ter pouco.

§ XI.

Chegámos por fim a Valada depois de incommodos immenſos , e ahi alugámos novos burros para Santarem , aonde portámos moîdos como ſelada , e eu pobre como Jób. Porque neſtas cêas , jantares , alugueis , e deſpezas annexas , em tudo iſto ſe foraõ os meus tres mil e duzentos , que eſtavaõ decretados para a jornada até Coimbra , naõ entrando a beſta , que em Coimbra he que ſe havia pagar.

§ XII.

Vendo-me eu neſta figura , e naõ querendo dar o braço a torcer , fingi hum negocio em Santarem , e por minhas móças de páo , me ſafei dos companheiros , que levavaõ alguma preſſa , e a minha jornada eſtava já nas cir-

circumſtancias de ſer muito vagaroſa. Alugaraõ elles beſtas, e deſpedindo-ſe de mim, montaraõ a cavallo, e foraõ ſeguindo o ſeu caminho, fazendo-me ſaudades a preſſa com que os via ir marchando, e a molleza com que eu ficava para marchar.

§ XIII.

Apenas os perdi de viſta, tomei a mala ás coſtas, e fui ſeguindo o raſto das ſuas beſtas, fazendo folhinhas, e governando o mundo em ſecco por aquelles campos da Golegã. Como porém o dinheiro de todo tinha eſpirado, chegando eu a huma venda, que eſtá huma legoa diſtante de Santarem, ſentei-me no poial da porta, e entrei a namorar huns mugens fritos, que eſtavaõ em hum prato; mas vendo, que ninguem me offerecia delles, armei perlenga ao dono da taberna; e depois de lhe pintar o meu eſtado, reſolvi-o a comprar-me huma camiſa das que levava na mala, pela qual naõ foi poſſivel dar-me mais do que trezentos e ſeſſenta, com que eu tirei o

ven-

ventre de miserias ; bebi-lhe quatro pingas , tomei tabaco ; e atirando com a mala aos hombros , fui dar comigo na Golegã.

§ XIV.

Lembrei-me eu no caminho de procurar Antonio de Saldanha , com quem havia contrahido huma amisade , que pouco passava de conhecimento , por occasiaõ de humas visitas , que fez a humas Senhoras de Santarem , que se achavaõ junto a Obidos , por causa de banhos , e com quem eu fiz huma harmoniosa sociedade ; por isto apenas puz a mala na estalagem , procurei pela sua casa , e no outro dia tomei comigo hum guia , e fui lá a ver se dava algum geito a conduzir-me para Coimbra a cavallo , e com dinheiro , tudo á conta de alguma perlenga , em que eu era eminente , metido nas occasiões.

§ XV.

Chegado que fui á porta , despedi o meu conductor , e topei-me com hum Clerigo , que estava anafando

dois

dois excellentes cavallos : pergunteilhe por elle , e tive o diſſabor de ouvir , que tinha partido para as Caldas da Rainha. Perdida eſta eſperança , entrei eu a mirar os cavallos , como quem entendia muito daquella fazenda , quando o que eſtava fazendo era cobiçallos para a jornada. Palavra tira palavra , e entre outras couſas me perguntou de donde era , e para onde caminhava : ſatisfiz eu a iſto , quando (ò Deos da minha alma) perguntame o Clerigo , ſe eu por acaſo ſeria o Malhaõ : confeſſei a verdade , e niſto ſolta o Padre a chamar por Manoel Correa de Faria , filho de Alcorouchel , que ſe achava em ſua caſa , e na noite antecedente tinha eſtado fallando em mim , vindo a verificar-ſe o rifaõ : Fallai no máo , apparelhai o páo.

§ XVI.

Chegou elle á janella , e apenas me vio , moſtrou no roſto , que a minha preſença lhe naõ era deſagradavel : deſceo abaixo , e nos braços me conduzio para cima ; e ſentando-nos , converſá-

versámos sobre o motivo de alli apparecer. Disse eu', que fora por ver o dito Antonio de Saldanha; e como o naõ achava, me resolvia a continuar a minha jornada. Instou elle a que me demorasse tres dias mais, porque assim iria-mos elle, e seu irmaõ, e eu, Joseph Herculano, o qual naquella mesma noite se havia achar na quinta chamada de D. Rodrigo, aonde elle desejava, que eu tambem fosse. Oppuz-me eu, affectando que o arrieiro naõ estaria por isso, e que depois me seria difficultoso achar besta para Coimbra: desfez elle todos estes argumentos, e eu voltei á estalagem a compor o supposto arrieiro, e voltei com a mala ás costas de hum homem, gabando-me da proeza de ter accommodado o arrieiro supposto.

§ XVII.

Naõ foi preciso muito campo para ella se accommodar bem na casa: e pouco mediou, em que naõ chegasse o almoço, ao qual eu me atirei com unhas, e dentes. Findo elle, por findar

dar a vontade, que eu lhe tinha, appareceo huma viola, fiel companheira de minhas aventuras, e principiou-se a usada cantarola de quadras com seu versinho obrigado. Durou isto até que huma criada veio dizer, que a meza estava posta. Corremos ao lugar da batalha, e deixámos por despojo esqueletos de gallinha, e ossos de vaca, e porco, e sobre a toalha rios de sangue do que circula as veias das cepas da Chamusca.

§ XVIII.

Isto acabado, tornámos á viola, cuja gazola durou até nos vir dizer hum moço, que estavaõ as bestas postas: descemos abaixo, e metemos o pé no estribo; e dando de espora, fomos aportar á dita quinta de D. Rodrigo, aonde brincámos muito; e depois de muitas galhofas, versos, e honrarias, voltámos para Alcarouchel a pousar na casa do meu amigo Faria, á qual chegámos quasi pela meia noite.

§ XIX.

Feitos os cumprimentos ao pai do meu

meu bom amigo, e que o ficou ſendo meu deſde entaõ, fomos á cêa, e conduzidomo-nos á cama, pela qual eu eſtava morrendo, por iſſo meſmo que havia noites, que me naõ tinha deſpido por medo das roupas das eſtalagens: e eſte meſmo medo recommendo a todos; porque huma vez, que nellas me deitei deſpido, mamei huma reverendiſſima camada de ſarna, que ſe naõ foi caſtelhana, para portugueza era de huma ediçaõ a mais completa, e emendada.

§ XX.

Por encurtarmos razões, alli eſtive dois dias mais, brincando muito á minha ſatisfaçaõ com a familia do meu amigo (gente ſincéra no ultimo ponto, muito agazalhadora, e muito amavel, a quem devo amor de pais, e obrigações que ſe naõ pagaõ) no fim delles montámos a cavallo, e fomos dirigindo a prôa a Coimbra, aonde chegámos depois de muitas heroicidades, e fui obrigado a ficar na caſa dos ditos Farias; porque naõ baſtaraõ ro-

rogos á perſuadillos do contrario. E aqui acabou a ſegunda comedia intitulada, A ſegunda jornada do Malhaõ: pelo que vamos ao Capitulo ſeguinte.

CAPITULO III.

§ I.

POſto eu em Coimbra, cuidei em fazer os meus exames; porém o tempo eſtava quaſi acabado; e o Vice-Reitor, que entaõ era, naõ me quiz deſpachar a petiçaõ: meteraõ-ſe empenhos, e naõ foi poſſivel mover-ſe; mas já elle quaſi queria fazer por favor, o que tinha de obrigaçaõ, quando a mim me chegou a veneta, e fuime procurallo ao Collegio de S. Pedro, onde vivia, e desforrei-me da pirraça, que me tinha feito, cujos ditos, e desforra tiveraõ por caſtigo a ſua nova teima, e eu fui condemnado a perder aquelle anno, do que já terá dado contas áquelle a quem ſe naõ póde faltar com ellas.

Poſ-

§ II.

Posto na antiga ociosidade, continuei eu nas cantarolas, e nas funções do costume, e nisto fui até que chegou o Natal, e voltei com os meus Farias a passar as ferias em Alcorouchel: ahi brincámos muito, comemos, e bebemos muito, fizémos muitas digressões, até que pelos Reis tornámos a Coimbra.

§ III.

Ahi continuaraõ os folguedos do costume; e metido nelles, vi passar o tempo que medêia do Natal á Pascoa, chegada a qual, convidado por Joaquim de Sousa Leitaõ, aportei á Villa de Pombal, aonde se passaraõ estas ferias em comedias, entremezes, comezanas, e gritarias, sendo a tudo fiel, e prompto companheiro Manoel Marques do Couto, homem o mais estimavel; e que voltando rico do Ultramar, e contra todo o sistema dos que assim voltaõ, se trata bizarramente a si; e do mesmo modo a quantos se hospedaõ na sua casa, taõ prompta

para todos, e que nunca ſe fechou para mim: homem taõ eſtimavel, que naõ ſó hoſpéda bem a todos, mas que até goſta, que todos ſe hoſpedem na ſua caſa. (Agora convido eu os meus leitores, para que reflexionem, e vejaõ ſe conhecem hum Mineiro deſta conducta? Naõ ſerá facil; porque a regra he ajuntallo a poder de fomes, e morrer á fome com elle no ſeu poder.)

§ IV.

Aſſim voaraõ os quinze dias, que vaõ aos Prazeres, e com todo o deſprazer voltámos outra vez a Coimbra: meu companheiro a ſeguir os ſeus eſtudos, e eu a continuar nas minhas diſtracções, e divertimentos eſcolaſticos, ſem paſſar-ſe hum dia, em que pelo menos naõ improvizaſſe duas vezes.

§ V.

Veio Maio, e eu tornei á minha patria, com os meſmos gráos com que della tinha ſahido, á excepçaõ de me chamarem o Senhor Doutor, naõ ſei com que fundamento. Brincando, e ſaltando, ſe foi eſte tempo, até que

veio

veio o defgofto do abandono, que de mim fez Marcia, levada de mais folidas efperanças, e attrahida da voz de hum cafamento, que fe lhe pintou mais proximo, do que poderia fer o meu, fuppoftas as defordens, em que andava a minha vida. Ifto comtudo, pofto me defgoftou, naõ me poz em exafperaçaõ; antes porque na fua aufencia tinha compofto o Idilio, que principia: *Era alta noite, e os ventos rugidores*, lhe compuz em defpique a Cançaõ, que começa: *Se quando te adorava*; e dei por filhos de maldiçaõ quantas Odes, e Sonetos lhe tinha feito, os quaes fe achaõ nas minhas compofiçóes com o nome de Marcia, por iffo mefmo que deu em mércia.

§ VI.

Paffado affim o tempo, e paffando com elle a unica paixaõ, que amargurava os meus dias, e fóra as faltas de dinheiro, me puz ao caminho de Coimbra logo nos primeiros dias de Outubro; porque defta vez tive de me-

nos o despedir-me da dita Marcia, cuja despedida levava seus dias, e desfazia muitas tenções de partir neste, ou naquelle dia.

§ VII.

Ainda que este desfecho amoroso me naõ levou ás do cabo, por conhecer a este tempo o pouco que perdia, sempre me doeu; pois pouco importa, que o dente seja podre, para doer quando se tira da boca: e he esta a razaõ por que naõ estou muito presente nos acontecimentos desta terceira jornada; e apenas me recordo, que fui por Porto de Mós, de donde continuei o caminho na companhia de Antonio Neto, que foi meu companheiro, e meu amigo, em quanto naõ passou para o outro mundo, aonde Deos seja servido te-lo á sua vista.

§ VIII.

Chegado a Coimbra, cuidei eu logo em fazer os meus exames, para haver de matricular-me: assim aconteceo, porque fui approvado em todos, menos em Grego; porque huma

das

das boas cousas que tem a minha patria, he naõ ser sujeita a dar conta destas linguagens: e em consequencia deitei huma finta, ou pedido, para os seis e quatro da matricula, para os livros competentes, e constituir-me pelo acto da matricula hum estudante do primeiro anno juridico.

§ IX.

Muitos de meus amigos eraõ de parecer, que eu devia applicar-me á Medicina, por ser a faculdade mais apta para ganhar dinheiro, e que naõ era pensionada com informações, leituras, e outras cousas deste genero; e que além disto pelos annos adiante dá seus premios para ajuda de custo. Tudo isto eu via ser verdade, lembrando-me o texto: *Si Galenus fueris, Justinianus eris.* Porém sendo o meu humor jovial, e costumado a ser requerido para brincadeiras, como poderia eu acostumar-me a funções, que cheiraõ a defunto: sendo a minha occupaçaõ folîas de todo o genero, e o meu costume, e posse immemorial o en-

entrar jámais em caſa, na qual me naõ fizeſſem companhia fixa, ou viola, ou guitarra? Accreſce, que além diſto a vida de Miniſtro, ou de Advogado naõ tem encargos de tanta conſequencia; porque as ſentenças revogaõ-ſe, os embargos rejeitaõ-ſe; mas da morte de hum homem, naõ ſe dá appellaçaõ, nem aggravo; e caſo ſe podeſſe dar, havia ſer no effeito devolutivo; porque a morte he muito privilegiada na execuçaõ das ſuas ſentenças; além de que, ſe o doente eſtende, he culpa do Medico; ſe eſcapa, he milagre de algum Santo, ſe o enfermo era de boa vida; e naõ o ſendo, foi remedio caſeiro, que occultamente lhe adminiſtrou algum herbolario, ou viſinha mezinheira.

§ X.

Eſta foi a verdadeira razaõ, que me moveo a ſeguir as Leis; mas como naquelle anno me naõ pude matricular ainda, diverti-me em tanto em apurar huma traducçaõ, que em Mafra tinha feito das Eclogas de Virgilio,

das

das quaes ſó conſervava as primeiras, as quaes com o novo eſtado, em que as puz, aqui as offereço aos curioſos, que quizerem ter o incommodo da ſua leitura.

TITYRO.

ECLOGA I.

ARGUMENTO.

Tityro conta a Melibeo, que ſe entende por todo, e qualquer Paſtor de Mantua, como recuperará os campos, que lhe tinhaõ ſido tirados depois do vencimento de Bruto, pela interceſſaõ de Mecenas, e amiſade, que eſte lhe grangeou com Auguſto; e neſta Ecloga de agradecimento lhe promette, que nunca ſe eſquecerá deſta graça. Melibeo pelo contrario lamenta a ſua pouca fortuna, e o ſeu deſterro.

TI-

TITYRO, MELIBEO.

Melibeo.

TItyro, tu ſentado ao freſco abrigo
Deſta faia patente, a cantilena
Das Muſas camponezas exercitas
Ao ſom goſtoſo da delgada avena.
Nós fugimos da patria, os doces campos
Deixamos; nós a patria himos largando:
E tu, á ſombra froxo, os montes fazes
De Amarilis dizer o nome brando.

Tityro.

O noſſo novo Deos, ò Melibeo,
Me deu eſtes deſcanços liſongeiros,
O meu Deos ſerá ſempre, e as aras ſuas
O ſangue tingirá dos meus cordeiros.
Elle, como tu vês, me permittio,
Que os meus bois pelos cápos diſcorreſſem,
E que eu meſmo entoaſſe ao ſom de frauta
As cantigas, que bem me pareceſſem.

Melibeo.

Amo as tuas venturas; porém paſmo
Das deſordens, que vaõ por noſſos prados!
Eiſ-

Eis-me vês consumido, as minhas cabras
Levando para montes apartados.
  Trabalhado, esta guio, q̃ inda ha pouco
Entre aveleiras, sobre pedra dura,
Dois cabritos deixou, de que eu fiava
Deste pobre rebanho a formosura.
  Muitas vezes feridos das sentelhas,
Do alto Ceo descidas, os carvalhos
(Se naõ fosse taõ fraco o meu juizo)
Já me tinhaõ predicto estes trabalhos;
  Já mos tinha predicto da azinheira
Grasnando á parte esquerda a negra gralha:
Mas, Tityro, declara-me, que Deos
He este que benigno te agazalha?

Tityro.

  A Cidade, que o nome tem de Roma,
Cuidava eu tanto, que era assimilhada
A esta nossa, aonde por dinheiro
As crias conduzimos da manada.
  Assim como os sabujos similhantes
As máis, e a cabra os filhos avistava;
Assim louco tambem a tenues cousas,
Cousas mais elevadas comparava.
  Porém tanto entre as outras levantou
Esta Cidade a frente alta, e sublime,
Quanto os cumes levantaõ os cyprestes
Por cima do alastrado, e froxo vime.

Me-

Melibeo

E qual foi a razaõ de veres Roma?

Tityro.

A liberdade, que me vio tardia;
Porém mais favoravel, quando a barba
De quem ma tosquiava aos pés cahia.
Mas poz-me os olhos terna, e longo tẽpo
Já passado, chegou depois que a fea
Galatéa deixei, buscando hum dia
Amarilis de mil agrados chea.
Que em quanto Galatéa me detinha,
(Pois naõ devo fallar senaõ verdade)
Nem augmento no meu peculio havia,
Nem esprança a menor de liberdade.
Por mais tenros cordeiros, e mais queijos
Que para Mantua ingrata conduzia,
Carregada de cobre a maõ direita,
Para casa, sequer naõ trouxe hum dia.

Melibeo.

Eu me maravilhei, quando te ouvi
Chamar, ò Galatéa, os Deoses triste,
E para quem pendentes de seus ramos
Estivessem os pomos consentiste.

Da-

Daqui, Tityro, eſtavas ſeparado:
Por ti chamavaõ, Tityro, os pinheiros,
Por ti as meſmas arvores copadas,
Por ti as fontes claras, e os ribeiros.

Tiiyro.

(parte

Pois que havia eu fazer? nem n'outra
Ao jugo poderia ſacudirme
Da dura eſcravidaõ, nem ver os Deoſes,
Nem na ſua preſença introduzir-me.
Alli vi o Mancebo, ò Melibeo,
Em honra de quem faço dos altares,
Doze dias cada anno, o fumo eſpeſſo
Em nuvens enroladas ir aos ares.
Elle meſmo em repoſta me tornou
A' minha petiçaõ: apaſcentai,
O' Mancebos, os gados como d'antes,
E na charrua os touros aſſogai.

Melibeo.

O' velho affortunado, os campos teus
Por iſſo duraráõ; e as ſementeiras
Seraõ gradas; ſuppoſto em roda as cubraõ
Nuas pedras, e o lago co' as junqueiras.
Naõ fara mal algum ás prenhes cabras
Dos paſtos deſuſados a peçonha;
Nem poderáõ as rezes dos viſinhos
A's tuas apegar nociva ronha.

O'

O' velho affortunado, aqui por entre
Sacras fontes, e rios conhecidos
O frefco tomarás. Aqui na eftrema
Da fazenda, que marcaõ os floridos
Ramos deffes falgueiros dobradiços,
Que as abelhas do Hybla vaõ paftando,
A féfta paffarás ao fom dormindo
Do fuffurro das azas doce, e brando.

Tityro.

E por iffo primeiro as leves corças
Teraõ fua vivenda fobre os ares,
E os mudos peixes na deferta praia
Em fecco deixaráõ primeiro os mares;
Ha de o Partho primeiro defterrado
No Araris beber a manfa enchente,
No Tigre o Alemaõ mudando os alveos;
Do que elle deixe de me fer prefente.

Melibeo.

Porém nós para Scythia, para o Paxes;
E para os campos de Africa abrazados
Iremos huns; alguns para os Britanos,
Que eftaõ do noffo mundo feparados.
E paffadas depois algumas feifas,
Verei eu a cabana fabricada
De terra, e palha, notarei com pafmo
Os meus reinos, e a lavra tranftornada?

Im-

Impio ſoldado, barbaro eſtrangeiro
Haõ de gozar as terras, que amanhamos?
Eiſaqui, ò cruel, civil diſcordia,
Para quem as herdades cultivamos!
Enxerta, Melibeo, enxerta agora
As pereiras, por ordem poem as vinhas;
Deixai-me (antigamente feliz gado)
Deixai-me muito embora ovelhas minhas.
Nunca mais vos verei deitado á ſombra,
Pendurar-vos das rochas eſpinhoſas,
Nenhuns verſos farei paſtando vós
O codeço, e as ſalgueiras amargoſas.

Tityro.

Mas comtudo, tu pódes eſta noite
Em verdes folhas deſcançar comigo;
Temos frutas maduras, queijos freſcos,
E caſtanhas que dá o tempo amigo.
Já das choças as nuvens vagaroſas
De fumo eſpeſſo aos ares vaõ ſubindo,
E da altura dos montes pouco a pouco
Já maiores as ſombras vem cahindo.

ALE-

ALEXIS.

ECLOGA II.

ARGUMENTO.

Coridon abrazado no amor de Alexis, explica-lhe a ſua paixaõ; moſtra-lhe os motivos, por que ſe faz digno de ſeu amor; convida-o a viver na ſua companhia: mas vendo finalmente, que nada conclue, volta a arguir-ſe da ſua loucura. Por Coridon ſe entende aqui a peſſoa de Virgilio, e por Alexis hum ſervo de Poliaõ, de que o meſmo Poliaõ depois lhe fez preſente.

O Paſtor Coridon ardente amava
Ao bello Alexis, mimos, e alegria
De ſeu Senhor; mas ſem menor proveito;
Que igual amor Alexis naõ ſentia.
Porém vinha a miudo entre as copadas
Faias denſas, aos boſques, aos oiteiros
Com inutil cuidado repetir-lhe
Eſtes verſos incultos, e groſſeiros.

O'

O' Alexis cruel, nada te importaõ
Eſtes verſos que eu faço ; Alexis nada
De mim te compadeces ; finalmente
A minha vida queres acabada.
Agora eſtaõ gozando o freſco abrigo
Das arvores ſombrias rudes gados ;
E os lagartos, que tem as pelles verdes,
Se recreiaõ com a ſombra dos ſilvados ?
A ruſtica Theſtiles piza os alhos,
E o ſerpol, que dá cheiro recendente,
E outras hervas, que leva aos ſegadores
Cançados de ſoffrer a calma ardente.
Em tanto que as pizadas, que tu deixas
A' torreira do ſol vou procurando,
Com meu canto, o zunido das cigarras
Os verdes boſques ficaõ retumbando.
Naõ foi melhor ſoffrer acaſo as iras
De Amarilis ſoberba, e deſdenhoſa,
E Menalcas, ſuppoſto que trigueiro,
E tu de huma alva face gracioſa ?
O' Mancebo formoſo, naõ confies
Nas cores nem por alvas, nem por pretas ;
Cahe por terra a flor candida da alfena,
E colhem-ſe as eſcuras violetas.
Abandonas-me, Alexis, nem ao menos
De ſaber quem eu ſeja tens cuidado :
E quam farto, que ſou de níveo leite,
E quam rico, e abundante ſou de gado.
Mil ovelhas, e todas ellas minhas
Nos montes de Sicilia errantes crio :

Freſ-

Fresco leite naõ falta em minha casa
Na quente primavera, e inverno frio.
Aquelles mesmos versos, que entoava
O Dircêo Amphiaõ no monte ameno
De Boecia, chamando o gado grosso,
Tambem da frauta agreste aos sons ordeno.
Nem taõ disforme sou; inda ha bẽ pouco
Me vi na praia estando o mar quieto:
E sendo tu juiz, naõ temo a Daphne,
Se acaso naõ me engana o meu aspecto.
O' agrade-te o vir viver comigo
Nos campos, e no meu humilde aprisco,
E assetiar as corças, e guiar
Os cordeiros ao verde malvaisco.
A meu lado cantando a Pan imita
Pelos bosques. Foi Pan hum dos primeiros
Inventores da frauta: a seu cuidado
Tomou Pan as ovelhas, e ovelheiros.
Nem te enojes, que a frauta te moleste
De alguma sorte o beiço delicado:
Que de cousas naõ fez o nosso Aminta,
Para ser destas prendas adornado?
De sete desiguaes canudos tenho
Huma frauta; Dametas moribundo
Ma deu por prenda, e disse-me espirando,
Della te deixo possuidor segundo.
Isto ouvindo invejou-me o louco Aminta
E de mais dois cabritos musqueados,
Que ao dia duas tetas fartas chupaõ,
N'um valle achei, e tenho-tos guardados.
Mui-

Muito ha já que Thyſtilis por havellos
Mil ſupplicas tem feito deſvelada,
E tal vez os conſiga, pois que vejo,
Que os meus brindes comtigo valem nada.
Vem Alexis: de lirios ceſtas cheias
As Ninfas vem trazer-te: Nais formoſa
Dormideiras te apanha, e violetas,
E do endro, e narcizo a flor cheiroſa.
Entaõ tecendo a caſſia delicada
Com mil plantas na viſta, e cheiro dellas;
Miſtura as brandas flores das violas
Da Caltha co' as florinhas amarellas.
Eu meſmo hei de colher inda com pello
Para dar-te, ao naſcer do novo dia,
Maduros pomos, nozes, e caſtanhas,
Porque a minha Amarilis ſe perdia.
Juntarlhe-hei as ameixas cor de cera
A eſta fruta honrando: e a vós loureiros
Apanharei, e a ti viſinha murta,
Porque juntas lançais ſuaves cheiros.
Ah Coridon, es rude, de teus mimos
Naõ cuida Alexis, nem te capacites.
Que Jolas to conceda, ainda quando
Com dadivas de preço a ſollicites.
Mas ai! q̃ foi q̃ eu quiz? Lancei ás flores
O auſtro imigo, e porcos dei ás fontes.
De quem foges ah tonto? as Divindades,
E Paris habitaraõ já nos montes.
Embora a Deoſa Pallas altas torres,
Que aos ares levantou, contente habite,

A vivenda dos bofques, mais que tudo,
O prazer, e regalo em nós excite.
  Segue ao lobo a leoa de olhos torvos,
O lobo a cabra de lafciva cafta;
A cabra o pafto, Coridon a Alexis,
Que a cada qual o feu defejo arrafta.
  Repara, já do jugo as aravessas
Vaõ levando os novilhos penduradas,
E apartando-fe o fol, a noffa vifta
Faz ir correndo as fombras dilatadas.
  A mim amor me abraza: quem amando
Por prudente confelho fe decide?
Coridon, Coridon, enlouquecefte?
Já tens meio podada no ulmo a vide.
  Naõ he melhor q̃ os ceftos, ou de vimes,
Ou junco dobradiço armados deixes,
Ao ufo neceffarios? Se te foge
Efte Alexis, no mundo ha mais Alexis.

PALEMON.

ECLOGA III.

ARGUMENTO.

MEnalca, e Dameta, Paftores defta Ecloga, altercaõ entre fi, arguindo-fe de acções torpes, e fa-

ctos

ctos injuriosos; e depois desafiando-se, dados penhores, contendem em hum canto ambos, no qual se naõ excedem, segundo a sentença de Palemon, juiz desta contenda.

MENALCA, DAMETA, PALEMON.

Menalca.

DIze, Dameta, o gado, que apascentas,
A quem pertence? Acaso a Melibeo?

Dameta.

Naõ he delle em verdade, mas d'Egon,
Em guarda ha pouco Egon mo cometeo.

Men.

Sempre ovelhas sois gado desditoso!
Pois por este Pastor ambicioso,
Duas vezes cad'hora sois mugidas;
Em quanto elle, temendo preferidas
As minhas qualidades por Neéra,
Terno a affaga, no tempo em que podera
Evitar, que ao rebanho a força encurtes,
E dos filhos o leite ás rezes furtes.

Dam.

Razaõ he, que ſentido algum ſe ponha
Em dizer tanto a hũ homem de vergonha,
Que a querer, d'outras tantas te arguira;
Até ſabemos quem...e cheios de ira
Torvos olhos os bodes affaſtaraõ!
Té o ſacro lugar, e paſto acharaõ
As faceis Ninfas torpe quanto viraõ,
Indulgentes do teu delicto riraõ.

Men.

Foi ſem duvida, quando derrotava
O boſque de Micon, e diſſipava
Com damnoſo podaõ as ſuas vinhas.

Dam.

Ou quando aqui ás faias te ſoſtinhas
No tempo, em q̃ arco, e frauta eſpedaçaſte;
Que tu, perverſo, dadas invejaſte
A Daphne; e ſe tu por outras vias
Lhe naõ foſſes damnoſo, morrerias.

Men.

Que couſas do ſenhor eſperar ſe devem,
Quando os moços ladrões a taes ſe atrevem:
Naõ

Naõ te vi de Damon furtar, malvado,
Hum capro por traiçóes? e alçar o brado
A cachorra Lycifca, mas em vaõ,
E eu gritar, onde vai elfe ladraõ?
O' Tityro, arrebanha o noffo gado,
E tu entre os carriços embofcado?

Dam.

E julgas tu, que dar-me naõ devia
O capro, que co' a frauta, e co' a poefia
Lhe ganhei, porque foi de mim vencido?
Se o naõ fabes, elle era-me devido:
Damon mefmo devermo confeffava,
E que dar-mo podeffe fó negava.

Men.

Tu cantando o vencefte? Em tua vida
Tivefte frauta já com cera unida.
Naõ coftumavas tu, dize ignorante,
Pelas encruzilhadas diffonante,
Ao fom da gaita, a mais defagradavel,
Eftropear o verfo miferavel?

Dam.

Ora pois, queres tu, que alternamente
Qual de nós melhor cante fe exprimente?
Eu ponho efta novilha por apofta;

E

E porque naõ recuſes a propoſta ;
Duas vezes ſe muge em cada dia ,
E co' huma teta ſó, dois filhos cria :
E tu, dize , que offereces em penhor?

Men.

Do rebanho naõ poſſo nada pôr
Em apoſta comtigo : em caſa pai
Tenho , e dura madraſta : hum delles vai
Os cordeiros contarme , ambos o gado
Duas vezes ao dia : neſte eſtado ,
Pois comigo preſumes ter partido ,
Porei penhor de preço mais ſubido.
Eu tenho duas taças trabalhadas
D'Alcimedonte pelas mãos ſagradas ,
Ajuntaſe-lhe em cima por adorno
Huma vide eſculpida em facil torno ,
Por entre huma hera pállida enlaçada
Cinge os cachos por arte delicada.
Humas duas figuras ſe accreſcentaõ
No fundo delles , eſtas repreſentaõ
Huma Conon , e a outra o que primeiro
A's gentes deſcreveo o mundo inteiro ,
E lhes moſtrou o tempo accommodado
A' fouce cortadora , e curvo arado ;
Nem os beiços lhe puz huma ſó vez ,
Bem guardadas eſtaõ.

Dam.

Dam.

. : . . . Tambem me fez
Alcimedonte duas ; por lavor
Lhe poz o brando acanto de redor
A's azas abraçado ; e defcreveo
No meio dellas o fonoro Orpheo ,
Co' os bofques , que ir atraz do canto fez:
Nem os beiços lhe puz huma fó vez ,
Bem guardadas eftaõ ; mas maravilha
Nenhuma tem á vifta da novilha.

Men.

Naõ bufques meios para te efcapares ,
Que hoje irei onde quer, que me chamares;
Só quizera , que o canto ouviffe alguem :
Mas ahi temos juiz : Palemon vem.
Eu farei , que te lembres da contenda ,
E á vaidade do canto dês emenda.

Dam.

Começa pois , fe verfos tens, que digas,
Eu eftou prõpto, nem temo as tuas brigas,
Nem de outro algum : e tu dá-nos ouvidos,
O' vifinho Palemon : nos fentidos
Intimos ifto guarda , que intereffe
Tem maior o negocio , que parece.

PA-

Palemon.

Dizei, e ſobre as hervas nos ſentemos
Neſte ſitio aprazivel, donde vemos,
Que freſca ſombra eſpalha a verde ſelva,
E folhas pare o tronco, o prado relva,
E que a eſtaçaõ convida: verſos diga
Dameta, e ao depois Menalca o ſiga;
Alternas ſejaõ voſſas cantilenas,
Alternos cantos amaõ as Camenas.

Dam.

De Jupiter, ò Muſas, comecemos;
Quanto exiſte eſtá cheio deſte Deos.
Elle faz com que a terra ſeja fertil,
E em grande preço tem os verſos meos.

Men.

Faz de mim grande eſtima o Deos Apol-(lo;
E em meu poder eſtaõ continuamente
Os ſeus dons: os frondiferos loureiros,
E a roxa flor do lyrio recendente.

Dam.

A bellicoſa moça Galatéa
Atira-me com hum pomo; entaõ fugindo
A

A esconder-se se apressa nos salgueiros ;
Mas deseja , que a vista a vá seguindo.

Men.

(accende ,
Pois Aminta , que esta alma em fogo
Por muito seu querer se me offerece ;
E tanta vez , que a turma de meus cáes ,
Melhor que a Delia , Aminta já conhece.

Dam.

Eu tenho para dar á minha Venus
Hum mimoso presente apparelhado ;
Porque sei onde huns pombos voadores
Tem o seu doce ninho fabricado.

Men.

Dez laranjas mandei ao meu mancebo ,
Que d'huma arvore brava fui colher-lhe ;
Hoje dei-lhe o que pude ; mas prometto
D' a manhã outras tantas remetter-lhe.

Dam.

Oh quantas vezes , e que doces cousas ,
Galatéa gentil , ouvi fallar-te !
O' ventos lisongeiros , eu vos rogo ,
Que aos ouvidos dos Deoses leveis parte.

Men.

Men.

Aminta, que me ſerve, que tu moſtres
Sinaes, de que me tens algum amor,
Se em quanto os javalís de ſettas cravas,
Das redes fico ſendo eſpreitador?

Dam.

He hoje, Jola, o dia dos meus annos:
Phylis me manda; e quando eu for matar
A rez em honra á Deoſa das Searas,
Vem-me entaõ a ſeu lado acompanhar.

Men.

Jola, eu amo a Phylis, mais que todas,
Pois chorou quando vio dalli partir-me,
E adeos te fica, adeos por longo tempo,
O' Menalca, me diſſe ao deſpedir-me.

Dam.

O lobo he couſa triſte ás manſas rezes,
As chuvas á ſeara já madura,
A's arvores os ventos, a mim triſtes
As iras de Amarilis bella, e dura.

Men.

Men.

He couſa grata a chuva ás ſementeiras ,
Os medronhos ſaõ doces ao chibato ,
O ſalgueiro he ſuave ás rezes prenhes ,
A mim unicamente Aminta he grato.

Dam.

A minha Muſa , poſto camponeza ,
De Poliaõ alcança altos louvores ;
Apaſcentai , ò Muſas , a novilha
Ao leitor das cantigas dos paſtores.

Men.

O meſmo Poliaõ , chamando as Muſas ,
De fazer novos verſos ſe recrêa ,
Apaſcentai-lhe hum touro , que arremeta,
E que eſpalhe co' os pés a ſolta arêa.

Dam.

Quem te ama , Poliaõ , hum dia chegue
Ao eſtado em que vives venturoſo ;
O mel lhe corra ſempre, e o bravo eſpinho
Naõ lhe falte co' o balſamo cheiroſo.

Men.

Men.

Quem dos verſos de Bavio faz apreço,
De teus verſos, ò Mevio, ſó naõ fuja;
E hum neſcio deſtes cuidadoſo ajunte
As rapoſas na canga, e os bodes muja.

Dam.

O' mancebos, que as flores apanhais,
E os morangos, que a freſca terra cria,
Deſte ſitio fugi; pois jaz occulta
Entre a relva viçoſa a cobra fria.

Men.

Naõ deixeis, q̃ as ovelhas ſe vaõ longe;
Receai-as da margem deſſe rio,
Lá cahio o carneiro, e naõ ha tanto,
Que de agua naõ traga inda o vélo frio.

Dam.

O' Tityro, ſepara as cabras todas,
Que paſtaõ deſſe rio a margem eſcura;
Porque eu meſmo no tempo accommodado
Expiallas irei na fonte pura.

Men.

Men.

Rebanhai as ovelhas, ò Paſtores,
Porque o leite naõ ſeque a calma ardente,
Como ha pouco lhe fez; e as moles tetás
Lhe ordenhemos depois infelizmente.

Dam.

Ai! como eſtá delgado eſte meu touro,
Paſtando em fertiliſſima campina!
O meſmo amor os gados emmagrece,
Que dos ſeus guardadores he ruina.

Men.

Pois do meu a magreira amor naõ faz:
Apenas oſſo a oſſo tem pegado:
Naõ ſei que olho maligno certamente
A meus tenros cordeiros deu olhado!

Dam.

Ora dize-me tu, em qual das terras,
Deſſe eſpaço do Ceo vemos ſómente
Pouco mais de tres varas; porque entaõ
Terte-hei por grande Apollo certamente.

Men.

Ora dize-me tu, em qual das terras
Produz a natureza aquellas flores,
Em que os nomes dos Reis estaõ escritos,
E goza só de Phylis os favores.

Palemon.

Naõ sois vós, que a contenda decidis,
Sou eu, pois me tomastes por juiz:
Ouvir qualquer dos dois he maravilha;
Quer hũ, quer outro he digno da novilha.
E ou guardai-vos de ter doces amores,
Ou provareis o fel dos seus favores:
Fechai pois, ò mancebos, a corrente;
Bebido os prados tem bastantemente.

POLIAÕ.

ECLOGA IV.

O, Musas de Sicilia, levantemos
Hum pouco mais o canto: naõ recreaõ
As florestas a todos, nem a todos
Humildes tamargueiras lisongeaõ.
Se cantamos os bosques, estes bosques
Sejaõ dignos de hum consul; he cumprida
A

A venturosa idade já nos versos
Da Sybilla Cuméa promettida.
Torna o tempo outra vez ao giro antigo;
Vem Astréa ; por nós de novo passa
A idade de Saturno ; e do alto Olympo
A' terra desce de homens nova raça.
Favorece , ò Lucina , ao nascimento
Deste infante , que vem de pólo a pólo
Banir a ferrea idade , e a idade de ouro
Traz ao mundo. Já reina o teu Apollo.
Sendo tu , Poliaõ , sendo tu Consul,
Estas grandes vantagens nos viráõ ;
E os grandes mezes deste alegre seclo ,
No teu tempo a correr começaráõ.
Se inda ha restos em nós do crime antigo.
Sendo tu General , em bravas guerras
Farás que livres desse medo eterno
Respirem para sempre as nossas terras.
Terá a vida dos Deoses,e entre os Deoses
Ha de ver os Heroes , e misturado
Com elles , regerá o mundo inteiro ,
Com as virtudes paternas paziguado.
Mas para ti , menino , sem cultura
Ha de a terra criar a cada canto ,
Verde nardo , entre as heras vagabundas ,
E as colocazias co' risonho acantho.
Haõ de a casa trazerte as mesmas cabras
De branco leite os ubres retezados :
Nem dos grandes leões pelas campinas
Teraõ leve temor os mansos gados.

Naf-

Nascerte-haõ junto ao berço brãdas flores:
As hervas venenosas, e a serpente
Morreráõ; e em vez dellas nascerá
O balsamo da Assyria recendente.
Mas quando tu já leas os louvores
Dos heróes, e que juntamente estudes
De teu pai as façanhas, e que possas
Conhecer o caminho das virtudes.
Pouco a pouco a madura espiga os cãpos
Fará louro, e de incultos espinheiros
Penderáõ roxas uvas; e orvalhado,
Doce mel daraõ duros carvalheiros.
Mas restos ficaráõ da culpa antiga,
Que nos façaõ tentar o mar com barcos,
Muralhas levantar, e dividir
A campina commum com proprios marcos.
Haverá outra Thiphis, e Argos nova,
Que leve os bons heróes: combates duros
Igualmente haveráõ, e o grande Achilles
Irá ver outra vez de Troia os muros.
Mas quando fores já varaõ completo,
Deixará o Piloto o mar patente;
Nem as náos andaráõ de porto em porto:
A terra dará tudo a toda a gente.
Nem ancinhos a terra, nem podôas
A vinha soffrerá, e os lavradores
Robustos soltaráõ do jugo os touros,
E a lã naõ fingirá diversas cores.
De sua natureza pelos prados
Farse-ha vermelho o vélo dos carneiros,

E

E da côr de açafraõ : e livremente
Veſtirſe-haõ da côr ſandia os cordeiros.
Olha o mundo curvado, e com a quéda
Ameaçando terra, mar, e esfera.
Vê como já ſe alegra, e regozija,
Pondo os olhos na idade, que ſe eſpera.
Oh ſe tanto as Deidades me alongarem
O ſpirito, e da vida os fins eſtreitos,
Quanto ſeja baſtante a celebrar
Nos meus verſos os teus illuſtres feitos:
Naõ vencerá meu canto, nem Orpheo,
Nem Lino: poſto a hum a Mãi influa,
A outro o Pai: embora a Orpheo Calliope,
E a Lino empreſte Apollo a lyra ſua.
O pequeno Menino principia
A diſtinguir no riſo a Mãi formoſa,
A Mãi, á qual no ventre longos mezes
Déſtes nojos, e vida trabalhoſa.
O pequeno Menino principia,
Aquelle que os naõ vio com ledo aſpeito,
Nem o Deos o julgou da meza digno,
Nem a Deoſa o julgou digno do leito.

§ XI.

Mediante eſte trabalhinho, e findo elle, fui eu ſempre continuando em funções de guitarra, ora em Sendelas, ora em Lorvaõ, ora em Cellas,

O ora

Cora nas Torres, e finalmente por Coimbra, e ſeus redores, adquirindo o nome de heróe, mas de heróe manſo, amante da paz, e inimigo de funções prejudiciaes á alma, ao corpo, e á bolça que tinha, mas em hypotheſe.

§ XII.

Eu tinha muitos amigos, e nelles tinha tudo; e ſe alguma couſa me faltava para os meus projectos de formatura, era que elles naõ eſtiveſſem a ponto de formar-ſe; o que ſuccedia no anno ſeguinte, e eu ficava como o eſpargo no monte: mas Deos, que parece o queria, deparou-me logo a chegada de D. Joſeph de Almeida, filho da Excellentiſſima Caſa do Lavradio, que em annos curtos, e corpo pequeno, accommoda hum coraçaõ maior, que elle meſmo: os agazalhos, que me fez, e as muitas promeſſas acompanhadas de dar muito, fizeraõ criar-me eſperanças quaſi irmãs da certeza de voltar de Coimbra Bacharel formado, dignidade á qual

eu

eu entaõ aſpirava com mais ancia do que hoje á Béca do Deſembargo do Paço. A ſua porta ſempre para mim ſe achou aberta : eu na ſua caſa fazia mais aſſiſtencia , do que na minha : alli comia , alli bebia , e ſó naõ dormia, por ſerem caſas que mal chegavaõ para a ſua familia. Se queria livros , alli os tinha ; ſe queria veſtir , alli o tinha ; e finalmente alli tinha dinheiro todas as vezes que o queria : nem eſtes elogios ſe pódem chamar adulaçaõ , porque eu já me formei , vivo na minha patria , e naõ quero dependencias em Lisboa ; e ſe alguem tiver eſta deſconfiança , ſaiba ſer ſeu amigo , ſaberá como he D. Joſeph de Almeida.

§ XIII.

Neſte eſtado pois já eu me ria com a boca toda , e naõ me eſpantava quando os arrieiros da Sofia me chamavaõ Senhor Doutor. Eſte Fidalgo foi quem me reſolveo a ſer Author ; porque vendo hum Idilio , que eu tinha feito á dita Marcia , dada em mercia ,

quiz que eu o fizeſſe imprimir, e he o tal, que atraz no § V. prometti apreſentar nas minhas Rimas, o qual eſcrevo aqui, por me parecer eſte hum lugar mais accommodado. Eilo ahi vai.

IDYLIO I.

ERa alta noite, e os ventos rugidores,
Por entre os baſtos ramos murmurando,
Faziaõ triſte o boſque: dos Paſtores
Naõ ſoava o tumulto: ſó bradando
Ao longe o mar na vaſta praia fria,
De mais horror o fundo valle enchia.

II.

Da Lua prateada os raios froxos
Pelo eſpelho das ondas reluziaõ,
E das lapas fragoſas triſtes mochos
Ao ſom do vento lugubres gemiaõ:
Os rios de altas fragas eſtalavaõ,
Garrulas rás os lagos atroavaõ.

III.

Humana voz nos montes naõ ſoava;
Todo o Paſtor na choça adormecido
Das

Das fadigas do dia deſcançava :
Só no meio da noite o triſte Alcido ,
A quem deſcanço amor já mais conſente ,
Suſpirava da ſua Marcia auſente.

IV.

Dos Paſtores fugia , e por vontade
Nas deſertas montanhas habitava ;
Onde á força de ardente ſaudade ,
Noite , e dia ſuſpiros eſpalhava :
Vozes a que no horror da noite fria
Ecco ſómente ao longe reſpondia.

V.

Com tremula expreſſaõ d'amor naſcida,
Começava a queixar-ſe, e ao meſmo inſtãte
A lingua preza , a voz interrompida
Naõ deixavaõ ſeus ais paſſar avante ;
Só Marcia a muito cuſto proferia ,
E nas faces o pranto lhe cahia.

VI

Marcia torna a dizer mais forte Alcido ;
E os cavados penhaſcos encontrando ,
Taõ doce nome torna ao ſeu ouvido ,
E vai de monte em mo nte reſoando !

Mar-

Marcia clama o Paſtor, e os fundos valles
Dizendo Marcia, avivaõ mais ſeus males.

VII.

Até que no ſeu pranto allivio achando
A' ſuſpenſaõ, que a voz lhe ſuffocava,
Miudamente ainda ſuſpirando
Ao ſom rouco de hum rio, que paſſava;
Onde eu ſó, por acaſo a voz lhe ouvia,
Começou de queixar-ſe, e aſſim dizia:

VIII.

Ah Marcia, linda Marcia, tu contente
Talvez paſſes o tempo, em que eu padeço,
E te entregues ao ſomno indifferente
Na lembrança de Alcido! aquelle exceſſo
De ſaudade, a que amor me tem levado,
Julgo por ti já mais terá paſſado.

IX.

Talvez que nos ſerões da noſſa aldêa
Em jógos divertida a noite paſſes,
E que Alcido naõ ſuba á tua idéa;
Ou quando ſuba, pouco te embaraces,
Que elle prove os revézes da ventura,
Que viva alegre, ou cheio d'amargura.

Quan-

X.

(nho
Quando eu trifte bufcando a terra eftra-
Os meios de gozar-te aproveitando ,
Da barbara indigencia expofto á fanha
Meus dias vagarofos vou paffando ,
Qual lavrador , que sûa hum anno inteiro,
Para hum dia entrar ledo no celeiro.

XI.

Mas quando virás tu , ò feliz hora ;
Em que findo o degredo em que me vejo ,
Veja o rofto da mais gentil Paftora ,
Que vio o Lima, o Liz , o Douro, e Tejo?
Ah! que inda naõ femêa o feareiro ,
E ha de o trigo encanecer primeiro.

XII.

Inda o bofque de folha eftá cingido ,
E primeiro que chegues , pela terra
Ha de lançalla , e de outra fer veftido ;
Inda fe ha de ver nûa , e verde a ferra ,
E cedendo ao veraõ , e inverno frio ,
Ha de turvo correr , e manfo o rio.

XIII.

XIII.

E talvez, q̃ vencendo o meu trabalho;
Resiſtindo a meus fados violentos,
Bem como em monte erguido alto carva-
lho,
Expoſto ás furias dos ferozes ventos,
Torne a ver-te, e te encontre, ſementida;
Das promeſſas dos votos eſquecida.

XIV.

Mas, Paſtora, primeiro a deſventura
Diſpare raios, morra embora o gado,
Os meus campos naõ s'enchaõ de verdura,
Veja-me inda em mais triſte, e pobre eſta-
do;
Que iſto póde huma vez recuperar-ſe,
Mas outra, como tu, naõ póde achar-ſe.

XV.

Oh quanto me poſſuem meus enganos!
Mas es tu, Marcia, aquelle peito forte,
Que dá provas de firme ha tantos annos,
Contra os lances da minha infauſta ſorte?
Es firme; mas minha alma ao mal affeita,
Inda o que he bom ſe troque e mal ſuſpeita.

XVI.

XVI.

Temo por iſſo meſmo, porque amante
Me eſtimas, tente a minha ſorte dura
Da virtude eſquecer-te de conſtante:
Naõ porque a tua fé naõ ſeja pura;
Mas como della pende o ſer ditoſo
Alcido o teu amante deſditoſo:

XVII.

Receio que a diſtancia, que tem ſido
(Segundo a fraſe de anciáos Paſtores)
A cauſa de ſe terem divertido
A nova parte tantos amadores,
O principio fatal ſeja de agora
Te eſqueceres de mim, gentil Paſtora!

XVIII.

Mas naõ diſcorro bem; eu, me parece
Ouvir a tua voz, e reprimir-me:
Eu te eſcuto, ò cruel, tudo te eſquece?
» Soube, Marcia, já mais naõ ſer-te firme?
» Naõ tens já mil exemplos, que a diſtancia
» Duvidoſa naõ fez minha conſtancia?

XIX.

» He eſta a vez primeira , que apartado
» De meus olhos te vês na alheia terra ?
» Acaſo meu amor viſte mudado
» De teus rivaes expoſto á dura guerra ?
» Dize-o tu meſmo , he eſta a vez primeira
» Que vàs apaſcentar n'outra ribeira ?

XX.

Alcido, louco Alcido, que mais queres?
Naõ crêas nos adagios dos Paſtores ,
Que as Paſtoras , nem todas ſaõ mulheres!
Naõ muda Marcia , Marcia he teus amores ;
Antes ella ſe teme , que a diſtancia
Talvez te apague a fé , mude a conſtancia.

XXI.

Com razaõ diſcorreras deſta ſorte ,
Zeloſa Marcia , a naõ te recordares
Ter-te dado de amor prova a mais forte ,
Vivendo em remotiſſimos lugares ;
O freſco Arunca , que habitei primeiro,
Sabe ſe o meu amor foi verdadeiro.

XXII.

Quantas vezes nas margens recoſtado,
A' ſombra do alto arbuſto, que as guarnece,
Teu nome repeti! inda gravado
De huma faia no tronco permanece:
Marcia bella, eu o vi, eu o beijei,
Quando paſſado tempo alli tornei!

XXIII.

O rugidor Alcoa, o freſco Baça
Teſtemunhar-te póde eſta verdade,
Margens aonde amor almas enlaça
Com tal geito, com tal ſuavidade,
Que ſe eu de teus bons olhos me eſquecera,
Quantas vezes de novo me prendera!

XXIV.

A ſerra, que à de Cynrhia eſtá fronteira,
Taõ celebre por ſeus novos Paſtores,
Póde ſer teſtemunha verdadeira,
Se acaſo Alcido teve outros amores:
O Tejo o diga, dizi-o tu Mondego,
Em cujas margens vivo ſem ſocego.

XXV.

Nem eu , Marcia , de ti queixar-me devo ,
Nem tu , Marcia , do desgraçado Alcido ;
A tanto , minha amada , naõ me atrevo :
Só me queixo do fado endurecido ,
Que faz com que eu naõ possa em braços ter-te ,
Sem passar pela magoa de naõ ver-te.

XXVI.

Ao longe estendo os olhos , naõ alcanço
Os fundos valles onde te avistava ,
Nem da fonte o pacifico remanço ,
Onde comtigo ás séstas conversava ;
Sim vejo campos frescos dilatados ,
Mas naõ vejo teus olhos engraçados.

XXVII.

Aqui tambem murmura a fonte fria ;
Tambem daõ sombra os alamos frondosos;
Alegra o bosque a doce melodia
Das aves innocentes sonorosas ;
Os Pastores descantaõ ; mas , Pastora ,
Onde tu naõ estás , graça naõ mora.

XXVIII.

Isto em vez de alegrar-me, me entriste-
ce;
Tudo me enche de horror, pois te naõ ve-
jo!
Só quando sobre a terra a noite desce,
Ouso sahir; que em fim até me pejo,
Entre tanto Pastor affortunado,
Ver-me eu só da tisteza dominado!

XXIX.

Unico allivio de meu mal penoso
He, vendo a terra em sombras envolvida,
Chorar ao som do rio caudaloso,
Que a funebre tristeza me convida:
Onde em teu lindo gesto imaginando,
Lhe vou com pranto as aguas misturando.

XXX.

Assim consumo os meus pezados dias,
Assim as noites passo afflicto, e triste,
E se alegre comtigo lá me vias,
Quam differente estou do que me viste!
Vem, e conhecerás do meu estado,
Se Alcido vive, ou naõ de ti lembrado.

XXXI.

XXXI.

Mas ah, porque me canço? a quem confio
Os meus males, a minha desventura?
Se só me attende a margem deste rio
O valle escuro, a penha erguida, e dura!
Alcido, Alcido, Marcia naõ te escuta
Outra vez te recolhe á funda gruta.

XXXII.

Disse, e logo o caminho foi seguindo
Para a concava gruta onde habitava;
Da sua Marcia o nome repetindo,
Muitas vezes os passos demorava,
Para ouvir resoar na margem fria,
Do ecco a voz, que Marcia repetia.

§ XIV.

A ediçaõ foi de mil, e mil gastei em cinco mezes, vindo a lucrar huns bons tostões; porque foraõ espalhados sem preço, e deixados ao arbitrio, e generosidade de cada hum, devendo confessar, que em razaõ de seu valor, naõ só naõ achei cafres, mas

mas prodigos da primeira ordem, com o unico diſſabor de achar heróes que empatando a minha heroicidade, pagando-mos bem, era depois de contratarem com o dinheiro, que me queriaõ dar, até me pagarem o valor da obra pelos reditos delle. Eſte peculio quaſi caſtrenſe, na falta de todos os outros, remio muito as minhas neceſſidades; porque já devia algumas bagatellas, naõ ſó em Coimbra, mas em Lisboa, e muito depreſſa ſe foi; porque dinheiro na minha maõ he ſebo em nariz de caõ. Com tudo ſempre comprei livros, e dei hum dote de vinte mil reis para huma orfã com pais, e mãis vivos, natural da Maiorga, lugar que ſe aſſenta entre Montemór, e a Figueira; além de pagar nos botequins as generoſidades, que nelles me haviaõ ſido feitas, para que ninguem os attribuiſſe aos canſaços da minha guitarra, ou ſe perſuadiſſe, que o meu manſo heroiſmo as pertenderia exigir por hum modo, a que o vulgo chama de tolã.

Já

§ XV.

Já neste tempo naõ só cantava eu improvizando, mas tambem era perseguido pelo canto de varias Odes Anacreonticas feitas á mesma Marcia, ás quaes ao som da guitarra tinha feito tonadilhas proprias; e como aqui naõ as posso cantar aos meus leitores, ahi lhas envio rezadas, com as rubricas de cada huma.

Depois daquelles suores, que com riso do mundo velho correm pela cara abaixo, a quem endemoninhadamente quer fazer seu o coraçaõ de huma Pastora, a pezar de eu estar persuadido, que no coraçaõ da dita Marcia tinha posse de anno, e dia, recebi huma travessura com seus privilegios de dureza, que me obrigou a lançar em papel a Ode seguinte.

ODE

Ao aſſumpto propoſto.

AMor vive n'alma
De Marcia eſcondido,
E Marcia em Amor
Se tem convertido.
  Dos olhos o Deus
As ſettas nos chove;
Se falla, Cupido
A lingua lhe move.
  As Graças de roda
As azas pulſando,
Dos beiços roſados
Se eſtaõ pendurando.
  A's vezes as tranças
Lhe ennaſtraõ com flores,
Que alegres miniſtraõ
Contentes amores.
  Rendidas vontades
Aos pés lhe ſuſpiraõ,
Ardentes deſejos
Em torno lhe giraõ.

Mas tanto as lições
Tem delle aprendido,
Que até se fez duro
O novo Cupido.

Como isto de quem ama dá tanto com o pé na pêa, que naõ se lembra de outra cousa, e o objecto de que se lembra, ou seja bonito, ou feio, sempre se lhe pinta bonito; por isso me acontecia o mesmo que a D. Quixote com a sua Dulcinéa, e preoccupado da belleza, que lhe suppunha, ou que tal vez tenha; porque eu naõ quero senaõ verdade, e mais verdade; fizlhe o seguinte retrato, que estando agora aqui em papel, e tinta, metia-me entaõ o démo em cabeça, que era vera effigies. Ora eilo ahi vai.

ODE.

PInceis escolhe,
Tempéra as cores,
Vê se retratas
Os meus amores.

Pin-

Pinta-lhe negros
Longos cabellos,
E nelles prende
Amor, e zelos.
Pinta-lhe a frente
De neve pura,
As ſobrancelhas
De tinta eſcura.
Os lindos olhos,
Olhos taõ bellos,
Naõ ſei dizer-tos,
Nem tu fazellos.
Pinta-os de Venus,
Pintor divino!
Poem-lhe hum olhar,
Como te enſino.
Olhar, que ſó
De hum leve aceno,
Deixa rendido,
Grande, e pequeno.
Pinta-lhe as faces,
Faces mimoſas,
De huma miſtura
De leite, e roſas.

Os beiços rubros,
Onde diviſo
Sempre pendente
Hum doce riſo.
Pinta-lhos groſſos,
Que aſſim os tem,
E as ricas perlas
Nos moſtraõ bem.
O lindo collo,
Onde repouſa
Tanta belleza,
Quem pintar ouſa?
Quem pintar póde
Seu branco peito,
Onde Amor vive
De amor desfeito?
Pinta-lhe ao menos
Nevados braços,
Sempre negando
Ternos abraços.
Mas tu ſuſpiras?
Treme-te o braço?
Pinta, naõ temas,
Pinta o regaço.

Inda suspiras,
Douto Pintor?
Já seu retrato
Te inspira amor?
Ah se avistaras
Como avistei,
Prezo ficaras,
Como fiquei!

Como os seus olhos podiaõ muito comigo, estava eu persuadido, que o mesmo poder tinhaõ naõ só com os outros homens, mas com os mesmos Deoses; e por essa razaõ he que lhe fiz a Ode seguinte.

ODE

Aos ditos olhos.

NO tronco d'hum freixo,
Que sombra lhe dava,
Seu arco temivel
Amor pendurava.

Can-

Cançado Menino
O corpo eſtendia,
E junto á dourada
Aljava dormia.
E Marcia riſonha,
Que o vio a dormir,
Roubou-lhe arco, e ſettas,
E deu a fugir.
Acorda ao motim
De ſuas riſadas,
E poem-ſe a carpir
As armas roubadas.
Entaõ Cytheréa,
Seu roſto affagando,
Lhe diſſe: Naõ chores,
„ Que ella anda brincando.
„ Sós pódem ſeus olhos
„ Mil almas render:
„ Ah! foi traveſſura,
„ Lá tas vem trazer.

Em certa occaſiaõ argumentando ambos ſe o tal criança chamado Amor, ou Cupido, ou o que quer que ſeja, paga bem, ou mal a quem o ſerve, pe-

peguei na penna, e produzi a seguinte

ODE

Sobre esta circumstancia.

A Huma fonte,
Que murmurando,
Plantas, e flores
Vai salpicando.
A bella Marcia
Chegava hum dia,
E sua face
Nas aguas via.
Amor, que alegre
No bosque errava,
Tambem no fundo
Se retratava.
Ella por vê-lo,
Seu rosto erguia;
Mas o Menino
Se lhe escondia.
E tanto mais
Ella o buscava,
Tanto mais elle
Se lhe occultava.

Até

Até que Amor
Seu arco tira,
E ſetta eſcolhe,
Qu'a alma lhe fira.

A hum tempo, Marcia
A frente erguia,
E Amor a farpa
Lhe deſpedia.

Marcia, ſuſpiras?
(Brada o traidor)
He o que tira,
Quem buſca Amor.

Em contrapoſiçaõ deſtas feridas, que poeticamente lhe fiz entrar no peito por maõ de Cupido, e viſto que nunca quiz para mim o que naõ quero para os outros, fiz a mim proprio o preſente de outras que taes na ſeguinte

ODE.

AMor, que ſem fruto
Me tinha atirado,
Ao férvido Etna
Caminha apreſſado.

Alli

Alli de ſeu Pai
As ſettas obteve,
Com que té os Deoſes,
A ferir ſe atreve!
Affoito me buſca,
A aljava deſpeja,
Sem que inda a minha alma
Renderſe-lhe veja.
A Paphos ſe eleva
De Venus morada,
Seu arco partido,
A aljava eſgotada.
Lá junto da Mãi,
Carpindo-ſe adeja,
E a face divina
Lhe molha, e lhe beija.
A cauſa do pranto,
Os fins deſta affronta
Affêa, ſoluça,
E tremulo conta.
A Mãi, nos ſeus braços
O filho encoſtando,
Da teſta os cabellos
Co' a maõ arredando.

Affa-

Affavel a beija,
E diz-lhe: Menino
„ Vai, moſtra-lhe Marcia,
„ Renderás Francino.
Dos braços o ſolta,
O voo deſpede,
Que ás ſettas velozes,
E ás balas excede.
A linda Paſtora
Me vem preſentar;
E ao vella, de amor
Me ouvio ſuſpirar.

Como ella ordinariamente levantava queſtões, foi entre muitas o argumentar, que nome era mais bonito, verbi gratia ſe o de Sancha, ſe o de Martinha, ſe o de Benta, & ſic cæteris, reſolvi eu logo, que o nome mais bonito era o ſeu della; e teimando ella que naõ, e eu que ſim, deu eſte argumento materia á Ode ſeguinte

ODE

ODE

Ao nome de Marcia.

PEnſando em Marcia,
Como coſtumo,
No campo andava,
Qual náo ſem rumo.
Naõ ſei por onde
N'um boſque entrei,
Aonde troncos
Sómente achei.
Triſte lugar
Inhabitado,
Onde naõ vi
Paſtor, nem gado.
A hum lizo tronco
Entaõ cheguei;
Nelle co' plectro
Iſto entalhei:
„ Se humano errante
„ Aqui chegar,
„ Teu lindo nome
„ Poſſa aviſtar:

Eſcre-

Eſcrevi Marcia,
E de redor
Lhe abri contente
Fino lavor.
O boſque em tanto
Sinto movido,
De ter teu nome
Deſvanecido.
Pállido os olhos
Volto ao ruido,
E ſobre as azas
Vejo Cupido.
Ao tronco baixa
Em vôo brando,
Beija teu nome,
E vai voando,

Os ſeus olhos, que entaõ julgava melhores que os de Venus, faziaõ-me crer que tinhaõ tantos cativos quantos os aviſtavaõ, e ſempre me parecia que a ſua viveza era mais energica olhando para os outros: a eſte aſſumpto fiz a Ode que ſe ſegue.

ODE

ODE.

NAõ he taõ bella,
Naõ tem mais luz
A clara eſtrella,
Que o Sol conduz,
  Do que os teus olhos,
Donde Cupido,
Settas chovendo,
Me tem rendido.
  Teus lindos olhos
Quem os aviſta,
Que força tenha,
Que lhe reſiſta!
  Se ao campo ſahis
Feras hirſutas
Deixaõ, por vê-los,
Concavas grutas.
  Prendem-ſe as fontes,
E mais ſuaves
Dos ramos cantaõ
Sonoras aves.
  Marcia, que Ninfa,
Bella que ſeja,
Naõ fica ao vê-los
Morta de inveja?

Ai

Ai lindos olhos!
Ai quem vos vira,
Sem que ciumes
N'alma ſentira!

Raiando ao mundo o dia em que eſta Paſtora cahio aos pés da Mãi, que a pario, fiz aos ſeus nataes a Ode, que ſe ſegue, por ſer tributo indiſpenſavel de quem faz verſos, e tem amores. Eila ahi.

ODE.

CRoa-me a taça
De verde louro;
Deita, Damitas,
Vinho do Douro.
Filho de Venus,
Deos dos amores,
Hoje brindemos
Seus paſſadores.
Eu te ſaûdo,
Hora goſtoſa,
Em que naſceo
Marcia formoſa.

Ho-

Hora que eſpantas
Feia triſteza,
E enches de riſo
A natureza.
Hora em que as Graças
Cantos ſoltando,
Berços de flores
Te eſtaõ formando.
Dá-me eſſa taça:
Salve, bom dia,
Em que naſceo
Minha alegria.
Ah que os Amores,
Arcos voltando,
Sobre eſta meza
Vem-ſe apinhando!
Licor entorna
Nos criſtallinos
Copos, Damitas;
Bebei meninos.
Saudai comigo
A hora ditoſa,
Em que naſceo
Marcia formoſa.

Ai que ſeus olhos
Vaõ-ſe impiſcando!
Baccho os enlaça
Em ſomno brando.
Velai ſem medo,
Caros Paſtores,
Que ebrios reſonaõ
Feros amores.
Mas naõ, temei-vos
Da chamma impia,
Que ſe eſtes dormem,
Marcia vigia.

Eſtas, e outras, que os tempos engoliraõ, e de que naõ ha fumos, nem raſtos, foraõ feitas á dita Paſtora, em quanto ella me naõ fez a desfeita de arrancar de ſi o amor que me tinha, e empregallo em quem lhe pareceo que mais lho merecia. A lingua de Cicero naõ levou mais picadas, que o meu coraçaõ, naõ pela perda, mas pela affronta de me ver preterido. Por eſta razaõ como o deſpique dos Militares conſiſte na eſpada, e o dos Poetas na lingua, e na penna, em carta fechada lhe arrumei ás ventas a ſeguinte CAN-

CANÇAŎ

Aos bons feitios, que me fez a dita Senhora.

AH Marcia deshumana, ah fementida,
Peito mais duro, do que o bronze duro,
Se julgas para amar extenſa a vida,
Quem póde em teu amor viver ſeguro?
Ah Marcia deshumana,
Crocodilo enganoſo, fera hircana,
Onde eſtaŏ as promeſſas, que algum dia
A tua alma affectada me fazia,
Quando as máos para o Ceo erguidas pu-
nhas,
Dádo os Deoſes, e os Ceos por teſtemunhas
Da ſua duraçaŏ? Naŏ me diſſeſte,
Quando aſtuta em cadêas me prendeſte:
» Nunca, Francino, o tempo eſtragador
» Fará leve mudança em meu amor?
Ah, e quanto iſto he facil de dizer-ſe!
Parece eſcurecer-ſe
O dia pouco a pouco, a noite deſce,
A noite intempeſtiva, e ſe eſclarece
A's vezes com relampagos brilhantes!
Lá ſe eſcutaŏ nos Ceos, inda diſtantes
Rebramarem trovóes aterradores:
Treme, cruel, dos Deoſes vingadores!
Tu me diſſeſte, oh como eſtou lembrado!

Que eſtimavas em mais o pobre gado,
Que meſquinha a ventura me entregara;
Que o daquelle, q̃ immenſos campos ara;
Que comigo contente viviriás;
Que outra alguma ventura naõ querías!
Que amavel expreſſaõ!
Mas quanto deſmentio na execuçaõ!
Já, cruel, o meu gado naõ te agrada,
Já comigo naõ es afforrunada,
Já fórmas, com ligeiro penſamento,
Salas no ar, carroças ſobre o vento!
Já do fundo da miſera choupana,
Acreditas que deſde o Guadiana
Té áo Douro, e do Douro até ao Tejo
Tudo reges, e cumpre o teu deſejo;
Mas naõ crêas a vaga fantaſia,
Que inda es a meſma que eras algum dia.
Inda hũ pobre pellico, inda hũ cajado,
Huma choça de palha, hum breve gado
Faz a tua ventura, inda as ſearas
Te verdejaõ no campo muito raras!
Mas ſe outros novos mundos imaginas,
De hum Etonte te agarra ás ſoltas clinas,
Vôa lá, dominando o mar, e o vento;
Vive lá, que eu com eſte me contento.
E aqui livre de ver-te, e a teus enganos,
Alegre paſſarei aquelles annos,
Que dar-me te lembrou de liberdade.
Adeos Marcia, receia a Divindade,
E depois de medir taõ longo eſpaço,

Eſ-

Esquece-te de mim, que o mesmo faço.
Se vires a perjura,
De seus olhos fugir, Cançaõ, procura.

SONETO

A' mesma bagatela.

ORa que Marcia ingrata me deixasse
Depois de me estimar, como dizia!
E que obra de tres lustros n'um só dia
Com seu braço a fortuna arruinasse!
Se eu ás minhas promessas lhe faltasse,
Desculpa a deshumana vil teria;
Mas eu, que naõ faltei? Foi tirania,
Que amor de tantos annos malograsse!
Que hei de agora fazer? Sim me procura,
Eu a estimo inda agora; mas entaõ
Amar quem me deixou naõ he loucura?
Constancia, afflicto, e honrado coraçaõ,
Naõ queiras prevaleça a formosura
Aos dictames da honra, e da razaõ.

Passados alguns tempos acabou-se a minha magoa, e esqueceo-me de tal modo aquella, que dantes nunca me esquecia; que quando me lembrava, ria-me della, e do que me

tinha feito ; e entaõ ſó lhe fazia Odes, como verbi gratia, as duas que ſe ſeguem.

ODE

Em melhor tempo.

SE á freſca ſombra
Me vou deitar,
E o penſamento
Deixo voar,
Logo me pinta
Rotos os laços,
Marcia riſonha
Em outros braços.
Pinta em ſeus olhos
Volver mimoſo,
Olhos que vertem
Pranto enganoſo !
Pinta-me a boca,
Com que perjura
Jurou mil vezes
A fé mais pura.

Lo-

Logo me aponta,
Por magoar-me,
Ao ſitio aonde
Vinha fallar-me.
Lagrimas triſtes
Derramo entaõ:
Pois quem reſiſte
Ao coraçaõ!
Eis de repente
Tempéro a lyra,
Invoco a Baccho
Antes que a fira.
Foge a meus olhos
A ingrata bella,
Secca-ſe o pranto,
Rio-me d'ella.

Quid ſequitur

Tanto que eu bebo
Na noite fria,
Deſtes licores,
Que o Douro cria.
Nem as riquezas,
Nem as privanças,
Me deſafiaõ
Vãs eſperanças!

Dos

Dos Reis a ſorte,
Poſto elevada,
Na minha idéa
He fumo, he nada.

Mal que o Deos Baccho
Entra a girar,
Ares mais livres
Vou reſpirar.

Fugindo logo
Vaõ apreſſados
Dentro do peito
Feios cuidados.

De Marcia ingrata
Entaõ me eſqueço,
E entre os cópos
Rindo, adormeço.

E alfim, meus amados leitores, aqui ſe acabou a comedia intitulada: Amores de Marcia com Francino, e os verſos de Francino para com Marcia.

CAPITULO IV.

§ I.

LEvado o tempo da fórma que eu dizia atraz, chegou-ſe o de ferias, e eu voltei outra vez á minha patria, aonde brinquei os farrapos, e fui entrementes a Lisboa viſitar D. Joſeph de Almeida, que alli meſmo me fez o coſtumado agazalho, e em huma ſerie de brincadeira gaſtei hum mez, no qual me aconteceo o ſeguinte.

§ II.

Aſſiſtia em Belém hum ſujeito, que eu vi huma unica vez, e cujo nome já me varreo, o qual ſe moſtrou muito meu amigo, e me convidou para huma grande funçaõ, que em certa noite havia em ſua caſa: moſtrou empenho, em que eu foſſe, e deu-me as confrontações em hum papel: prometti eu, e no dia aſſignado cheguei ao Caes da pedra pelas ſeis horas da tarde, e meti-me em hum bote,

bote, conselho que naõ dou a gente viva. E porque?

§ III.

Quando sahimos do Caes, promettia o Tejo, e o vento huma maré de rosas, e nós cortava-mos as ondas, observando o prospecto da Cidade, ouvindo o trupe zupe, trape zape dos calafates, e indagando a diversidade de bandeiras, que tremolavaõ nas poppas, e mastros dos navios, vendo ao mesmo tempo a desconcertada escaramuça, ou contradança de botes, fragatas, moletas, e outras similhantes embarcações, que formigaõ pelo Tejo á maneira dos argueiros, e insectos mimosos, que se observaõ na restea do Sol, que entra por buraco de janella fechada em casa aonde ha só huma.

§ IV.

Assim hiamos nós, e em hum socego tal, que acordados, e observando, parece que nos conduziamos em hum somno morno: eis se naõ quando (ò santo nome de Jesus!) entraõ

traõ a arripiar-ſe as aguas, começa a creſcer o vento, e alli meſmo defronte de Alcantara deu de ſubito na véla; e ſem appellaçaõ, nem aggravo, tombou o inſignificante baixel, apreſentando comigo de molho: valeo-me o ſaber nadar, e o irmos terra terra, para onde me arrojei, e aonde ſurgi feito frangaõ enſopado, e taõ embuçado em lodo, que para me pôr em pé cuſtou-me iſto ameixas de conſerva; pois taõ avultado era o pezo que tinha, pelo que toca á molha, e pelo que diz reſpeito ás diverſas immundices com que me apeguei naquelle conflicto.

§ V.

Conduzi-me logo a huma lója de bebidas, que era viſinha da ponte, na qual ſe achava alguma gente, a quem a minha figura fez dó, e moveo a riſo; e eu meſmo conſultandome a hum eſpelho da caſa, ainda lhe achei mais motivo para o riſo, do que para o dó, que lhe ſuppunha: bebi agua ardente, e encaminhei-me

ao

ao rio , o qual me ſervio de Jordaõ para a minha lavagem externa ; e taõ pouco era o lodo , que em mim tinha , e de ſi taõ alvo , que as aguas ſe tornaraõ de modo , que entaõ ſe lhe podia chamar com juſtiça , e ſem alcunha , naõ o rio de Alcantara , mas ſim o rio Negro.

§ VI.

Poſto eu neſta galante figura , e vendo que tanto trabalho me dava o ir para Belém , como para Lisboa , deliberei-me a deixar a funçaõ do meu incognito amigo , e a voltar para onde tinha algum fato , com o ſoccorro do qual me livraſſe daquelle banho mixto em que eſtava : parti por alli fóra , e cheguei a Lisboa já noite fechada , e moido como hum ſal , pela razaõ de naõ ſer coſtumado a cargas , e levar entaõ ſobre mim pelo menos o pezo de tres barrís de agua ; e hum ceſto cogulado de lama , fóra a que já tinha demitido de mim ; e o chapeó , e huma bengala , que o padre Tejo ainda me eſtá devendo , e a

quem

quem naõ tenho feito citar, por ser de jurisdicçaõ alheia. Rio-se muito com esta historia, e eu com ella fiquei zangado de modo, que passados tres dias parti para Obidos, sem que me resolvesse a tornar mais ao Caes da pedra, ficando-me dentro do coraçaõ contra botes hum tal odio, de que escrupulizo, se devo ou naõ devo confessar-me.

§ VII.

Mais de oito dias cheirei a marezia, e tirei lodo do cabello; e por fim de contas, arcou comigo huma salsugem, que naõ lhe faltava para sarna dois escropulos e meio, de maneira que mais de hum mez naõ fiz outra cousa senaõ tocar arpa, acontecendo muito a miudo supprir a fraqueza das unhas com a ajuda de hum caqueiro.

§ VIII.

Brincando, e coçando-me, appareceo o mez de Outubro, na enfiada dos outros mezes, e parti para Porto de Mós, e fiz a primeira escala em

em caſa do meu amigo Antonio Neto, a ſegunda na Cidade de Leiria em caſa de Miguel Luiz de Ataide, a terceira em Pombal no agazalhador albergue do meu Marques de Couto, e a quarta, e ultima em Coimbra no apoſento dos Farias de Alcorochel. Eſta jornada naõ teve outra heroicidade mais do que partir de Obidos com ſetecentos e vinte, fazer as deſpezas neceſſarias, e chegar a Coimbra com nove mil e oito centos forros de portagem, e ſizas.

§ IX.

Como tinha os meus papeis aviados, ſaquei da minha ſeis de quatro, e por meio da matricula me conſtitui eſtudante do primeiro anno juridico, para o qual já tinha os meus preciſos Compendios, e Expoſitores eſcolhidos, e até eſtudado nas ferias as definiçöes do primeiro livro das Inſtitutas, e lido meus taçalhos de Martine, & ſic de cæteris. E como entro agora a figurar como eſtudante do primeiro anno, ou novato, que tudo

do vem a ſer o meſmo, por iſſo o reſervo para o ſegundo Tomo, como já diſſe no Prologo deſta importante obra.

E porque alguns poderáõ reparar que até aqui tenha eſcrito factos, que talvez julguem menos heroicos, reſpondo-lhes com Tacito: *Suum cuique decus poſteritas rependet.*

FIM DO I. TOMO.